

A OBRA INACABADA

Os Caminhos do Mestre Maçom
além do Terceiro Grau

REAA e REAL ARCO



Flávio Dellazzana

DEDICATÓRIA

Há livros que nascem do esforço solitário, mas crescem sustentados por presenças que, em diferentes momentos, souberam ser coluna e abrigo, orientação e coragem, e por isso esta dedicatória quer assumir a forma de um reconhecimento sereno, onde a gratidão não se confunde com ornamento, mas se oferece como memória viva de Irmãos que, cada qual a seu modo, ajudaram a abrir caminho e a manter acesa a disposição de avançar.

Dedico este livro a todos os que ousaram, e aos que ainda ousarão, dar mais um passo na senda do conhecimento, e de modo especial a Irmãos que se tornaram, para mim, pilares de uma Obra interior, homens que souberam construir no silêncio e na constância, sustentando ideias, gestos e exemplos que permanecem quando as palavras já se recolheram.

Ao Irmão **Carlos Roberto Castilho Santos**, Nicolau II no Rito Adonhiramita, In Memoriam, que me iniciou na Perfeição Adonhiramita e com quem compartilhei uma vida inteira de amizade, companheirismo e lutas em favor da Maçonaria Adonhiramita e, em particular, da Perfeição, guardo com carinho a lembrança de sua coragem prática, aquela que não se satisfaz com o desejo e se torna decisão.

Lembro quando, após anos participando da Ceia do Cavaleiro Rosa Cruz do REAA (Grau 18), ele decidiu ser tempo de haver também uma celebração na linguagem do Rito Adonhiramita (Grau 12), e então ele e eu nos debruçamos sobre rituais franceses, resgatamos a cerimônia e a implementamos, até que se tornasse tradição não somente no Capítulo Ayres Gevaerd, mas em todo o Sublime Capítulo Adonhiramita do Brasil, e ainda o ouço, com seu humor firme, repetindo que: *é mais fácil segurar um louco do que empurrar um burro*, frase que em sua boca era menos uma provocação e mais um convite à lucidez diante dos obstáculos. Sinto saudade de sua amizade e de sua força em favor do bem, da verdade, da justiça e da Maçonaria Adonhiramita.

Ao Irmão **Toni Luiz Haag**, companheiro de longa jornada, com quem há mais de vinte anos, em um congresso da Maçonaria em Balneário Camboriú, tive um encontro que redesenhou silenciosamente o meu caminho, quando ele compartilhou a recente descoberta do Real Arco americano e, com natural clareza, sugeriu a fundação de um Capítulo, proposta que aceitei sem medir a extensão do trabalho que viria, feito de exigências rituais, preparação constante e dedicação coletiva, até que, em Florianópolis, sob a orientação de Irmãos americanos, percorremos os quatro Graus e erguemos o Capítulo Santo Graal nº 22 de Maçom do Real Arco, experiência exigente que se revelou profundamente formadora, e por isso lhe devo não somente esse impulso inicial, mas também o reconhecimento pelo encontro mais consciente com a Perfeição no REAA.

Foi em sua presença discreta e firme, sem imposições, que compreendi o valor do passo seguinte, percepção que se ampliou com o apoio generoso de outros Irmãos e me conduziu ao Supremo Conselho do REAA, onde hoje caminho entendendo que a progressão, quando vivida com honestidade, não se apresenta como elevação exterior, mas como depuração contínua do olhar.

Ao Irmão **Samer Yossef Ayad**, onde vivemos juntos o dia a dia do Capítulo Santo Graal 22, o Conselho Críptico Santo Graal 14 e foi meu grande apoiador na fundação da Comanderia Templária Santo Graal 37.

Ao Irmão **Fernando Rigobello Wilhelms**, por sua leitura atenta, cuidado com os detalhes e por ser um grande amigo e companheiro em todos os momentos, bem como por sua admirável força e trabalho em prol da Ordem.

Ao Irmão **Alex Aquino Silveira**, que se tornou meu guia nos Graus superiores do REAA e com quem tenho a honra de trabalhar neste ano na administração do Capítulo Monte Sinai, servindo como 2º Vigilante, pois ele me orientou e continua me orientando, auxiliando os Irmãos ao redor a viver os Graus e a Ordem com sabedoria e alma.

Com ele aprendi que buscar ser melhor é um exercício contínuo, mais próximo de uma vigilância interior do que de um ideal distante.

Nas palavras do sábio irmão **Alex Aquino Silveira**: *“Tudo no Capítulo se remete ao interior e ao desenvolvimento da sensibilidade espiritual de cada Irmão. Se os ensinamentos conseguirem despertar uma mínima centelha de luz em cada um, teremos alcançado o nosso objetivo.”*

Ao Irmão **Denísio Dolásio Baixo**, cujas palavras foram incentivo e cuja dedicação se faz sentir sempre que nos reunimos, lembrando-nos de que a força de uma Obra se mede, muitas vezes, pela qualidade humana com que se sustenta no que se acredita.

Ao Irmão **Bruno Müller**, cujo zelo transforma paredes em um lugar sagrado, oferecendo, pela decoração simbólica, a beleza necessária para que os símbolos do Grau ganhem sentido aos olhos e ressoem na alma, fazendo diferença real na caminhada dos Irmãos.

Este livro oferece o testemunho de que ninguém avança sozinho, e de que a verdadeira grandeza de certos Irmãos se revela sem ruído, no modo como, dia após dia, ajudam outros a encontrar direção e sentido.



A OBRA INACABADA

Os Caminhos do Mestre Maçon além do Terceiro Grau

REAA e Real Arco

Flávio Dellazzana

2ª Edição

ISBN: 978-65-01-94922-2



PREFÁCIO

Há momentos na caminhada em que o Irmão, mesmo tendo alcançado o Grau de Mestre, percebe com desconforto que a conquista não trouxe a sensação de conclusão que ele imaginava, e que o silêncio deixado pela cerimônia não se dissolve com o tempo, mas se aprofunda como uma pergunta que insiste em permanecer viva.

Vivi esse momento com intensidade e durante anos carreguei o avental de Mestre com respeito, cumpri meus deveres na Loja, servi em cargos, participei de sessões, estudei o que estava ao meu alcance e procurei ser fiel àquilo que prometi diante do Altar, e ainda assim havia em mim uma inquietação que não era vaidade, nem pressa por novos títulos, mas uma sensação estranha de que estava incompleto, como se a vida tivesse me conduzido até uma porta e, no instante em que eu esperava encontrar a chave, tivesse me deixado diante de um corredor escuro, sem mapa e sem voz.

Não foram poucos os momentos em que observei outros Irmãos, alguns apressados e outros indiferentes, e me perguntei se aquela lacuna era parte do método ou se era um sinal de que algo em mim não estava compreendendo o verdadeiro sentido do Terceiro Grau.

A verdade é que o mundo maçônico, especialmente para o Mestre recém amadurecido, pode se tornar um labirinto de informações, de opiniões e de caminhos paralelos, onde cada um aponta uma direção diferente com a mesma convicção, e onde se fala com facilidade sobre Altos Graus, sobre sistemas filosóficos, sobre ritos e potências, mas raramente se oferece aquilo que o Mestre mais necessita, uma orientação clara, serena e responsável, que não o empurre para uma coleção de degraus vazios, mas que lhe mostre como dar o próximo passo sem trair o espírito da Loja.

Eu não estava perdido por falta de inteligência ou de dedicação, eu estava perdido por excesso de ruído, porque em certo ponto o Maçom começa a perceber que há uma diferença profunda entre ouvir falar e compreender, entre visitar e pertencer, entre receber graus e atravessar uma verdadeira transformação interior.

A dúvida que me consumia não era se existiam caminhos além do Grau de Mestre, pois isso era evidente, mas sim qual deles era legítimo para mim, qual deles se conectava organicamente com a Maçonaria que eu havia vivido, e qual deles poderia realmente completar aquilo que o Terceiro Grau havia deixado em aberto.

Eu não queria um atalho, eu queria coerência, e acima de tudo eu queria um sentido que não fosse inventado para me consolar, mas descoberto para me responsabilizar.

Foi nesse estado de espírito que cheguei a essa obra, e preciso confessar que a abri com certa desconfiança, porque o mercado maçônico está repleto de livros que falam muito e revelam pouco, obras escritas com entusiasmo superficial, carregadas de frases ornamentais e certezas fabricadas, onde o autor parece mais interessado em demonstrar erudição do que em orientar um Irmão real que está tentando compreender o que fazer com a própria inquietação.

Porém, logo nas primeiras páginas, percebi que este livro não tinha sido escrito para impressionar, mas para servir.

Ele não nasce de uma imaginação especulativa, mas de uma experiência vivida, sustentada por anos de trabalho efetivo em Loja, por cargos exercidos com responsabilidade e por uma convivência concreta com diferentes sistemas e estruturas da Maçonaria.

Isso muda tudo, porque quando um autor escreve a partir da vivência, a palavra ganha densidade, e o leitor sente que não está diante de teorias improvisadas, mas diante de alguém que fala com o peso de quem já atravessou aquilo que descreve.

Ao longo da leitura, uma coisa ficou clara para mim: a sensação de vazio do Mestre não é um erro do Grau, mas parte de sua pedagogia.

O silêncio não é ausência, é chamado, e a perda não é fracasso, é método.

Aquilo que eu interpretava como estagnação era, na verdade, um convite para continuar caminhando com maturidade.

O livro não me ofereceu promessas, não me ofereceu facilidades e não me seduziu com discursos de méritos, mas me entregou algo mais raro, um mapa interior.

Um mapa que não determina o caminho como um dogma, mas revela o sentido do caminho como uma continuidade orgânica, onde Rito Escocês Antigo e Aceito e o Real Arco não surgem como disputas de prestígio, mas como linguagens distintas para tocar regiões diferentes da mesma consciência.

Pela primeira vez, compreendi com nitidez que o Mestre não é aquele que encerra, mas aquele que começa, e que a verdadeira dignidade do Grau não está em repousar sobre ele como se fosse um ponto final, mas em permitir que ele se torne a fundação de uma escalada mais séria.

A leitura me fez enxergar com clareza que os Altos Graus não deveriam ser tratados como medalhas ou degraus sociais, mas como instrumentos de depuração, e que ingressar em um novo corpo não significa fugir da Loja, mas aprofundar aquilo que a Loja iniciou.

A Maçonaria solicita que o Irmão, após aprender a construir no nível visível, seja chamado a compreender o que sustenta a construção no nível invisível.

Este livro me devolveu o eixo, e quando digo isso, não falo de entusiasmo passageiro, falo de uma espécie de ordem interior que se reorganizou lentamente, como se as peças tivessem finalmente encontrado seu lugar.

Ele me mostrou que o caminho além do Terceiro Grau não precisa ser confuso, nem ansioso, nem movido por comparações, porque existe uma lógica real, histórica e simbólica que conduz o Mestre a compreender onde está e para onde deve ir.

Mais do que isso, ele me ensinou que a verdadeira busca não é por títulos, mas por pertencimento, e que o Mestre que se recusa a caminhar além do Grau de Mestre, quando sente o chamado interior, arrisca transformar a Maçonaria em hábito, quando ela deveria permanecer como Obra viva.

Eu poderia assinar este prefácio, e talvez fosse justo fazê-lo, mas escolho permanecer em silêncio, não por receio, e sim por fidelidade ao espírito do que aqui se ensina.

Porque a grande lição que recebi ao final dessa leitura é que a Obra não precisa do meu nome, ela precisa da minha transformação.

O que importa não é quem sou diante do mundo, mas o que eu me torno diante da minha própria consciência, e diante do olhar silencioso do Grande Arquiteto do Universo, que não se impressiona com assinaturas, mas reconhece as marcas reais deixadas no caráter.

Se este livro chegou até você, meu Irmão Mestre, e se você também carrega a mesma inquietação que um dia carreguei, então leia com calma, sem pressa e sem expectativa de espetáculo.

O que está aqui não é um manual de atalhos, é uma convocação serena para o Mestre deixar de caminhar às cegas e reencontrar o sentido da própria jornada, compreendendo que a Obra continua, que o vazio tem propósito, e que a Luz, quando chega, não vem para nos confortar, mas para nos conduzir.

E quando você terminar a última página, talvez perceba o mesmo que percebi, que a Maçonaria não termina no Terceiro Grau, ela começa ali, e o verdadeiro Mestre não é aquele que se satisfaz com o que já recebeu, mas aquele que, com humildade e coragem, aceita continuar a construção.

Um Mestre Maçom.





NEAR THIS SITE
THE GRAND LODGE
OF ENGLISH
FREEMASONS
FIRST MET IN 1717

SE AND GRIDION

NOTA DO AUTOR

Ao longo dos anos, tornou-se impossível ignorar um fenômeno curioso no mundo literário maçônico, a existência de livros escritos por Irmãos que não vivenciaram aquilo que descrevem, que não atravessaram escadas filosóficas, que não sustentaram responsabilidades administrativas e ritualísticas, e que muitas vezes sequer experimentaram o peso real de conduzir uma Loja ou um Corpo Filosófico.

Alguns receberam graus como quem coleciona etapas, apressando-se em obter títulos, mas sem permitir que o conteúdo os transformasse, e ainda assim se sentem autorizados a escrever como se estivessem oferecendo sínteses definitivas, quando na verdade estão somente repetindo ideias que ouviram, copiando conceitos que não amadureceram e apresentando opiniões como se fossem conclusões inevitáveis.

Este livro nasce de outra intenção.

Ele não foi escrito como exercício de retórica, nem como tentativa de ornamentar a tradição com frases de efeito, mas como resultado de uma caminhada longa, feita de estudo, de serviço, de responsabilidade e de experiência concreta em Lojas e Corpos Filosóficos.

Por isso, embora eu costume apresentar meu currículo completo ao final de minhas obras, compreendi que, neste caso, é justo oferecer ao Irmão Mestre, logo no início, um resumo de minha trajetória, não como forma de autopromoção, mas como critério de transparência, para que se saiba com clareza quem é o autor que irá apresentar suas ideias, suas interpretações e suas conclusões.

O leitor não é obrigado a concordar comigo, mas merece saber de onde falo.

Fui iniciado em 2002 no Rito Adonhiramita e, desde o início, compreendi que a Maçonaria se revela menos pelo encanto das cerimônias e mais pelo peso contínuo do serviço, por isso assumi a Venerabilidade da Loja simbólica em 2007 e, em paralelo, ingressei na Perfeição Adonhiramita, na Loja de Perfeição Adonhiram e em seguida o Capítulo Ayres Gevaerd, onde percorri a escada filosófica do (Sublime Capítulo Adonhiramita do Brasil-SGCAB) até o 13º Grau, vivendo funções reais de direção e trabalho, como Sapientíssimo (função equivalente ao VM) da Loja de Perfeição Adonhiram em 2010 e Poderoso Mestre (função equivalente ao VM) do Capítulo Ayres Gevaerd em 2011.

Nesse mesmo ciclo, participei de obras concretas que deixam marcas na estrutura e na memória, como a construção do templo filosófico da Perfeição em Itajaí e a fundação de uma nova Loja de Perfeição em Joinville, “Arno Gebler”.

Atuei na comissão de administração do GOSC e exerci o cargo de Secretário Adjunto do Grão Mestre para o Rito Adonhiramita entre 2008 e 2009, período em que também contribuí para a reestruturação de manuais de instrução e para a reedição do IV Volume Adonhiramita.

Em 2011, fundei a Loja Monteiro Lobato dedicada ao Rito de York e, a partir daí, concentrei grande parte da vida maçônica na construção e consolidação desse Rito, não como visitante de um caminho novo, mas como obreiro dedicado a fazê-lo existir com forma, método e permanência.

Ao longo desse processo, participei da fundação e instalação de mais de dez Lojas do Rito de York em Santa Catarina e trabalhei intensamente para que o ensino não fosse um discurso ocasional, mas uma disciplina regular, com instrução estruturada e linguagem ritualística coerente.

Nesse campo, assumi tarefas práticas, como a tradução, adaptação, edição e revisão de manuais e rituais, em destaque a criação e adaptação do Ritual de Instalação de Venerável Mestre e Posse dos oficiais e o Ritual de Instalação e Sagração de Loja Simbólica, além de Ritual da Cerimônia de 7 brindes (loja de mesa), e pompa fúnebre, além da produção de cadernos de estudo e materiais instrucionais para os Graus simbólicos.

Atuei diretamente na revisão e edição dos rituais de Aprendiz, Companheiro e Mestre nas edições de 2020 e 2022, além da edição atual em desenvolvimento de 2026.

Trabalhei para o rito de York, produzindo materiais e aperfeiçoando os existentes, de 2014 a 2016, e exerci o cargo de Secretário Adjunto de Liturgia e Ritualística para o Rito de York entre 2017 e 2020 e, em seguida, o cargo de Secretário de Ritualística e Liturgia para o Rito de York entre 2020 e 2023.

Conduzi uma reorganização prática do ensino e da instrução ritualística, culminada com 2 encontros estaduais para instrutores do rito e elevando o padrão de formação de Irmãos, ampliando a consistência dos trabalhos e mantendo a coesão do sistema mesmo quando a realidade externa impôs rupturas.

Durante a pandemia, consegui manter Sessões on line com regularidade e seriedade, apoiadas por manuais específicos preparados para aquele contexto, inclusive com rituais de concessão de grau, que seriam validados depois por sessões físicas, não como improvisado, mas como resposta consciente para preservar o estudo, a disciplina e a continuidade quando tantos perderam o fio da Obra.

Nos Altos Graus do Rito de York, minha caminhada havia começado muitos anos antes de 2011, com a fundação do Capítulo Santo Graal 22 de Maçons do Real Arco em 2004, onde ainda permaneço ativo, e onde exerci o cargo de Sumo Sacerdote (VM) em 2013 e fui investido na Ordem dos Sumos Sacerdotes Ungidos.

Seguindo a linha dos altos graus do Rito de York, recebi os Graus de Mestre Real, Mestre Escolhido e Super Excelente Mestre no Conselho Críptico Santo Graal nº 14, onde também servi como Ilustre Mestre (VM) e recebi a Ordem da Trolha de Prata.

Na Cavalaria, percorri a Ordem da Cruz Vermelha, a Ordem de Malta e Cavaleiro Templário, recebendo também a Ordem dos Sábios Cavaleiros de Cristo, e tendo fundado a Comandaria Templaria Santo Graal 37, tendo sido seu primeiro Comandante (VM).

Representei o Grande Oriente de Santa Catarina na International Grand Lectures Convention em Nova York em 2020 e 2023.

Paralelamente, integro os Graus filosóficos do Rito Escocês Antigo e Aceito, Grau 32 (devo alcançar o 33 esse ano) e, no presente, exerço o ofício de 2º Vigilante no Capítulo Rosa Cruz Monte Sinai.

No Rito Escocês Retificado, sou Mestre Escocês de Santo André.

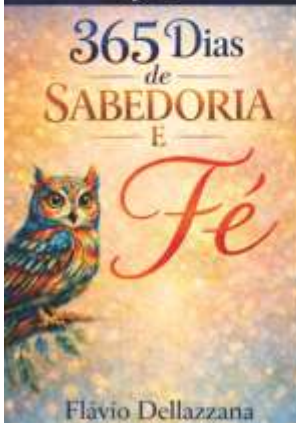
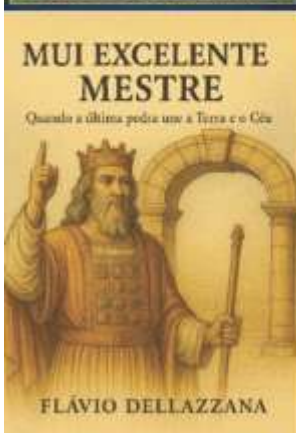
Minha trajetória também se estendeu a campos formativos de jovens, tendo dedicado quinze anos ao Movimento Escoteiro, de Lobinho a Chefe, e servido à Ordem DeMolay como Presidente de Conselho Consultivo do Capítulo Harmonia Itajaiense, sendo agraciado com a Cruz de Honra.

Tenho formação acadêmica em Maçonologia, História e Filosofia, com pós-graduação lato sensu pela UNINTER, e participei do curso Maçonaria e Universidade pela UFF, coordenei o II Congresso Estadual do Rito de York do GOSC em setembro de 2025 e fui nomeado Membro da Grande Comissão de Ritualística do Real Arco do Brasil pelo Ato 027 de 2025.

Além disso, sou Rosa Cruz e Martinista.

Sou autor de 13 livros publicados, com esse 14, a maioria dedicada ao Rito de York e ao Real Arco, e sigo escrevendo com o mesmo critério que sustenta minha caminhada.

Escrever e falar somente do que vivi, do que estudei com disciplina e do que servi com responsabilidade, para o leitor saber, desde o início, que minhas conclusões são fruto de experiência real nos ritos, nos cargos e na continuidade da Obra.



Em breve
mais 2
livros:

A QUEM SE DESTINA?

Escrevi este livro com atenção especial aos **Mestres Maçons**, porque é no Grau de Mestre que muitos Irmãos percebem com mais nitidez que a caminhada não se encerra, mas se amplia.

Considero saudável que **Aprendizes Admitidos e Companheiros de Ofício** também o leiam, pois a obra não expõe segredos ritualísticos nem viola compromissos, e sim oferece orientação, horizonte e fôlego, como quem acende uma luz adiante para o Irmão compreender que **a Maçonaria é maior** do que as primeiras etapas.

Essa leitura pode ser um estímulo silencioso a perseverar quando surgirem as primeiras dificuldades, evitando a desistência precipitada.

O que se encontra aqui é um sopro de ar novo na caminhada, uma abertura de horizonte que devolve sentido aos passos, reacende a coragem e lembra que **a Maçonaria sempre guarda mais luz do que aquilo que se enxerga no começo.**

ÍNDICE

Dedicatória.....	02
Prefácio.....	09
Nota do Autor.....	17
A quem se destina?.....	24
Introdução.....	27
O Primeiro Passo.....	37
Vivenciando a Perfeição.....	45
História do REAA.....	75
Reflexão: A Origem.....	59
O Manuscrito Francken.....	71
O REAA nos EUA.....	73
- Charleston.....	77
- Albert Pike.....	83
O REAA no Brasil.....	89
O Mestre Secreto - Na visão de Albert Pike.....	95
Os Próximos Passos.....	101
Os Graus Escoceses.....	111
Decifrando os Graus.....	127
A Perfeição Do REAA.....	135
Resistindo à Tentação.....	143
Mestre de Marca.....	153
A Essência do Mestre.....	163
Vivenciando o Real Arco.....	173
História do Real Arco.....	181

O Real Arco no Brasil.....	211
Os Graus Capitulares.....	217
A Maçonaria Críptica.....	229
A Cavalaria.....	249
A Imagem.....	265
Os Riscos do Mestre	267
O Seu Lugar no Mundo.....	275
Resumo.....	281
Os Segredos de Salomão.....	289
Existe Fim?.....	293
Convivência, Ágapes, Rede de Relacionamentos.....	303
Perguntas e Respostas.....	305
Graus da Perfeição.....	313
Bibliografia.....	319

INTRODUÇÃO

Um Candidato ingressa como Aprendiz e, quase de imediato, percebe que não entrou somente em uma instituição, mas em uma comunidade viva, orgânica, feita de rostos, hábitos, virtudes e contradições.

Ele é recebido na Loja como quem atravessa uma porta que sempre esteve ali, mas que somente agora se abre; essa abertura não conduz a um lugar distante, e sim a um território invisível que sempre existiu ao redor dele.

Em pouco tempo, começa a visitar outras Lojas de sua Potência e, depois, de outras Potências, e então ocorre um fenômeno curioso, quase inevitável, que transforma sua percepção do mundo.

Ele descobre quantos conhecidos já eram Maçons e ele sequer suspeitava, e essa descoberta não é somente social, é psicológica e simbólica.

Isso revela haver **camadas de realidade que coexistem sem se anunciar**, como se o mundo fosse um tecido de níveis, onde certas fraternidades se movem em silêncio, não por ocultação vaidosa, mas por tradição, prudência e discrição.

Nesse convívio, ele logo percebe que encontra todo tipo de Irmão, os mais dedicados, os mais negligentes, os disciplinados, os dispersos, os sábios e os que somente repetem fórmulas, os virtuosos e os contraditórios, os que elevam o ambiente e os que o tornam pesado.

Isso o surpreende no início, porque muitos chegam imaginando uma assembleia perfeita de homens impecáveis, quando na verdade encontram homens reais, e é precisamente aí que a experiência começa a amadurecer.

Ele entende que a Maçonaria, enquanto sistema de valores, princípios e símbolos, oferece uma arquitetura elevada e coerente, mas que essa arquitetura é sustentada por mãos humanas; **mãos humanas tremem, erram, cansam, disputam, e por vezes se esquecem da própria missão.**

A lição é simples, não são as pessoas que são perfeitas, e sim o ideal que a Ordem preserva.

Esse ideal funciona como um ponto de referência constante.

É por causa dele que as falhas humanas se tornam visíveis, assim como manchas só aparecem quando há luz suficiente.

Ainda assim, ele se dedica à Loja, porque sente haver ali algo que não se reduz a reuniões ou formalidades.

Ele gosta do convívio com os Irmãos, aprende a reconhecer o valor das conversas antes e depois dos trabalhos, sente haver um tipo de amizade que não depende de interesses imediatos, e sua família também começa a participar dessa atmosfera.

Sua esposa percebe que aquele círculo de pessoas não é somente um grupo social, mas um ambiente de apoio e pertencimento, onde o homem que ela conhece se transforma lentamente, não por pressão, mas por contato.

E então acontece algo decisivo, ele começa a estudar, e não como quem coleciona informações, mas como quem abre portas internas que estavam fechadas por desatenção.

Ele se interessa por temas que antes lhe pareciam distantes: história antiga, filosofia, moral, religião comparada, símbolos, arquitetura, matemática sagrada, astronomia, ética, tradição; e quanto mais estuda, mais percebe que o conhecimento não serve somente para saber, mas para mudar o modo de olhar o mundo.

Ao tornar-se Companheiro, ele passa a compreender saberes antigos e percebe que o que antes se chamava de magia era, muitas vezes, ciência expressa de forma simbólica e ainda não organizada.

Há cem anos, uma voz que atravessava um continente pareceria magia e impossível; hoje, é só rotina.

Ele compreende que parte do que hoje chamamos de ciência já foi considerado impossível, e parte do que hoje ainda chamamos de impossível talvez seja somente um conhecimento ainda não amadurecido, que um dia poderá receber um nome técnico e ser aceito como natural.

Essa percepção desloca sua mente, porque **o ensina a não ser arrogante diante do desconhecido**, e também a não ser ingênuo diante do maravilhoso.

Ele aprende a caminhar na fronteira entre o que se pode provar e o que se pode intuir, sem cair no fanatismo de nenhum dos lados.

Então ele chega ao **Grau de Mestre**, e aqui a experiência se torna mais complexa do que muitos imaginavam.

Em vez de sentir plenitude, ele sente ausência. Em vez de sentir coroação, ele sente vazio, e em vez de sentir triunfo, ele sente perda.

E isso não ocorre por acaso, nem por falha do sistema, mas porque esse Grau não é uma medalha, é uma ruptura interior.

Ele descobre que o auge iniciático não é um palco iluminado, mas um lugar silencioso onde a consciência é obrigada a encarar o preço da maturidade.

Assim como os grandes nomes da humanidade conheceram a solidão justamente quando pareciam ter chegado ao ponto mais alto, ele também é confrontado com a mesma lógica implacável que governa toda verdadeira ascensão, pois nada é fácil, nada é simples, nada conduz à glória sem antes atravessar a sombra.

O **Grau de Mestre** ensina, veladamente, que o homem pode receber títulos e ainda assim carregar dentro de si um espaço não preenchido, e que esse espaço é intencional, porque é ele que obriga o Maçom a continuar caminhando.

E não basta isso, o Mestre não é somente alguém que compreendeu uma lição ritualística, ele se torna alguém chamado a servir.

Ele assume cargos, responsabilidades, tarefas que interferem na vida dos Irmãos e de suas famílias, dentro e fora da Loja, e podem repercutir em muitas outras vidas sem que ninguém perceba.

Ele aprende que liderança não é prestígio, é peso, que autoridade não é conforto, é renúncia, que orientar outros homens exige mais domínio de si do que domínio sobre os outros.

É nesse ponto que muitos tropeçam, porque **o maior erro do Mestre é a estagnação, e a estagnação nasce do medo.**

Diante da carga, da complexidade e das expectativas, muitos se encolhem e se agarram ao **Grau de Mestre** como se ele fosse um abrigo definitivo, quando na verdade ele é uma porta aberta para uma subida ainda mais exigente.

O caminho correto é dar um passo adiante, porque o Mestre não é um fim, é um começo, e esse passo é duplo, porque exige, ao mesmo tempo, aprofundamento e ampliação.

O aprofundamento diz respeito à perfeição no próprio Rito, seja ele o Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), o Adonhiramita, o Brasileiro, o Moderno, ou qualquer outro, pois cada sistema possui sua linguagem e seu modo particular de lapidar a consciência.

Já a ampliação diz respeito à necessidade de subir outras escadas, como o **Real Arco**, que não se apresenta como um desvio, mas como continuidade natural para quem busca compreender a Maçonaria em sua dimensão mais espiritual e simbólica.

E se o Maçom pertence a uma Loja vinculada ao **Rito de York**, onde o **Real Arco** já surge como desdobramento orgânico, ainda assim é saudável que ele contemple também a via filosófica do Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA).

Esse segundo caminho lhe permite uma complementação de perspectivas, pois **a mente humana se fortalece quando aprende a olhar o mesmo mistério por ângulos diferentes.**

Mais tarde, se ele desejar, poderá seguir outros sistemas.

Eu, por exemplo, sou apaixonado pelo Rito Adonhiramita e seus graus, o conteúdo e a encenação simbólica do 4 ao 13.

Isso pode ser recomendável, porque cada Rito tem sua pedagogia própria, sua estética, sua forma de transmitir lições, sua maneira de conduzir o homem a determinadas perguntas.

O importante é compreender que não se trata de colecionar Graus como troféus, mas de permitir que cada etapa trabalhe a consciência, e que cada linguagem simbólica revele uma parte diferente da mesma verdade.

E é aqui que se deve entender um princípio essencial, muitas vezes ignorado por quem olha a Ordem com olhos superficiais: o conhecimento não é transmitido diretamente, como uma aula comum, mas por lendas, contos, histórias e parábolas, e a tradição humana sempre fez isso, e o próprio **Cristo ensinava assim, não por falta de clareza, mas porque certas verdades não entram no coração do homem pela força da explicação, e sim pela lentidão da reflexão.**

Não se diz simplesmente seja fiel à palavra dada e constante em suas escolhas, mas em vez disso, conta-se uma história sobre algo que revelará uma moral escondida e que, com a visualização dessa narrativa, se fixa na mente do Irmão.

Por exemplo, pense na história de uma serpente que tentou devorar um rato e acabou mordendo a própria cauda, e de tão longa que era, e de tão entorpecida pelo próprio veneno, nem percebeu estar destruindo a si; e essa história não fala realmente de serpente, nem de rato, nem de veneno, ela fala do homem, da incoerência, do ciclo autodestrutivo, da vaidade que se consome, do impulso que não se controla, do desejo que se volta contra o próprio ser.

Esse é o segredo silencioso da linguagem iniciática.

Ela não ensina impondo, ela ensina *sugerindo*, ela não obriga, ela *conduz*, não explica para encerrar, ela revela para *abrir*, e talvez seja por isso que o verdadeiro Mestre, quando compreende o sentido desse método, deixa de buscar respostas prontas e busca perguntas mais profundas.

Ele percebe que o objetivo não é vencer o mundo, mas vencer a desordem interior, e transformar a própria vida em uma Obra consciente, **onde cada símbolo não é um enfeite antigo, mas um espelho que insiste em dizer ao homem quem ele é, e quem ainda pode se tornar.**





O PRIMEIRO PASSO

Você já é Mestre Maçom há mais de um ano, e esse intervalo, que para alguns parece somente uma formalidade de tempo, na verdade costuma ser o primeiro teste real da maturidade iniciática.

Porque é depois do impacto simbólico do Grau de Mestre que o homem começa a revelar quem realmente é, não mais pelo entusiasmo inicial, mas pela constância silenciosa, pela presença nas Sessões, pela disposição em servir, e sobretudo pela capacidade de permanecer firme quando o brilho do novo já passou.

Você estudou o funcionamento dos cargos na Loja simbólica, compreendeu a engrenagem administrativa que sustenta os Trabalhos, aprendeu a importância dos registros, das obrigações formais, da regularidade, do respeito às decisões coletivas e à disciplina ritualística.

Você já se preparou para assumir funções, não como quem busca distinção, mas como quem entende que a Loja se mantém viva pela continuidade do serviço, e que **a estabilidade de uma Loja depende menos de discursos e mais de homens que cumprem, sem alarde, aquilo que lhes foi confiado.**

Você sabe que deve auxiliar o Venerável Mestre e a administração da Loja, e sabe também que isso não significa concordar com tudo, mas sustentar a harmonia do conjunto, oferecer conselho quando necessário, proteger o bom andamento dos Trabalhos e **compreender que a autoridade do Venerável Mestre não é uma soberania pessoal, e sim um eixo de ordem que precisa ser preservado para que a Loja não se fragmente em vontades individuais.**

Você entende a relação orgânica entre a Loja e sua Potência, sabe que nenhuma Loja existe isoladamente, pois cada Oficina é uma célula de um corpo maior, e que esse corpo possui leis, ritos, deveres e responsabilidades.

Você conhece ainda o valor da convivência com outras Lojas, percebe como visitas ampliam a percepção do que é universal e do que é particular, e compreende que a Maçonaria, embora una em princípios, se expressa em muitas linguagens administrativas e ritualísticas conforme a história e o solo onde se desenvolveu.

E, mais importante, você já está preparado para cumprir seu papel como Mestre, tanto na estabilidade dos Trabalhos quanto na instrução dos Aprendizes e Companheiros, porque sabe que um Mestre não é um homem que concluiu, mas um homem que sustenta, que orienta, que acolhe, que corrige sem humilhar e que inspira sem dominar.

Nesse ponto, você já possui o básico, e esse básico não é pouco, ele é a fundação necessária para que os Altos Graus não sejam um salto vazio, mas uma continuação legítima.

Meus Irmãos, vou dizer algo que poucos dizem dessa forma, e graças a um irmão de Blumenau (M.), que me chamou a atenção para esse detalhe, e para a importância de constar isso em um livro destinado a Mestres, já que estamos falando “às claras”:

Segundo o Irmão M., *“Simbolismo é a casa dos pais, é importante, mas é um ambiente controlado. Os graus superiores são o mundo real. Não é ficando debaixo das asas dos pais que vamos crescer. O mundo é maior que seu quarto.”*

Cuidado, meu Irmão. Seja por interesses políticos, seja por falta de visão, você poderá ouvir de algumas lideranças ou de Mestres mais antigos a seguinte frase: *“Você agora pode viver uma vida inteira na Loja como Mestre, assumindo cargos. Sua maior aspiração deve ser chegar a Venerável Mestre e, depois, integrar o Conselho de Mestres Instalados para auxiliar a Loja. E isso basta.”*

Eles não estão errados. Isso basta, mas para a Loja.

Não para o Irmão. Não para o homem. Não para o Mestre.

Para você, esse caminho exclusivo tende a gerar, com o tempo, uma sensação de trabalho inacabado.

As pequenas marolinhas no copo d'água acabam se transformando em tempestades internas.

Ficar restrito apenas à Loja Simbólica pode ser ótimo para a Loja e pode ser ótimo para autoridades que preferem manter os Irmãos sob sua influência direta.

Mas nunca será o melhor para você, meu Irmão.

As Lojas de Perfeição, os Altos Graus da Maçonaria, oferecem uma amplitude de visão completamente diferente.

Elas colocam o Mestre em contato com Irmãos de outras Lojas, outros Orientes e outras Potências.

Além disso, você passa a estar ligado a grandes corporações dos Altos Graus da Maçonaria, com real força política e social.

E isso não é pouco.

Pois, além de todo o conhecimento adquirido, **você também atua em outro nível na Maçonaria:** intelectual, simbólico, político e humano.

Por outro lado, meu Irmão, após reconhecer que permanecer somente na Loja pode, com o tempo, estreitar o horizonte e transformar pequenas marolinhas em tempestades internas, convém enxergar o risco oposto com a mesma honestidade, porque também não basta fazer o contrário e, assim que virar Mestre, largar a própria Loja como se ela tivesse cumprido sua função e pudesse ser deixada para trás, já que a continuidade verdadeira não nasce da fuga, mas de um equilíbrio vivo entre a Loja Simbólica que formou o caráter e os Altos Graus que ampliam a visão, um caminho do meio que não é morno, e sim sólido, porque integra sem romper, aprofunda sem desprezar, e coloca cada etapa no lugar que lhe corresponde na obra do Homem.

Porque ingressar em novas etapas sem ter assimilado a responsabilidade simbólica e moral da Loja é como tentar construir um andar superior sobre uma base ainda úmida, e pode até parecer, no começo, que o edifício cresce com rapidez, mas o tempo revela o que a pressa esconde, já que as fissuras surgem quando a disciplina interior não foi curada, quando o serviço não foi compreendido, quando a liderança ainda confunde voz com autoridade e presença com mérito, e é nessa hora que o Mestre percebe que o que sustenta a ampliação não é o nome do Corpo que se frequenta, mas a consistência do que se vive, na convivência, no dever e na fidelidade silenciosa ao trabalho bem feito.

E é exatamente aqui que o Maçom sério começa a ouvir, dentro de si, aquela inquietação que não é ansiedade, mas chamado, e esse chamado não solicita abandono, solicita maturidade, ao convidar a ampliar o horizonte para compreender a Maçonaria em seu aspecto filosófico, histórico e moral, e para se aproximar de uma linguagem que não substitui a Loja, mas a aprofunda, como uma leitura que não nega a primeira página, e sim a ilumina com novas camadas, fazendo com que aquilo que parecia conhecido se revele mais exigente, mais amplo e mais verdadeiro.

Chega uma hora em que você dá o próximo passo sem pressa e sem vaidade, não para juntar títulos, mas porque entende que a Loja é a raiz e a raiz sustenta, ela não prende.

Quando essa base está firme, os Altos Graus deixam de ser enfeite e viram uma necessidade, não como fuga do que você já construiu, mas como responsabilidade maior, na qual você aprende a guardar, a vigiar e a ficar de pé, porque quem governa a si serve melhor em qualquer lugar sem perder o rumo e sem trocar crescimento por abandono.

É nesse momento que os Altos Graus deixam de ser um ornamento e são uma necessidade interior; e você aprenderá a guardar, vigiar e a permanecer firme, pois quem governa a si mesmo, está pronto para governar qualquer luz!





VIVENCIANDO A PERFEIÇÃO

Numa Sessão de Perfeição, o que realmente se estabelece não é somente uma reunião formal, mas uma atmosfera particular, quase como se **a Loja se convertesse em um laboratório de consciência, onde o homem não é convidado a demonstrar o quanto sabe, mas a revelar, com honestidade e maturidade, o quanto ainda não compreende.**

O tema moral não surge como lição pronta, nem como verdade que desce do alto para ser repetida sem exame, mas como uma chave colocada sobre a mesa, silenciosa e perigosa, capaz de abrir portas interiores que muitos prefeririam manter fechadas.

A dinâmica é simples na aparência e profunda na essência, apresenta-se uma história, uma lenda ou um conto, não porque a Loja se satisfaça com narrativas, mas porque a linguagem simbólica, quando bem escolhida, alcança onde a lógica comum não chega.

Em seguida, abre-se a palavra, e ali cada Irmão se vê diante de uma exigência sutil, não basta opinar, é necessário se expor, e expor-se, nesse contexto, não significa falar muito, mas falar com verdade.

Vou dar um exemplo, digamos que o tema proposto para reflexão de hoje seja: **“É correto condenar um homem para salvar mil pessoas?”**

E a reflexão continua: condenar cem pessoas para salvar cem milhões? Condear dez milhões para salvar oito bilhões?, ou seja, toda a humanidade.

O primeiro movimento que costuma surgir na Loja é o impulso da matemática moral, como se a vida pudesse ser pesada em balanças de utilidade.

Alguns Irmãos, especialmente os mais jovens, tendem a responder com rapidez, como se a questão fosse um problema de cálculo, e nesse primeiro instante a resposta utilitarista parece sedutora, ao oferecer a sensação de ordem, condenar um para salvar mil parece um sacrifício racional, quase inevitável, e condenar cem para salvar cem milhões parece ainda mais lógico, como se a proporção tornasse o ato menos violento e, portanto, mais justificável.

Contudo, uma Loja filosófica não se satisfaz com respostas que aliviam a consciência depressa demais, porque ela reconhece que certas facilidades intelectuais podem ser atalhos discretos para a barbárie, e que a civilização, quando começa a contar vidas como números, muitas vezes já iniciou sua decadência.

Então, um Irmão mais antigo, ou simplesmente mais amadurecido, costuma solicitar calma, e nessa calma recorda algo essencial, talvez o primeiro ponto que separa a reflexão profunda do simples debate.

Quando se pergunta se é correto condenar, já se aceitou implicitamente que alguém possui autoridade para escolher quem morre e quem vive.

Esse detalhe, que à primeira vista parece secundário, torna-se central.

O problema moral não está somente no número, mas na mão que segura a decisão.

Quem é esse homem que decide?

Quem o investiu desse direito?

E, sobretudo, o que acontece com o mundo quando esse princípio passa a existir, ainda que sob justificativa nobre?

Pois, uma vez que se abre a porta para condenar em nome do bem maior, essa porta raramente se fecha, e a história humana se mostra como uma sucessão de tragédias cometidas por homens sinceramente convencidos de que estavam salvando a humanidade.

E então alguém introduz a pergunta que desnuda o que há de mais humano no dilema: e se o homem escolhido fosse seu filho?

Você o entregaria com a mesma serenidade com que apresenta a teoria?

E se, entre os dez milhões sacrificados, estivessem você, sua família, seus amigos, seu povo, sua cultura, sua história?

O cálculo, nesse instante, perde sua frieza e a consciência se revela em sua verdadeira forma, porque a moral abstrata pode ser discutida com elegância, mas a moral concreta exige sangue, perda e renúncia.

E talvez seja aí que a Loja compreenda que muitas ideias parecem virtuosas somente enquanto não nos atravessam pessoalmente.

Outro Irmão, mais ligado à filosofia clássica, pode trazer à lembrança a antiga tensão entre duas correntes que se enfrentam desde que o homem tenta pensar com seriedade sobre o bem.

De um lado, a ética do resultado, onde o valor do ato depende da consequência.

De outro lado, a ética do princípio, onde certos atos são indignos independentemente do benefício que produzam.

E é nesse ponto que a Loja começa a respirar de maneira diferente, porque todos percebem que a questão não é sobre números, mas sobre limites.

Existe um limite que não pode ser atravessado nem para salvar o mundo.

Ou tudo pode ser atravessado se o mundo estiver em risco?

E, se tudo pode ser atravessado, resta a dignidade humana?

E o que impede que a exceção se transforme em regra, e a regra em sistema.

Imaginemos um tirano que ameaça destruir uma cidade inteira se não for executado um inocente.

Se matamos o inocente, salvamos milhares, mas aceitamos a lógica do tirano e nos tornamos parte do mecanismo.

Se recusamos, preservamos a pureza do princípio, mas permitimos a morte dos milhares.

E nesse instante a Loja compreende algo desconfortável, que a moral verdadeira quase nunca oferece escolhas limpas.

A moral verdadeira coloca o homem diante de perdas inevitáveis.

Talvez por isso tantos prefiram ideologias, porque as ideologias sempre prometem respostas claras, enquanto a consciência exige o peso do dilema e a coragem de carregar uma culpa que não se dissolve com justificativas.

Um Irmão mais atento à dimensão iniciática pode dizer algo ainda mais inquietante: talvez o problema esteja na própria pergunta, porque ela pressupõe que condenar alguém à morte é uma ferramenta disponível, como se a vida humana pudesse ser convertida em instrumento.

E ao transformar a vida em instrumento, mesmo que por um objetivo grandioso, já se corrompe o fundamento invisível que sustenta a Obra interior.

A Maçonaria, em sua essência mais profunda, não é a construção de um mundo eficiente, mas a construção de um homem íntegro.

A integridade não se mede pela soma de vidas salvas, mas pela fidelidade ao que se reconhece como justo quando ninguém está olhando, quando não há aplauso, nem história, nem desculpa.

Pode nesse momento surgir uma vontade de bater palmas a esse pensamento e a essas palavras, mas, logo outro Irmão, talvez marcado por experiências duras, ergue a voz com respeito e diz: **Isso é lindo em teoria e fica doce nas palavras, mas a realidade não é de frases, e sim de sangue, suor e dor.**

Ele lembra guerras, atentados, catástrofes, e diz haver situações em que a recusa em agir se torna cumplicidade com a morte em massa; ele afirma que a omissão também mata, e que existe um tipo de pureza moral que não passa de vaidade disfarçada, uma elegância ética que se sustenta porque nunca precisou decidir nada.

E nesse momento, a Loja se divide sem se romper, porque todos percebem que ele também toca uma verdade incômoda, e é isso que torna o tema digno.

O verdadeiro dilema moral é aquele em que ambos os lados carregam verdade suficiente para impedir que a decisão seja confortável.

Então alguém pode perguntar se não se trata de matar diretamente, mas de escolher quem será sacrificado, como no caso de uma epidemia em que existe somente um remédio para poucos, e a escolha de quem recebe implica que outros perecerão.

Isso é matar, ou é administrar a escassez?

E se for um botão que lança uma arma e destrói um inimigo antes que ele destrua milhões, apertar o botão é assassinato ou é defesa?

E se o homem que deve morrer for culpado e perigoso, ainda assim a lógica permanece?

O problema não é somente o alvo, mas o princípio de que se pode decidir a morte em nome de uma causa.

Nesse ponto, alguns Irmãos costumam trazer autores e tradições.

Recorda-se que o cristianismo primitivo exaltou o martírio e desconfiou profundamente da violência justificada.

Recorda-se que certas leituras da filosofia política defendem que o Estado existe precisamente para tomar decisões trágicas que o indivíduo não deveria carregar.

Recorda-se também que a história moderna mostra como regimes totalitários começaram exatamente assim, sacrificando poucos para salvar muitos, até que o conceito de poucos se expandiu indefinidamente.

E, ainda assim, recorda-se que existem casos em que decisões duras evitaram desastres maiores, e que negar isso seria negar a realidade.

A Loja, então, percebe que o problema não está em escolher um lado, mas em reconhecer que ambos os lados podem ser usados como caminho para o bem ou como justificativa para o horror.

E assim a Loja entra numa região ainda mais delicada.

Percebe-se que a pergunta não testa somente a moral, mas testa o orgulho.

Porque, no fundo, quase todos gostariam de acreditar que seriam o homem capaz de apertar o botão certo no momento certo, com a consciência limpa e a história ao seu favor. E esse desejo é perigoso.

A Maçonaria desconfia do homem que se julga capaz de decidir a morte de outros sem ser transformado por isso.

A morte, mesmo quando justificada, deixa resíduos na alma, e talvez a questão não seja se é correto matar para salvar muitos, mas o que esse ato faz com aquele que mata, e o que ele faz com o mundo que passa a aceitar esse tipo de raciocínio como linguagem legítima.

Ao final de uma discussão assim, o presidente da Sessão, conforme o corpo e o rito, não precisa encerrar com uma resposta.

Uma Loja madura compreende que certos temas não existem para serem resolvidos, mas para somar conteúdo em nossa mente.

Talvez essa seja a verdadeira função dos Graus Superiores quando assumem sua dimensão filosófica, não oferecer certezas, mas retirar as certezas fáceis, obrigando o Irmão a olhar para dentro.

E assim a Sessão se encerra como deveria, com um silêncio que vale mais do que um discurso, porque cada Irmão sai carregando a pergunta como se fosse uma pedra colocada no bolso.

Alguns caminham mais pesados, outros tentam se livrar dela depressa demais, mas os que realmente compreenderam levam essa pedra para casa, não para encontrar uma resposta definitiva, mas para aprender a desconfiar de si, a respeitar o mistério da vida humana, e a reconhecer que talvez a verdadeira ética não esteja em escolher quem deve morrer para que outros vivam, mas em: **construir um mundo onde ninguém tenha o direito, nem a necessidade, de fazer esse tipo de escolha.**

Uma Sessão dos Altos Graus não é feita só de ideias profundas e símbolos.

Para que a Obra continue existindo, é preciso organização, decisões claras e trabalho prático.

Por isso, além dos ensinamentos e reflexões, também se tratam assuntos objetivos: ler mensagens, analisar pedidos, receber novos candidatos, organizar ações de beneficência, distribuir tarefas e definir o que precisa ser feito.

Isso ensina algo simples e importante: crescimento espiritual não está separado de responsabilidade.

Não basta compreender ideias elevadas; é preciso traduzi-las em atitudes, com disciplina, equilíbrio e compromisso.

Ao final, o Irmão não sai apenas mais consciente, mas mais responsável.

Ele entende que a verdadeira construção interior se revela nas ações, no serviço e na fidelidade à Obra.

Quando o ideal se transforma em prática, o ensinamento deixa de ser teoria e é realidade.



1717

Anthony
Sayer

1733

Revernd Jam
Anderson

1733

Scotch Masons
Morris Lodge

14

1761

Frederick
Mennegre

1761

Sennh Born
l'Orient

1762

Etinne Morin
New Yorks

1801

Charleston
In Acho

A formação dos chamados altos graus na Maçonaria não pode ser compreendida como um acréscimo tardio ou artificial à Obra, mas como um desdobramento natural de conteúdos simbólicos que já estavam presentes desde os primeiros momentos da Maçonaria especulativa.

Quando, em 1717, as Lojas de Londres se organizaram em torno de uma autoridade central, ainda se reconheciam somente os graus de Aprendiz e Companheiro, porém documentos anteriores e contemporâneos revelam que, no interior do Grau de Companheiro, existiam distinções, palavras reservadas e gestos específicos destinados aos Irmãos mais experientes, aqueles que ocupavam uma posição de maturidade ritual e moral.

A separação progressiva desses elementos, realizada ao longo da década de 1720, dá origem ao Grau de Mestre Maçom, que pode ser compreendido como o primeiro alto grau da Maçonaria, não por romper com os anteriores, mas por recolher e organizar aquilo que já era transmitido restritamente.

Há também uma teoria que diz que uma sociedade de músicos maçons queria dar a distinção apropriada a um Maestro, solicitando autorização para conceder o grau de Master, Maestro, Mestre.

Sendo essa teoria envolvendo a “Philo-musicae et architecturae societas Apollini” fundada em Londres em 1725 e que funcionou somente até 1727, ou seja, por uma evolução natural no Grau de Companheiro voltada para companheiros com uma maturidade ritual e moral, **o grau de Mestre se consolidou como uma força e se tornou um elemento presente na Maçonaria especulativa.**

Esse mesmo movimento de condensação simbólica reapareceria mais tarde na criação do Past Master do Real Arco, quando os segredos do Trono de Salomão, antes ligados somente ao exercício efetivo da Venerabilidade em Loja Simbólica, são comunicados ritualmente para atender a exigências iniciáticas mais amplas.

A partir do estabelecimento do Grau de Mestre, a expansão dos Altos Graus ocorre de maneira rápida e quase paralela ao desenvolvimento da própria Maçonaria especulativa.

Surgem, ainda nas décadas de 1730 e 1740, as chamadas tradições escocesas, termo que não indica uma origem geográfica estrita, mas um modo particular de trabalhar a Maçonaria, marcado pela ampliação do horizonte simbólico e pela incorporação de narrativas ligadas à perda, à reconstrução e à responsabilidade moral do retorno.

REFLEXÃO: A ORIGEM

Meus Irmãos, interrompo por um instante a linha da história para registrar uma reflexão pessoal que, para mim, esclarece o nascimento dos Altos Graus, pois acredito que eles não surgiram somente por um impulso de aprofundamento espiritual e filosófico, mas também como resposta política a um tempo de derrotas, exílios e restaurações frustradas, e essa origem, mesmo sendo marcada por interesses do mundo, acabou por abrir um caminho que depois não pôde mais ser contido, como um rio que nasce estreito e termina por sustentar toda a paisagem iniciática.

Os Graus simbólicos, ainda que culminem no Grau de Mestre, trabalham sobretudo com uma Maçonaria objetiva, alegórica e ordenadora, com invocações ao Grande Arquiteto do Universo e com uma pedagogia de imagens que disciplina o caráter e constrói a base da consciência, porém nem sempre oferecem, no próprio conjunto, a mesma amplitude para certos desenvolvimentos filosóficos e para leituras mais longas do símbolo, e é nesse ponto que muitos sistemas superiores passam a funcionar como uma extensão natural do desejo de compreender, ampliando a linguagem e oferecendo novos horizontes de interpretação, enquanto carregam, ao fundo, marcas do tempo que os gerou.



Na minha hipótese, esse tempo é inseparável do drama escocês e jacobita, pois a deposição de Jaime VII da Escócia e II da Inglaterra após 1688 e a persistência da causa Stuart fizeram da ideia de restauração um eixo político e emocional, e quando a campanha de 1745 terminou em Culloden, em 16 de abril de 1746, a derrota empurrou homens e redes para o exílio, com a França como refúgio recorrente, e esse deslocamento não foi somente geográfico, foi uma experiência de perda e recomposição, como quem precisa reconstruir a própria casa com outras pedras e outra língua, carregando no corpo a memória de uma ordem derrubada.

É aqui que a simbologia dos Altos Graus, com seus temas de obra interrompida e retomada, de restauração do lugar sagrado, de retorno após cativeiro e de reconstrução sob Zorobabel, pode ser lida como mais do que uma continuidade bíblica, porque ela também se torna um modo de traduzir uma tragédia recente em linguagem iniciática, oferecendo aos derrotados uma gramática de recomposição, na qual a restauração do passado sagrado espelha a restauração desejada no mundo político, e assim a história antiga passa a fornecer um espelho discreto para a história moderna, sem isso precisar ser tomado como prova documental, mas como leitura que dá coerência ao encontro entre ferida e símbolo.



Somado a isso, as Ordens de Cavalaria já eram um repertório vivo na Inglaterra, na Escócia e na França, e a Maçonaria francesa do século XVIII mostrou grande facilidade em absorver linguagens cavaleirescas e projetos de reforma, ajudando a compreender por que certos graus assumem feições cristãs e por que, em algumas leituras, o Cavaleiro Rosa Cruz pode ser entendido como sinal de uma sensibilidade cristã e católica em contraste com o eixo protestante inglês consolidado após a sucessão hanoveriana, enquanto a Águia de duas cabeças, nesse mesmo espírito interpretativo, pode sugerir um corpo dividido, uma cabeça ligada à permanência escocesa e outra à sobrevivência no exílio francês, não como dogma, mas como metáfora histórica sustentada por um emblema que sabe acolher tensões.

E quando os graus falam de busca por traidores e de penas, eu prefiro ler isso como memória transfigurada, na qual a dor do colapso procura nomes para se narrar, e por isso a tríade pode ser sugerida por figuras que, na lembrança jacobita, tornaram-se linhas de fratura, como John Murray of Broughton, associado a delações após 1746, Simon Fraser, Lord Lovat, marcado por mudanças de lealdade, e John Campbell, Duque de Argyll, símbolo do braço do governo contra levantes, de modo que não se trata de apontar culpados, mas de reconhecer como a história, quando entra na linguagem dos graus, costuma reaparecer como drama moral.

Assim, Meus Irmãos, a minha tese pessoal é simples e, ao mesmo tempo, fecunda para leitura, os Altos Graus podem ter nascido do cruzamento entre necessidade iniciática e circunstância política, entre sede de aprofundamento e necessidade de reconstrução simbólica após derrotas, e por isso eles falam tanto de restauração, retorno e recomposição, porque, para além do que narram, eles também carregam o modo como homens reais tentaram reencontrar, no plano do símbolo, aquilo que lhes havia sido tirado no mundo.

Meus Irmãos, encerro esta pausa e retorno à história que interrompi, lembrando que esta é somente uma reflexão pessoal e que posso estar equivocado, ao ser possível que os Graus superiores tenham nascido unicamente de ideias nobres, de um desejo sincero de aprofundar a consciência e ampliar a linguagem simbólica, sem qualquer vínculo com disputas do mundo, ainda assim me parece prudente admitir que, muitas vezes, aquilo que hoje nos eleva também pode ter surgido de circunstâncias duras, de perdas, exílios e necessidades de recomposição, e se a minha hipótese não for a mais confortável, ao menos convida a olhar com seriedade para o caminho pelo qual essas estruturas se formaram, e com isso fecho o parêntese e retomo, com os Irmãos, o fio dos fatos e das datas.

Esses graus escoceses primitivos introduzem uma mudança significativa de perspectiva, deslocando o foco do simples aperfeiçoamento moral para **a memória da Obra interrompida e para a obrigação de restaurá-la.**

É nesse ambiente que se consolidam as narrativas ligadas ao retorno do exílio, à liderança de Zorobabel e à reconstrução de Jerusalém, temas que mais tarde se tornariam centrais tanto nos graus intermediários do sistema escocês quanto no Grau de Maçom do Real Arco e na Ordem da Cruz Vermelha, sempre como metáforas do trabalho interior e da fidelidade àquilo que foi confiado.

Embora tenham surgido nas Ilhas Britânicas, esses graus encontram na França do século XVIII um ambiente particularmente favorável, marcado por intensa circulação intelectual, interesse por sistemas filosóficos e pela síntese simbólica do conhecimento.

É nesse contexto que os chamados Altos Graus passam a se organizar de forma criativa e sistemática, culminando na elaboração da *“Ordre du Royal Secret”*, Ordem do Real Segredo, por Etienne Morin.

Morin não surge como um criador isolado, mas como um organizador consciente.



Ele recolhe materiais já existentes na tradição e lhes confere unidade, sentido e progressão, difundindo esse sistema no Caribe e na América do Norte por meio de uma cadeia iniciática sólida, ainda que apoiada em textos cuja autoridade deve ser compreendida dentro do campo da tradição e não segundo critérios jurídicos modernos.

A autoridade da Ordem do Real Segredo repousa, portanto, tanto em documentos quanto na continuidade da prática iniciática, especialmente nas Antilhas e nas colônias americanas, onde nomes como **Henry Andrew Francken** desempenham papel decisivo na preservação e transmissão dos rituais.

O ano de 1801 marca a síntese e a estabilização desse longo processo com a fundação, em **Charleston**, do **Primeiro Supremo Conselho do Grau 33**, que passa a organizar e conferir unidade a um conjunto de graus já existentes.

Esse Supremo Conselho, considerado o mais antigo do mundo, assume progressivamente a função de guardião dos Altos Graus, fundamentando sua autoridade nas chamadas Grandes Constituições de 1786, tradicionalmente atribuídas a Frederico II da Prússia, que funcionam menos como documento histórico estrito e mais como eixo simbólico de legitimidade, à semelhança das antigas lendas preservadas nos Velhos Deveres.

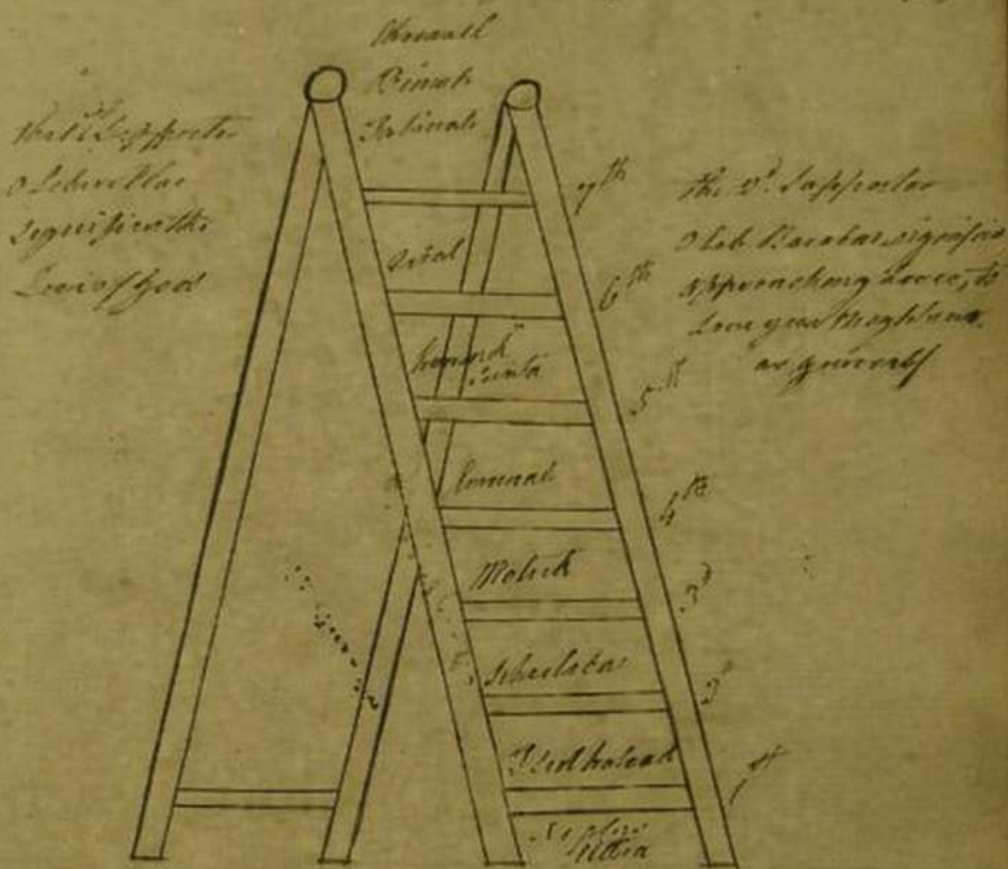
Assim, o conjunto dos Altos Graus revela-se não como um sistema paralelo à Maçonaria simbólica, mas como uma expansão interpretativa de seus princípios fundamentais, destinada a Mestres que, tendo compreendido a base da Obra, são convidados a aprofundar sua leitura.

Não se trata de acumular títulos, mas de assumir responsabilidades maiores diante do mundo e da própria consciência, pois o escocismo, em sua essência, não promete atalhos, mas exige transformação, continuidade e fidelidade àquilo que foi recebido.

O Rito Escocês Antigo e Aceito surge como a consciência despertando, camada após camada, quando aquilo que era vivido em silêncio encontra forma, linguagem e ordem, e então o Mestre compreende que a Obra atravessa qualquer Grau, e que tudo começa no instante em que **o símbolo deixa de repousar como herança e exige a responsabilidade de ser vivido.**



The indispensible necessity, for you my B^d to Mount the Ladder
 since I order of our Order, that you may have a true knowledge of it



As soon as the land C^d mounts the Ladder, and at the Top of each Step
 pronounces the name belonging to it, and when he is on the highest
 of it, and has pronounced the last Word, the Ladder is lowered
 backwards, in Order, that the land C^d pass over the Ladder, be-
 cause he cannot return the same way, or he would be oblig'd to go back
 again; so, he has taken his B^d that he return, by the same way,
 he comes. The Order and Subject of the Order is the reason. He
 then reads the Words at the Bottom of the Ladder. As follows.

Then, the 1st B^d embraces the land C^d and says to him: my
 dear B^d, I am going to give you the Sign, which is the word, with the
 Sign, and of the 1st B^d said to the land C^d, after it, I have you an English
 name of the Mysteries of the Ladder, which you have already seen

O MANUSCRITO FRANCKEN

São assim chamadas um conjunto de cópias manuscritas associado a *Henry Andrew Francken*, responsável por traduzir e organizar, em língua inglesa, um corpo ritual de Altos Graus então ligado ao sistema conhecido como *Ordem do Segredo Real*, mais tarde frequentemente tratado na historiografia como *Rito de Perfeição*, com vinte e cinco Graus, e é por isso que esse material aparece como uma das testemunhas mais antigas e úteis para compreender a transição entre as formas caribenhas e francesas desses graus e a consolidação posterior do que seria o Rito Escocês Antigo e Aceito em ambiente norte americano.

A cópia mais citada é a de 1783, preparada por Francken para o Deputy Inspector David Small, contendo uma sequência ritual do 4º ao 25º Grau, com instruções de trabalhos, fórmulas, catecismos e elementos de ordenação prática do sistema, funcionando menos como uma norma eterna e mais como um retrato documental de como esses graus circulavam e eram compreendidos naquele período, antes das grandes padronizações do século XIX.

Esse documento encontra-se atualmente sob a guarda da Jurisdição Norte do Rito Escocês Antigo e Aceito, no Scottish Rite Masonic Museum and Library, em Lexington, Massachusetts, Estados Unidos, no endereço 33 Marrett Road.



O REAA NOS EUA

A chegada do Rito Escocês Antigo e Aceito aos Estados Unidos não pode ser contada como se fosse a simples importação de um sistema pronto, embalado em pergaminhos e selos, desembarcando inteiro como um artefato europeu trazido por mãos seguras.

Ela se assemelha mais a um rio que atravessa o oceano em fragmentos invisíveis, misturado ao comércio, às guerras, às migrações e às ambições humanas, até que em algum ponto encontra terreno fértil e se transforma em correnteza.

No fim do século XVIII e início do XIX, o mundo atlântico era um tabuleiro instável onde as ilhas do Caribe, os portos franceses, as rotas espanholas e as colônias britânicas se tocavam como dedos inquietos.

Foi nesse cenário, mais marítimo do que continental, que os graus superiores começaram a circular.

Homens viajavam levando consigo cartas de recomendação, memórias ritualísticas, títulos obtidos em cidades distantes e, sobretudo, a convicção de que pertenciam a uma tradição que precisava sobreviver mesmo quando a geografia mudava.

Muitos desses Irmãos não eram grandes filósofos, nem visionários de biblioteca, mas comerciantes, militares e diplomatas que compreendiam, por instinto, que o poder real de uma Ordem não está somente em seus símbolos, mas na capacidade de se organizar e de se reconhecer através do tempo e da distância.

É assim que o REAA, antes de ser americano, já era atlântico.

Seus graus vinham sendo transmitidos por vias que hoje parecem labirínticas, envolvendo autorizações concedidas ainda na Europa, revalidadas em territórios coloniais e recriadas em solo novo conforme a necessidade.

O que se formou primeiro nos Estados Unidos não foi uma estrutura sólida e uniforme, mas pequenas ilhas de prática ritualística, corpos isolados trabalhando com títulos elevados e nomes grandiosos, muitas vezes sem plena concordância entre si, como se cada grupo segurasse uma peça diferente de um mesmo mapa antigo.

A América do período pós-independência era vasta, jovem e desconfiada de qualquer autoridade central, mas ao mesmo tempo era profundamente sedenta por legitimidade, por raízes e por linhagens simbólicas que a conectassem a uma história maior do que sua própria juventude política.

Nesse desejo silencioso de continuidade, o REAA encontrou seu lugar, oferecendo algo que o mundo novo compreendia muito bem, uma hierarquia de sentido, uma progressão que prometia não somente honra, mas compreensão, não somente títulos, mas um caminho.

Com o tempo, a expansão desses corpos fez surgir uma questão inevitável: quem tinha o direito de dizer o que era legítimo.

Quem poderia reconhecer patentes, regular graus e impedir que o sistema se fragmentasse em versões concorrentes.

A Maçonaria americana já havia aprendido, com a experiência, que uma tradição sem governo se dissolve como areia.

E foi justamente nesse ponto, quando o REAA precisava deixar de ser uma coleção de práticas dispersas e se tornar um organismo reconhecível, que a história começou a caminhar em direção a um lugar específico, uma cidade portuária do Sul, quente, elegante e estrategicamente posicionada no mapa do novo país.



Charleston

Charleston, no alvorecer do século XIX, não era simplesmente um porto ativo do Sul dos Estados Unidos, mas um ponto de convergência onde comércio internacional, interesses políticos e correntes culturais se entrelaçavam com intensidade rara.

O Atlântico estava presente não somente na paisagem, mas no espírito da cidade, que respirava influências europeias enquanto sustentava uma economia marcada por contrastes profundos, entre prosperidade mercantil e a dura realidade da escravidão. Esse ambiente de circulação constante de ideias, capitais e homens criava uma atmosfera favorável à organização de sistemas que aspiravam alcance além das fronteiras locais. Charleston reunia as condições práticas e simbólicas para servir de eixo a um projeto maçônico de estrutura internacional.

Foi nesse cenário que, em 1801, se instituiu o Primeiro Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito, posteriormente reconhecido como o Conselho Mãe do mundo.

O acontecimento não assumiu a forma de solenidade pública nem buscou aclamação externa. Tratou-se de um ato deliberado, conduzido por um grupo restrito de onze Irmãos que compreenderam a necessidade de transformar uma tradição dispersa em uma organização estável.

Os graus superiores já circulavam em diferentes regiões, praticados sob múltiplas variações e influências, mas careciam de um centro regulador que lhes conferisse unidade administrativa e autoridade reconhecida.

Ao estabelecer um Supremo Conselho soberano, aqueles fundadores criaram uma instância capaz de emitir patentes, definir critérios de regularidade e estabelecer um modelo de governo que assegurasse continuidade.

Esse gesto teve alcance estrutural.

A partir dele, o Rito deixou de depender exclusivamente da memória e da legitimidade pessoal de seus transmissores e passou a apoiar-se em uma organização formal, com autoridade definida e capacidade de expansão coordenada.

Charleston tornou-se, assim, um ponto de referência permanente.

Não apenas por ser o local da fundação, mas por oferecer ao sistema uma espinha dorsal administrativa que permitiu sua consolidação e crescimento.

Nos anos subsequentes, o modelo organizado em Charleston encontrou ressonância em outras nações.

A França instituiu o seu Supremo Conselho em 1804, a Espanha em 1811 e, em 1813, formou-se a estrutura que governaria os corpos do Norte dos Estados Unidos, refletindo a própria diversidade política e cultural do país.

A divisão entre Sul e Norte não era mera delimitação geográfica, mas expressão de realidades distintas que demandavam administrações próprias.

Assim se configuraram ambas as grandes jurisdições americanas, cada qual responsável por territórios e corpos que se desenvolviam em contextos diferentes, mas reconhecendo a legitimidade do modelo original.

A expansão continuou com a Irlanda em 1826, seguida pela Inglaterra e País de Gales em 1845, que receberam patente da autoridade já estabelecida na América, e pela Escócia em 1846.

A sequência dessas datas revela mais do que crescimento numérico, demonstra a formação gradual de uma arquitetura institucional baseada em reconhecimento formal e documentação constitutiva. Cada novo Supremo Conselho surgia por meio de atos regulares, criando uma rede de legitimidade que assegurava continuidade e identidade comum.

Com o tempo, essa organização ultrapassou o eixo atlântico e alcançou outros continentes.

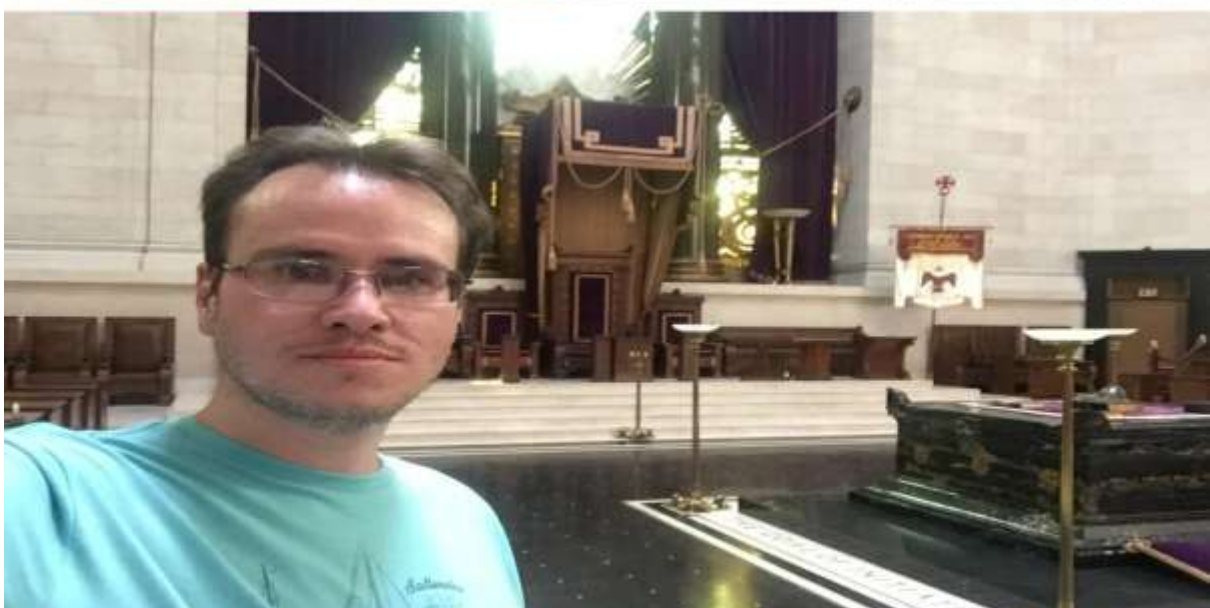
Atualmente existem Supremos Conselhos independentes em mais de sessenta países, cada qual soberano em seu território, mas estruturado segundo princípios administrativos semelhantes aos estabelecidos no início do século XIX.

O que se iniciou como um ato reservado em uma cidade portuária transformou-se em uma rede internacional consolidada.

Mesmo quando a sede administrativa da Jurisdição Sul foi posteriormente transferida para Washington, Charleston permaneceu como o lugar da origem.

Certos locais adquirem significado histórico não por aura mística, mas porque ali decisões institucionais redefiniram o rumo de uma tradição. Em 1801, ao instituir um centro soberano capaz de organizar e regular os graus superiores, os fundadores em Charleston conferiram ao Rito Escocês Antigo e Aceito uma base administrativa duradoura.

Essa base permitiu que o sistema se expandisse de maneira estruturada, mantendo identidade e continuidade ao longo de mais de dois séculos.





Albert Pike

Se Charleston foi o berço institucional, **Albert Pike** foi o homem que deu ao REAA americano uma voz que atravessaria gerações.

Sua importância não reside no mito fácil de um fundador absoluto, pois ele não fundou o Rito, nem criou seus graus, e tampouco inventou o sistema do nada.

Pike foi, antes, aquilo que raramente aparece na história com clareza, um organizador de mundos.

Um homem capaz de olhar para um conjunto de tradições, textos, variantes ritualísticas e influências dispersas e enxergar ali uma arquitetura possível.

Ele surgiu no século XIX como uma figura quase inevitável para o destino do REAA, porque possuía duas qualidades raras reunidas numa só pessoa, energia administrativa e profundidade intelectual.

Pike era um homem de seu tempo, e seu tempo era feroz. Era a era do expansionismo americano, da tensão crescente entre Norte e Sul, das disputas políticas, das guerras internas que se aproximavam como tempestade.

Ele viveu a Guerra Civil, conheceu a brutalidade e o colapso moral que uma nação pode experimentar, e ainda assim dedicou sua vida a construir um sistema simbólico que pretendia oferecer ao homem uma escada de elevação interior.

Há algo de profundamente humano nisso, porque Pike parece ter compreendido que o mundo pode ser caótico, mas a mente precisa de ordem, e a Ordem precisa de linguagem.

Quando se tornou Soberano Grande Comendador da Jurisdição Sul, ele assumiu um Rito que já existia, mas que carecia de unidade ritualística e de coerência doutrinária.

Havia graus transmitidos de maneiras diversas, com diferenças de texto e de forma, e a expansão do REAA exigia uma padronização que não destruísse a tradição, mas que lhe desse estabilidade.

Pike trabalhou nesse ponto como um arquiteto que reforma um edifício antigo sem derrubar seus pilares.

Revisou rituais, consolidou estruturas, fortaleceu o sistema de governo e deu ao REAA uma identidade mais reconhecível, capaz de atravessar o país e, posteriormente, influenciar outros lugares do mundo.

E então veio sua obra mais conhecida, *Morals and Dogma*, que se tornaria ao mesmo tempo farol e polêmica, reverência e incompreensão.

**Moral e Dogma não é um livro simples,
e nem foi escrito para ser simples.**

Pike não escrevia como quem deseja agradar, mas como quem deseja registrar um universo de referências, comparações e interpretações.

Seu texto carrega o peso de um século inteiro de erudição, com linguagem por vezes severa e uma ambição enciclopédica que não se encontra facilmente.

Morals and Dogma não deve ser lido como catecismo, e talvez nem como manual, mas como o testemunho de um homem tentando construir uma ponte entre tradições antigas e a mente moderna.

Em muitos pontos, ele fala mais de Pike do que do REAA, e talvez seja justamente isso que o torna tão duradouro, porque ali não há somente doutrina, há personalidade, há visão, há conflito interno, há tentativa.

Pike se tornou importante porque conferiu densidade ao Rito.

Ele fez o REAA parecer maior do que um sistema de graus, e o apresentou como uma jornada de consciência, uma travessia onde símbolos não são ornamentos, mas chaves de leitura do mundo e do homem.

Seu legado não está somente no que escreveu, mas no fato de ter transformado a Jurisdição Sul em um centro cultural e ritualístico de enorme influência, capaz de irradiar padrões e interpretações para todo o continente.

Depois dele, o REAA americano já não era uma adaptação colonial de modelos europeus, mas uma tradição com identidade própria, profundamente marcada pela experiência histórica dos Estados Unidos e pela necessidade americana de transformar espiritualidade em construção prática.

Por isso, ao observar a linha que vai do Atlântico instável do século XVIII até os grandes corpos organizados do século XIX, percebe-se que o REAA nos Estados Unidos não nasceu de um gesto único, mas de uma convergência.

Charleston deu forma ao governo, Pike deu forma à linguagem, e o país deu forma ao destino.

O resultado foi um Rito que carrega no coração uma tensão constante entre disciplina e liberdade, entre erudição e mito, entre história e símbolo.

Para os historiadores, torna-se evidente que o Rito Escocês Antigo e Aceito, ao criar raízes em solo norte-americano, passou a carregar em sua própria essência uma espécie de espelho do país que o acolheu, não como cópia servil, mas como ressonância.

A história dos Estados Unidos sempre avançou em duas direções ao mesmo tempo, proclamando ideais luminosos enquanto convivia com sombras persistentes, defendendo liberdade e ordem na mesma frase e, ainda assim, precisando aprender, a cada geração, que nenhuma nação se sustenta somente por declarações, mas pela lenta disciplina de transformar princípios em vida, e é nesse atrito entre promessa e realidade, entre sonho público e custo humano, que muitos estudiosos enxergam a marca americana impressa no Rito, não como uma assinatura evidente, mas como um modo de organizar a tradição, de governar a diversidade e de converter heranças recebidas em formas estáveis, capazes de atravessar distâncias e crises sem perder o eixo interior.

Esse é o segredo da força do REAA americano, ele não se limita a repetir uma tradição antiga, ele a reinterpreta, e ao reinterpretá-la, revela que:

**Uma Ordem verdadeira precisa ser ao mesmo tempo,
memória e caminho, raiz e horizonte, silêncio e construção.**



1832

Paris 1929

Suprême Conseil

GRANDE ORIENTE DO BRASIL

1927

2000

O REAA NO BRASIL

A trajetória do Rito Escocês Antigo e Aceito no Brasil se estrutura como um processo histórico marcado por tentativas de adaptação, amadurecimento institucional e progressiva busca de coerência iniciática, no qual fatos administrativos e leituras simbólicas caminham lado a lado sem jamais se confundirem.

O ponto inaugural desse percurso remonta a 1829, quando o Irmão Francisco Gê Acayaba de Montezuma, então no exílio, recebeu do Supremo Conselho dos Países Baixos, posteriormente reconhecido como Bélgica, a autorização para instalar em território brasileiro um Supremo Conselho do Rito.

Com seu retorno ao Brasil, em 1832, essa autorização foi efetivamente colocada em prática, dando origem ao primeiro Supremo Conselho nacional e lançando as bases formais dos Graus Superiores no país.

Os anos que se seguiram foram marcados por uma configuração singular, na qual o Supremo Conselho e o Grande Oriente do Brasil passaram a operar entrelaçadamente, criando um modelo híbrido no qual o Grão-Mestre do Grande Oriente assumia simultaneamente a função de Soberano Grande Comendador do Rito Escocês, mesmo quando não integrava plenamente o sistema dos Graus Superiores.

Esse amálgama, embora funcional em determinado contexto histórico, afastava-se do padrão adotado internacionalmente e produziu tensões latentes que permaneceram por décadas, aguardando o momento de sua resolução.

Esse momento se apresentou em 1925, quando o Irmão Mário Behring, então Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil e Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho, reconheceu a incongruência da sobreposição de jurisdições e promoveu a separação formal entre os Graus Simbólicos e os Graus Superiores, alinhando o Brasil à prática consagrada no restante do mundo maçônico.

Ao optar por não se recandidatar ao Grão-Mestrado e permanecer à frente do Supremo Conselho, Behring consolidou institucionalmente essa divisão, que, em princípio, se pretendia harmônica e definitiva.

Contudo, a tentativa do Grão-Mestre eleito, Octavio Kelly, de reassumir também o comando do Supremo Conselho sem o respaldo eleitoral necessário transformou essa reorganização em um conflito aberto, convertendo a separação administrativa em cisão.

As consequências desse rompimento tornaram-se evidentes em 1927, quando o Supremo Conselho passou a carecer de uma base simbólica regular para o ingresso de Mestres no Grau 4, enquanto o Grande Oriente do Brasil ficou sem uma via legítima para conduzir os Irmãos das Lojas Escocesas que desejavam prosseguir seus estudos nos Graus Superiores.

Para preservar a continuidade da Obra, o Supremo Conselho, ainda sob a liderança de Mário Behring, incentivou a criação das Grandes Lojas Brasileiras, garantindo assim o fluxo iniciático necessário às Lojas de Perfeição.

Em paralelo, setores ligados ao Grande Oriente, com o apoio de antigos membros do Supremo Conselho, instituíram um novo corpo, que passou a ser conhecido como Supremo Conselho reconstituído.

A definição definitiva dessa controvérsia ocorreu em 1929, durante a IV Conferência Mundial dos Supremos Conselhos, realizada em Paris, quando foi reconhecido internacionalmente como regular e legítimo apenas o Supremo Conselho oriundo da linhagem Montezuma.

Esse reconhecimento se apoiou no princípio consagrado nas Grandes Constituições de 1786, segundo o qual deve existir somente um Supremo Conselho por país, ressalvada a exceção histórica prevista para os Estados Unidos.

Tal decisão não foi entendida como a negação de uma origem comum, mas como o reconhecimento de uma continuidade regular e de uma autoridade única para o Rito Escocês Antigo e Aceito no Brasil.

Já no limiar do século XXI, em 2000, o Brasil voltou a ocupar posição de destaque no cenário internacional ao sediar, no Rio de Janeiro, a XVI Conferência Mundial dos Supremos Conselhos.

Na ocasião, o Irmão Luiz Fernando Rodrigues Torres, Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do Grau 33 para a República Federativa do Brasil, assumiu a presidência da Conferência, cargo que transferiu em 2005 ao Soberano Grande Comendador da Austrália, Irmão Jack Ball.

Esse episódio simboliza não somente o reconhecimento da regularidade brasileira, mas também a maturidade institucional de um caminho que, após conflitos e ajustes, encontrou estabilidade, coerência e lugar próprio no concerto universal da Maçonaria.



R.E.A.A.33



SUPPEL CONSELHO
PARA O BRASIL



R.E.A.A.33



SUPPEL CONSELHO
PARA O BRASIL



O MESTRE SECRETO

Na visão de Albert Pike

Pike sugere que, se o Mestre Maçom chegou ao seu Grau esperando encontrar uma revelação final, uma sensação de encerramento ou um triunfo definitivo, ele terá provavelmente sentido o contrário, porque o Mestre, ao invés de receber uma coroa, recebe uma ausência.

E é nesse vazio que o Grau de Mestre Secreto começa a agir, como se dissesse ao Irmão que a verdadeira caminhada não termina quando se recebe um título, mas quando se compreende que a Obra é maior do que qualquer conquista pessoal, e que o homem que pensa ter chegado ao topo somente alcançou o primeiro patamar de uma montanha mais alta.

Pike insiste que a Maçonaria não deve ser compreendida como um conjunto de cerimônias isoladas, mas como uma sucessão de alegorias, uma linguagem construída para transportar lições morais e filosóficas através do tempo.

Ele observa que muitos dos símbolos e formas dos Graus simbólicos chegaram até nós desgastados, simplificados e, em certas partes, mal compreendidos, como colunas antigas que ainda sustentam uma entrada, mas já não revelam toda a grandiosidade do edifício ao qual pertencem.

O Mestre Secreto surge como o primeiro convite real ao aprofundamento, não para negar o valor da Loja Simbólica, mas para resgatar sua profundidade, pois o que antes parecia somente tradição passa a ser reconhecido como herança intelectual e espiritual.

Esse Grau ensina que o homem que deseja compreender a Maçonaria verdadeiramente precisa estudar, refletir, digerir e buscar a origem dos símbolos, porque a Ordem possui uma história, uma literatura e uma filosofia, e não é possível descobrir seus significados vivendo somente de repetições e formalidades.

Dentro dessa perspectiva, o Mestre Secreto representa um homem chamado à disciplina interior, e **Pike** coloca grande ênfase no **sigilo**, mas não como um jogo de ocultação, e sim como virtude moral.

O sigilo, para ele, é a primeira grande prova de caráter, porque ensina ao Maçom que a palavra deve ser medida, que a confiança é sagrada, e que um homem incapaz de guardar aquilo que lhe foi confiado ainda não está pronto para carregar responsabilidades maiores.

O Mestre Secreto aprende que o segredo não é uma informação escondida, mas um compromisso que molda o comportamento, e que a fidelidade a esse compromisso é uma forma de honra invisível, mais séria do que qualquer aplauso.

Pike associa esse Grau ao dever, à vigilância e à obediência consciente, não como submissão a tiranias humanas, mas como respeito à Lei justa, à moral verdadeira, e à ordem necessária para que a sociedade e a fraternidade não desmoronem.

O conhecimento é um tesouro real, talvez o mais genuíno dos bens humanos, porque ele ilumina o espírito e expande a alma.

Ele afirma que a ignorância é escuridão e o homem cresce à medida que aprende, como uma semente que se transforma em árvore.

Essa imagem não é gratuita, pois **Pike** deseja que o Maçom compreenda que a iniciação não é um acontecimento, mas um processo, e que a mente precisa ser cultivada com o mesmo zelo com que se cultiva a virtude.

O Mestre Secreto, portanto, é chamado a ser um homem de estudo, de consciência, de integridade, e sobretudo um homem que entende que a Maçonaria não foi criada para alimentar vaidades pessoais, mas para formar indivíduos capazes de servir melhor à humanidade, à sua família, ao seu país e à própria Ordem.

E aqui está o ponto mais decisivo para despertar o Mestre Maçom que ainda hesita em ingressar na Perfeição.

Pike sugere que os Altos Graus não são um luxo, nem um ornamento, nem uma coleção de títulos, mas uma continuação natural para aquele que realmente deseja entender a Maçonaria como um sistema completo.

O Mestre Secreto é a primeira confirmação de que existe uma escada acima do chão simbólico, e que essa escada exige mais seriedade, mais responsabilidade e mais compromisso com a própria honra.

Ele adverte que o homem que recebe um Grau e não o merece degrada esse grau e, ao mesmo tempo, degrada a si, porque os Graus não são enfeites externos, mas exigências internas.

Assim, o Mestre Secreto se torna uma convocação moral, uma chamada ao aperfeiçoamento do caráter, ao respeito pela palavra dada, à fidelidade como fundamento da vida e à disciplina como caminho de elevação.

Em essência, na visão de **Pike**, o Grau de Mestre Secreto é o momento em que a Maçonaria deixa de ser somente convivência e ritualidade e se revela como escola profunda de consciência.

Ele é o primeiro Grau onde o homem percebe que a Ordem não pretende somente torná-lo um bom Irmão na Loja, mas um homem digno fora dela.

E talvez seja exatamente por isso que esse Grau é tão poderoso, porque ele não promete glória, ele exige caráter, e ao exigir caráter, ele desperta no Maçom uma pergunta inevitável: se eu já cheguei até aqui, como posso aceitar permanecer parado, se a Obra me chama para ir além?

**Um homem cuja palavra tem peso,
cuja honra não depende de testemunhas,
e a conduta é constante,
na Ordem ou no Caos!**



OS PRÓXIMOS PASSOS

Antes de qualquer aprofundamento, vale colocar ordem na linguagem para que o REAA seja compreendido com clareza, sem confusão entre a dinâmica administrativa dos Corpos e a sua natureza iniciática, porque o Rito, quando é lido com serenidade, mostra que forma e essência caminham juntas, mas não se confundem, e que o essencial não depende do brilho exterior para existir.

No Rito Escocês Antigo e Aceito, todos os Graus carregam conteúdo simbólico e progressivo, porém nem todos se expressam, em cada contexto, pela mesma modalidade ritualística, e é justamente aqui que muitos Irmãos amadurecem uma pedagogia mais inteligente, por perceberem algo decisivo sobre o espírito do REAA, pois ele não é um sistema que precisa exclusivamente da encenação para se sustentar, e sim uma via de construção interior organizada por etapas, por marcos e por cumes simbólicos, nos quais a consciência vai sendo convocada a mudar de lugar.

Quando certos Graus são conferidos em cerimônia plena, enquanto outros são comunicados por leitura, instrução ou síntese ritualística, não se está, por isso, diminuindo a importância dos demais, e sim adotando uma lógica de transmissão baseada em pilares.

Em pontos de condensação doutrinária e simbólica, onde o impacto iniciático tende a ser mais concentrado, mais dramático e mais transformador, de modo que a jornada conserve uma cadência que sustente o trabalho interno do iniciado sem impor, como regra fixa, uma única forma de passagem.

Esses marcos recorrentes, reconhecidos em muitas tradições do próprio Rito, funcionam como portais, cada qual assinalando uma passagem nítida de linguagem e de consciência, e enquanto alguns encerram ciclos e reorganizam a visão do Irmão sobre a própria caminhada, outros abrem horizontes e oferecem chaves de leitura que reordenam tudo o que veio antes, como se o caminho, em certos momentos, solicitasse não mais quantidade de passos, mas profundidade no passo.

Há Graus que se comportam como colunas, sustentando uma arquitetura invisível, e há outros que se assemelham a corredores e escadas, necessários ao deslocamento, porém nem sempre exigindo o mesmo aparato externo para cumprirem sua função, e por isso a comunicação, quando bem-feita, não mutila o percurso, mas conduz o Irmão pelo mesmo edifício por uma via diferente, respeitando o tempo do Corpo, a realidade logística e, sobretudo, a capacidade do iniciado de trabalhar por dentro com aquilo que lhe é entregue.

Nesse sentido, o REAA preserva uma verdade silenciosa que se perde quando se confunde rito com teatro, por a cerimônia ser instrumento e linguagem, não destino, e o que realmente transforma não é o excesso de forma, mas a fidelidade com que cada símbolo, recebido de modo pleno ou comunicado com sobriedade, encontra morada na consciência e se converte em obra.

A dramatização tem seu lugar, porque fala ao inconsciente e imprime marcas profundas, mas a essência do Grau não reside no aparato, e sim na operação simbólica que ele desencadeia.

Em certo ponto da caminhada, o Irmão começa a perceber que o símbolo não depende mais da cena para se manifestar, pois ele passa a viver dentro dele como uma linguagem ativa, e o que antes precisava ser visto com os olhos passa a ser reconhecido pela consciência.

Quando isso acontece, o rito deixa de ser somente uma experiência externa e torna-se um método interior de leitura do mundo, de si e da própria Obra.

Por isso, essa prática pode ser entendida não como negação, mas como hierarquização pedagógica, uma forma de preservar o que é essencialmente estruturante, sem perder tempo com repetições formais que, para muitos, já não produzem o mesmo efeito iniciático.

O risco, evidentemente, existe, pois toda comunicação mal-conduzida pode transformar o Grau em mera informação, e informação não inicia ninguém.

Porém, quando há seriedade, estudo e um ambiente que estimula a contemplação, o Grau comunicado pode cumprir sua missão como semente, lançada não no ouvido, mas no interior.

E talvez seja exatamente essa a lição mais profunda, ao chegar um momento em que o iniciado não precisa mais do teatro externo para acreditar na realidade do invisível, já que o invisível passou a ser a linguagem com que ele interpreta a própria existência.

Quando falamos de Charleston, falamos do momento em que o REAA deixa de ser um conjunto de tradições dispersas e se transforma numa estrutura formal que pretende governar sua própria continuidade.

A fundação do Supremo Conselho em Charleston, em 1801, consolidou administrativamente o REAA moderno ao dar governo central e forma estável a um conjunto que já possuía elementos anteriores na França e na Europa, criando uma Constituição operativa e uma autoridade capaz de impulsionar sua expansão e padronização.

O que era antes uma constelação de tradições se tornou um corpo com esqueleto, e isso, em qualquer Ordem iniciática, é sempre ambíguo, pois a forma protege a essência, mas também pode endurecê-la.

Ainda assim, sem Charleston, o REAA talvez tivesse permanecido como uma coleção de rituais regionais, e não como uma linguagem universal capaz de atravessar continentes.

Albert Pike não é o fundador do Rito, mas se torna seu grande arquiteto intelectual no mundo de língua inglesa, sobretudo a partir do século XIX.

Seu livro *Morals and Dogma* não deve ser lido como catecismo, e sim como uma biblioteca comentada, um grande mapa de referências filosóficas, bíblicas, herméticas, clássicas e históricas, usado para sugerir que cada Grau é uma lente específica para contemplar o mesmo problema humano.

Pike compreendeu que o REAA não é uma sequência de histórias, mas uma escalada de consciência, onde a moral se refina conforme a mente aprende a enxergar nuances.

Ele escreve como quem coloca tochas ao longo do caminho, não como quem pretende substituir o caminho, mas iluminá-lo.



MORALS AND DOGMA

OF THE

ANCIENT AND ACCEPTED SCOTTISH RITE

OF

FREEMASONRY

PREPARED FOR THE

SUPREME COUNCIL OF THE THIRTY-THIRD DEGREE

FOR THE

SOUTHERN JURISDICTION OF THE UNITED STATES,

AND

PUBLISHED BY ITS AUTHORITY.

CHARLESTON,
A. M. 5641

PREFACE.

the thoughts and words of others; he has continually changed and added to the language, often intermingling, in the same sentences, his own words with theirs. It not being intended for the world at large, he has felt at liberty to make, from all accessible sources, a Compendium of the Morals and Dogma of the Rite, to re-mould sentences, change and add to words and phrases, combine them with his own, and use them as if they were his own, to be dealt with at his pleasure and so availed of as to make the whole most valuable for the purposes intended. He claims, therefore, little of the merit of authorship, and has not cared to distinguish his own from that which he has taken from other sources, being quite willing that every portion of the book, in turn, may be regarded as borrowed from some old and better writer.

The teachings of these Readings are not sacramental, so far as they go beyond the realm of Morality into those of other domains of Thought and Truth. The Ancient and Accepted Scottish Rite uses the word "Dogma" in its true sense, of doctrine, or teaching; and is not dogmatic in the odious sense of that term. Every one is entirely free to reject and dissent from whatsoever herein may seem to him to be untrue or unsound. It is only required of him that he shall weigh what is taught, and give it fair hearing and unprejudiced judgment. Of course, the ancient theosophic and philosophic speculations are not embodied as part of the doctrines of the Rite; but because it is of interest and profit to know what the Ancient Intellectual thought upon these subjects, and because nothing so conclusively proves the radical difference between our human and the animal nature, as the capacity of the human mind to entertain such speculations in regard to itself and the Deity. But as to these opinions themselves, we may say, in the words of the learned Canonist, Ludovicus Gomez: "*Opiniones secundum varietatem temporum reuertunt et intermoranantur, aliquando diuersa vel prioribus contraria renascuntur et deinde pubescunt.*"

PREFACE.

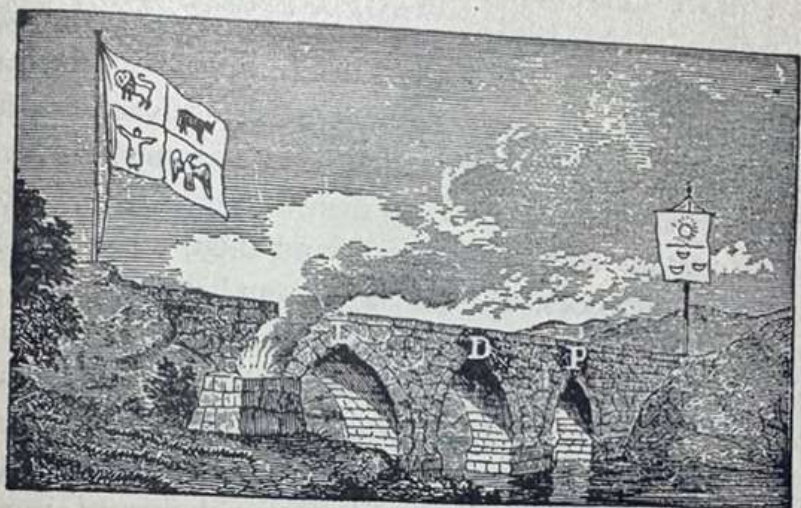
The following work has been prepared by authority of the Supreme Council of the Thirty-third Degree, for the Southern Jurisdiction of the United States, by the Grand Commander, and is now published by its direction. It contains the Lectures of the Ancient and Accepted Scottish Rite in that jurisdiction, and is specially intended to be read and studied by the Brethren of that obedience, in connection with the Rituals of the Degrees. It is hoped and expected that each will furnish himself with a copy, and make himself familiar with it; for which purpose, as the cost of the work consists entirely in the printing and binding, it will be furnished at a price as moderate as possible. No individual will receive pecuniary profit from it, except the agents for its sale.

It has been copyrighted, to prevent its republication elsewhere, and the copyright, like those of all the other works prepared for the Supreme Council, has been assigned to Trustees for that Body. Whichever profits may accrue from it will be devoted to purposes of charity.

The Brethren of the Rite in the United States and Canada will be afforded the opportunity to purchase it, nor is it forbidden that other Masons shall; but they will not be solicited to do so.

In preparing this work, the Grand Commander has been ably equally Author and Compiler; since he has extracted quite half its contents from the works of the best writers and most philosophic or eloquent thinkers. Perhaps it would have been better and more acceptable, if he had extracted more and written less.

Still, perhaps half of it is his own; and, in incorporating her



XV.

KNIGHT OF THE EAST OR OF THE SWORD.

[Knight of the East, of the Sword, or of the Eagle.]

THIS Degree, like all others in Masonry, is symbolical. Based upon historical truth and authentic tradition, it is still an allegory. The leading lesson of this Degree is Fidelity to obligation, and Constancy and Perseverance under difficulties and discouragement.

Masonry is engaged in her crusade,—against ignorance, intolerance, fanaticism, superstition, uncharitableness, and error. She does not sail with the trade-winds, upon a smooth sea, with a steady free breeze, fair for a welcoming harbor; but meets and must overcome many opposing currents, baffling winds, and dead calms.

The chief obstacles to her success are the apathy and faithlessness of her own selfish children, and the supine indifference of the world. In the roar and crush and hurry of life and business, and the tumult and uproar of politics, the quiet voice of Masonry is unheard and unheeded. The first lesson which one learns, who engages in any great work of reform or beneficence, is, that men are essentially careless, lukewarm, and indifferent as to everything that does not concern their own personal and immediate



No Brasil, o REAA se tornou, ao longo do tempo, o Rito mais difundido e institucionalmente dominante, principalmente pela força histórica do Grande Oriente do Brasil e pela influência do modelo francês no século XIX.

A consolidação do REAA no Brasil se liga naturalmente ao ambiente político e cultural do Império, quando a Maçonaria atuava como espaço de sociabilidade ilustrada e, ao mesmo tempo, como linguagem de formação moral para elites em ascensão, oferecendo um repertório de ideias, símbolos e disciplina interior que dialogava com o ideal de homem público, com a cultura do discurso e com a necessidade de construir respeitabilidade.

Nesse cenário, os Altos Graus do REAA apresentavam um caminho com prestígio, hierarquia e continuidade, além de uma imagética compatível com o imaginário cristão e cavalheiresco já presente no país, o que facilitou a sua assimilação sem rupturas, como se o Rito simplesmente desse forma e método a desejos que já estavam em circulação.

Pike se enraizou porque oferece um eixo interpretativo que confere unidade ao caminho do 4 ao 32, num contexto em que texto, retórica e instrução moral sempre legitimaram a vivência maçônica, sobretudo quando a jornada exige leitura e reflexão ética mais abstrata além da Loja simbólica.



יְהוָה

וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד

וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד
וְעִירָה בְּכִיד

BAI

OS GRAUS ESCOCESSES

O 5º Grau, Mestre Perfeito, é o Grau da fidelidade ao que permanece quando o entusiasmo já passou.

A ausência do Mestre de Obras é a essência da transformação do vínculo individual com a Obra sendo realizada. A verdadeira perfeição não é triunfo, mas integridade diante do silêncio.

É o Grau onde a consciência aprende a respeitar a memória e a responsabilidade, compreendendo que a justiça começa na retidão interior, e que honrar um legado não é repetir palavras, mas continuar uma construção com dignidade.

O 6º Grau, Secretário Íntimo, aprofunda o tema do segredo como virtude moral.

Não se trata de ocultar por vaidade, mas de guardar por reverência.

Nem toda verdade deve ser proclamada, porque certas verdades, quando expostas fora do tempo, tornam-se profanadas pelo ruído do mundo.

Aqui, a ética é a da discrição e da confiança, e o Irmão aprende que a lealdade é uma forma de espiritualidade, e que ser digno de segredos é ser digno de si.

O 7º Grau, Preboste e Juiz, coloca o iniciado diante do problema mais perigoso de todos, o poder de julgar.

A justiça é apresentada como equilíbrio entre lei e consciência.

O julgamento pode ser instrumento de ordem ou de tirania, dependendo da pureza interior de quem o exerce. Esse Grau solicita que o Irmão aprenda a não confundir justiça com vingança, nem autoridade com orgulho.

A balança só se sustenta quando o coração está disciplinado.

O 8º Grau, Intendente da Construção, é o Grau do trabalho organizado, do mérito conquistado e do esforço silencioso.

Ele ensina que a Obra não avança pela grandeza dos discursos, mas pela precisão do labor.

O Grau é uma crítica implícita ao ego que deseja reconhecimento imediato.

Aqui o iniciado aprende que a verdadeira nobreza é a competência aliada à humildade, e que a disciplina é uma forma de oração aplicada à vida.

O 9º Grau, Mestre Eleito dos Nove, é um dos marcos dramáticos do REAA, porque introduz o tema do zelo que pode se tornar fanatismo.

Não é uma exaltação da vingança, mas um espelho, que deve refletir somente a verdade.

O Grau questiona o impulso de punir em nome da justiça e mostra como o homem pode corromper a própria virtude quando permite que a ira se vista de retidão.

É um Grau sombrio e necessário, pois o iniciado precisa reconhecer dentro de si a tentação do extremismo moral.

O 10º Grau, Ilustre Eleito dos Quinze, amplia essa mesma tensão. A justiça continua sendo tema central, mas agora com um olhar mais coletivo e institucional.

O mal não é somente individual, mas estrutural, e corrigir injustiças exige prudência e paciência.

O perigo aqui é o mesmo, acreditar que fins nobres justificam meios impuros.

O Grau convida o iniciado a perceber que a justiça verdadeira precisa ser limpa por dentro.

O 11º Grau, Sublime Cavaleiro Eleito, desloca o foco do castigo para a proteção.

É o Grau do guardião. Ele trabalha o arquétipo do homem que vigia para que a Obra não seja corrompida. A vigilância não é paranoia, mas responsabilidade. A virtude aqui é a prontidão moral, o estado interior de quem não dorme espiritualmente enquanto o mundo se desorganiza.

O 12º Grau, Grande Mestre Arquiteto, é um Grau de geometria moral. Pike associa arquitetura à inteligência ordenadora.

A construção externa é símbolo da construção interna. Aqui o Irmão aprende que sabedoria é proporção, medida, equilíbrio, e que a mente humana, quando se torna realmente justa, constrói ideias como quem ergue colunas, sem desperdício e sem fragilidade. O Grau ensina que pensar é uma arte sagrada.

O 13º Grau, Cavaleiro do Real Arco de Salomão, é uma ponte profunda entre o universo da Loja e o universo do segredo mais antigo. o Grau de reencontro com a Palavra perdida, ou melhor, com a consciência de que a verdade não se obtém por conquista violenta, mas por perseverança e descida interior.

O 14º Grau, Grande Eleito Perfeito e Sublime Maçom, é um ápice moral. Ele tenta sintetizar o que foi acumulado.

A perfeição não é pureza sem falhas, mas fidelidade à luz conhecida.

É um Grau de pacto interior. O iniciado aprende que o juramento verdadeiro é aquele que se renova diariamente na conduta, e não somente na cerimônia.

O 15º Grau, Cavaleiro do Oriente, abre um novo ciclo, o da libertação e do retorno. O exílio e a restauração são temas fundamentais.

Um Grau de esperança ativa, onde o homem aprende que liberdade não é ausência de cadeia, mas capacidade de reconstruir o que foi destruído. A moral aqui é a perseverança, e a grande lição é que o retorno não acontece por milagre, mas por trabalho.

O 16º Grau, Príncipe de Jerusalém, aprofunda a restauração como projeto político e espiritual. O iniciado aprende que reconstruir não é simplesmente levantar muros, mas reorganizar a justiça, a lei e o convívio humano.

A reconstrução exterior somente tem sentido se houver reconstrução interior.



O 17º Grau, Cavaleiro do Oriente e do Ocidente, é um Grau de síntese civilizacional. Pike o trata como encontro de tradições, como reconciliação de mundos.

Oriente e Ocidente tornam-se símbolos de razão e fé, lei e graça, rigor e misericórdia. É um Grau que prepara o espírito para compreender que a verdade pode se expressar em múltiplas linguagens sem perder sua unidade.

O 18º Grau, Cavaleiro Rosa-Cruz, é o coração devocional do REAA, é a passagem da justiça para o amor, não como sentimentalismo, mas como força moral superior.

Este Grau ensina que o homem não se torna pleno somente por conhecer a lei, mas por transcender o orgulho que a lei pode alimentar. É um Grau de redenção interior, onde a virtude se torna mais íntima e mais exigente, porque amar é mais difícil do que punir.

O 19º Grau, Grande Pontífice, apresenta o tema do sacerdócio simbólico. Não se trata de clericalismo, mas de mediação e iniciado agora é chamado a ser ponte, a unir mundos, a reconciliar contradições.

O verdadeiro pontífice é aquele que constrói passagem onde outros constroem muros. A moral aqui é a responsabilidade espiritual.

O 20º Grau, Mestre Ad Vitam, coloca o Irmão diante da ideia de permanência e de compromisso prolongado, e certos deveres não são temporários.

A maturidade iniciática se mede pela capacidade de sustentar um ideal por toda a vida, sem depender do entusiasmo do começo. Este Grau ensina que a fidelidade é mais rara do que a coragem.

O 21º Grau, Noaquita ou Cavaleiro Prussiano, é um Grau de justiça primitiva e universal, evocando Noé como símbolo de preservação da humanidade e da lei moral anterior às instituições.

A moral não nasce do Estado nem de decretos, mas de um princípio superior que atravessa as eras. É um Grau que ensina que a consciência humana possui uma herança mais antiga do que qualquer império.

O 22º Grau, Cavaleiro do Machado Real, é um Grau de trabalho, floresta e disciplina.

É o símbolo de construção civilizatória, o machado não é violência, é instrumento, ele corta o excesso, derruba o inútil, abre caminho. Moralmente, este Grau ensina o iniciado a limpar a própria vida, a cortar vícios, a eliminar desperdícios e a compreender que o caminho se abre por esforço e renúncia.

O 23º Grau, Chefe do Tabernáculo, desloca o simbolismo para a ideia do lugar sagrado móvel, a presença do divino acompanhando o povo no deserto.

O sagrado não está preso a edifícios, mas acompanha o homem quando ele carrega consigo a lei e a reverência. É um Grau belíssimo para pensar a espiritualidade como peregrinação, e não como posse.

O 24º Grau, Príncipe do Tabernáculo, amplia o anterior e aprofunda a ideia de ordem, hierarquia e serviço.

A proximidade do sagrado não é privilégio, é responsabilidade.

Quanto mais o homem se aproxima do centro, mais precisa dominar a si. Esse Grau educa o Irmão para compreender que autoridade espiritual é peso, não medalha.

O 25º Grau, Cavaleiro da Serpente de Bronze, trabalha o símbolo da cura pelo olhar elevado. A serpente pode ser vista como ambivalência, veneno e remédio.

O Grau ensina que o sofrimento pode ser transmutado quando o homem aprende a olhar para cima, isto é, quando ele interpreta a dor em vez de somente senti-la. Aqui a moral é a da superação consciente.



O 26º Grau, Príncipe da Misericórdia, é o Grau da compaixão como justiça superior. A misericórdia não é fraqueza, é compreensão da condição humana.

Este Grau ensina que o homem mais sábio não é o mais duro, mas o mais capaz de equilibrar rigor e humanidade. A misericórdia é apresentada como inteligência moral aplicada à vida.

O 27º Grau, Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto, é um Grau de iluminação filosófica. O Iniciado deve mergulhar em referências antigas, herméticas e clássicas para sugerir que o Sol é símbolo do intelecto divino, da consciência que dissipa sombras.

Moralmente, este Grau ensina o Irmão a buscar clareza e a desconfiar do autoengano. É um Grau sobre o risco de adorar imagens mentais em vez de buscar a verdade.

O 28º Grau, Cavaleiro do Sol, em muitas tradições aparece como grande marco, e com razão, porque nele o iniciado começa a perceber que toda idolatria é uma prisão, inclusive a idolatria de si.

o Grau conduz à reflexão sobre liberdade interior e sobre a necessidade de purificar o pensamento e aqui o inimigo é a ignorância, mas também a arrogância intelectual.

O 29º Grau, Mestre Escocês de Santo André, resgata o simbolismo escocês como herança de fidelidade e resistência.

O Grau ensina que a verdade exige firmeza, e que a virtude não se mede por discursos belos, mas por permanência diante da adversidade. É um Grau de caráter.

O 30º Grau, Cavaleiro Kadosh, é um dos mais fortes e, muitas vezes, mal compreendidos.

O Kadosh não é um vingador vulgar, mas um consagrado, alguém separado para a justiça interior.

O Grau denuncia tiranias, corrupções e abusos, mas sua verdadeira batalha é simbólica. O inimigo principal não está fora, está dentro, é a servidão moral, o medo e a corrupção da consciência. É um Grau sobre dignidade e sobre a recusa de se curvar diante do que degrada o espírito.

O 31º Grau, Grande Inspetor Inquisidor Comendador, é um Grau de tribunal interior.

O homem deve aprender a julgar a si mesmo com severidade antes de julgar os outros e aqui o iniciado compreende que a justiça não é somente uma função social, mas um ato íntimo. Este Grau representa o momento em que o Irmão se torna responsável pela própria consciência como se ela fosse um código sagrado.

O 32º Grau, Sublime Príncipe do Real Segredo, é a grande síntese filosófica antes do cume, é o entendimento de que o segredo não é uma palavra escondida, mas uma visão.

O Real Segredo é perceber que a verdade não se reduz a um sistema, e que a vida moral exige equilíbrio entre dever, liberdade, fé, razão, força e misericórdia.

O Grau sugere que o iniciado, agora, deve conseguir viver como se fosse um pilar invisível sustentando a Obra no mundo, sem necessidade de aplauso, porque o verdadeiro prêmio é a coerência interior.

Do 4º ao 32º, o REAA pode parecer uma sucessão de temas diferentes, mas eles convergem para uma mesma tarefa interior, o homem enfrentar as próprias sombras e construir em si um centro estável, capaz de permanecer íntegro mesmo quando o mundo muda.

Os Graus se transformam conforme a consciência se aprofunda, e o símbolo atua não como informação, mas como força de transformação.

Há uma espinha intelectual que ordena o sentido dos Graus.

Nos Estados Unidos, o Grau 32 é o destino comum e plenamente reconhecido da grande maioria dos Irmãos, enquanto o Grau 33 é intencionalmente raro e não funciona como degrau natural, sendo concedido como distinção a poucos, normalmente por serviços prolongados ao Rito e à Maçonaria.

Em muitas regiões, a recepção ocorre por meio das *Reunions*, nas quais os graus são comunicados de modo condensado e pedagógico, permitindo que o candidato *alcance o Grau 32 em curto período*, o que não significa ter absorvido integralmente cada lição.

A cultura do *REAA Norte-Americano* entende que a maturação vem depois, quando o Irmão retorna aos graus anteriores por estudo, revisão e repetidas assistências, aprofundando a compreensão simbólica ao longo do tempo.

Assim, pode parecer que se “*chega ao 32 e estuda para baixo*”, mas o que existe, de fato, é um modelo onde o Irmão se torna 32 como ingresso pleno no sistema, e então percorre em espiral, com maior consciência, os ensinamentos dos graus já recebidos.

O 33º Grau no REAA, o Soberano Grande Inspetor Geral, é sobretudo confirmação e responsabilidade, ao reunir o ápice administrativo e simbólico ligado ao Supremo Conselho, exigindo do Irmão maturidade para entender que autoridade é peso moral, disciplina interior e compromisso com a Obra coletiva, e não uma revelação inédita.

Simbolicamente, o 33 funciona como um espelho final, onde o iniciado é medido não pelo que acumulou, mas pelo que se tornou.

Ele indica que o verdadeiro mérito não está em títulos, mas na capacidade de servir sem vaidade, sustentar a harmonia da Ordem, proteger seus princípios e agir com justiça, prudência e equilíbrio.

**O cume não é recompensa,
mas entrega;**

**A dignidade suprema
é ser o guardião silencioso.**

ANCIENT HISTORY

FUTURE HISTORY



15° KNIGHT OF THE EAST
KNIGHT OF THE SWORD

TIMELESS REBUILDING



DECIFRANDO OS GRAUS

Há um engano discreto que costuma rondar o estudo dos Graus, como se cada um deles fosse uma extensão direta da pena de Albert Pike, quando na verdade Pike é mais um grande intérprete de um corpo ritual que já respirava há muito tempo em outras línguas, em outros contextos, em outras sensibilidades, e por isso mesmo é preciso ler Pike sem transformá-lo em origem, percebendo nele um comentador vigoroso que organiza, amplia, compara, moraliza e filosofa, mas que não substitui a experiência viva do Grau, pois a substância real do ensinamento não se fixa somente no texto, ela se completa na interiorização, na lenta digestão que faz com que símbolo e vida deixem de ser dois campos separados e dialoguem em nós, semelhantemente ao que se percebe nas parábolas, que não solicitam fidelidade literal ao enredo, mas solicitam adesão à essência, à direção moral e ao movimento interior que conduzem o ouvinte a uma mudança concreta.

Ao tomar o Grau 15, conhecido no Rito Escocês Antigo e Aceito como Cavaleiro do Oriente ou Cavaleiro da Espada, a leitura de Pike se impõe com uma força própria, porque ele enxerga nesse Grau uma síntese dramática da passagem entre cativo e retorno, entre servidão e reconstrução, entre o medo que paralisa e a coragem que volta a erguer a Obra, e por isso seu comentário tende a se expandir para além do episódio histórico do regresso a Jerusalém.

Ele trabalha a ideia de liberdade como disciplina interior, e não como licença, e a ideia de verdade como fidelidade ao que é justo, e não como arma para vencer disputas, de tal forma que o cenário do Oriente, com a autoridade imperial permitindo a volta, torna-se para Pike um espelho de uma questão mais alta, a relação entre poder e consciência, já que toda reconstrução exterior depende de uma restauração anterior, silenciosa, no homem, e por isso ele insiste em que o inimigo real do iniciado não é somente o tirano visível, mas também a tirania íntima, aquela que nos faz negociar princípios por conveniência, e que vai trocando a espada da decisão ética por uma lâmina sem fio feita de desculpas, e assim o Grau passa a falar de uma coragem que é ao mesmo tempo política e espiritual, política porque exige compromisso com a justiça no mundo, espiritual porque exige que a justiça seja vivida primeiro como governo de si, e não como discurso sobre os outros.

Ainda assim, quando voltamos os olhos ao que existe no ritual e nos textos que precedem Pike, o Grau revela uma ideia central anterior a qualquer grande comentarista, porque o núcleo do 15 já estava presente na tradição dos chamados Graus de Perfeição e em formas ritualísticas europeias do século dezoito, circulando em manuscritos e sistemas que buscavam dramatizar, por meio do retorno do exílio e do direito de reconstruir.

A ideia de que a Maçonaria não é contemplação imóvel, mas trabalho de restauração, é significativa, pois, nessas camadas mais antigas, a ênfase costuma recair menos na erudição comparativa e mais na estrutura moral do juramento, na responsabilidade coletiva, na vigilância contra a corrupção e na exigência de perseverança em meio à oposição.

É como se o Grau quisesse educar uma vontade capaz de atravessar a demora, suportar a incompreensão e não se vender ao atalho, e por isso muitas versões antigas deixam claro que o retorno não é uma festa, é uma tarefa, e reconstruir não é repetir o passado, é recuperar um princípio, e nessa recuperação o iniciado aprende haver liberdades que só se sustentam quando aceitam limites, e há limites que só são legítimos quando protegem a dignidade humana.

O tema da autoridade, tão presente na narrativa, funciona como figura ambígua, porque ele lembra que a história entrega raramente a justiça por pureza, e sim por conjunturas, e por isso a consciência precisa estar preparada para agir no intervalo entre o ideal e o possível, sem se contaminar com a lógica do poder que usa o bem como pretexto.

Depois de Pike, as reflexões sobre o Grau 15 se multiplicam em dois caminhos principais: um caminho mais histórico, interessado em mapear linhagens ritualísticas, variantes, influências francesas e americanas, e um caminho mais simbólico.

O Caminho simbólico se interessa em traduzir o exílio e o retorno para a linguagem da formação interior, e é nessa segunda vertente que o Grau costuma ser lido como uma pedagogia da reconstrução do caráter, onde o exílio deixa de ser somente um evento nacional e significa todo estado de separação entre o homem e o melhor de si, toda fase em que se vive fora do centro, longe da ordem íntima, e o retorno deixa de ser somente deslocamento geográfico e significa a retomada de um compromisso.

Autores posteriores tendem a aproximar o Grau de temas contemporâneos como responsabilidade cívica, dignidade do trabalho, combate à mentira pública, e sobretudo a necessidade de sustentar a justiça sem fanatismo, porque o fanatismo, mesmo quando se veste de virtude, costuma produzir o mesmo estrago que a tirania que pretende combater, e assim o Grau 15 vai sendo relido como uma arte de equilibrar firmeza e discernimento, coragem e prudência, ação e interioridade, sem perder o fio daquilo que é essencial.

O Grau 15 pode ser apresentado como uma escola de reconstrução que atua em cinco planos distintos, ligados entre si por uma mesma ideia orientadora, a passagem do exílio interior para o retorno ao centro, e por isso ele se torna útil quando deixa de ser um assunto estudado e é um método vivido, capaz de reorganizar escolhas.

Na Loja Simbólica, o Grau 15 ensina que liberdade não é fazer o que se quer, mas sustentar, por vontade própria, aquilo que é justo mesmo quando não há aplauso nem vantagem imediata, e essa lição se torna prática quando o Mestre decide ser previsível no melhor sentido, alguém cuja palavra tem peso, cuja assinatura vale, cuja postura não muda conforme a plateia, o que se aplica em gestos simples e diários, cumprir horários e combinados, evitar promessas que não serão honradas, não alimentar conversas que diminuam Irmãos ausentes, recusar atalhos em votações e decisões, tratar cargos como serviço e não como prêmio, e sobretudo lembrar que a Loja se fortalece quando o exemplo é mais forte do que o discurso, porque é assim que a confiança se constrói e a Obra se mantém de pé.

Na Loja Filosófica, o Grau 15 aprofunda a noção de que a verdadeira espada é a decisão ética, aquela que corta a névoa da autoenganação e separa o conveniente do correto, e isso se traduz em prática quando o Mestre aprende a fazer três perguntas antes de agir, isso é verdadeiro, isso é justo, isso é necessário, e então passa a treinar escolhas limpas, sem justificativas sofisticadas para atitudes pequenas, evitando racionalizações do tipo todo mundo faz, não vai fazer diferença, é por uma boa causa, e colocando o foco em coerência, o ponto em que estudo vira caráter, pois a espada simbólica não serve para atacar pessoas, possibilita eliminar hábitos internos que nos governam sem que percebamos, como vaidade, ressentimento, impulsividade e necessidade de vencer discussões.

Na vida familiar, o Grau 15 solicita que o Irmão seja um reconstrutor do vínculo, alguém que retorna todos os dias do exílio das distrações para a presença real, e isso se torna prático quando o Mestre estabelece pequenas disciplinas de retorno, chegar em casa e silenciar o celular por um tempo, olhar nos olhos, ouvir sem interromper, pedir perdão sem negociar culpados, proteger sem controlar, assumir responsabilidades sem transferi-las, manter uma palavra firme e calma diante de conflitos, e transformar o lar em lugar de reparo, onde a reconstrução acontece por constância e não por grandes declarações, porque o Grau ensina que reconstruir não é fazer cena, é sustentar o que é bom quando ninguém está vendo.

Na comunidade, o Grau 15 convida a abandonar a neutralidade confortável diante da injustiça cotidiana, sem cair em agressividade nem em superioridade moral, e essa aplicação é concreta quando o Mestre escolhe participar de forma útil, pagar o que é devido sem buscar jeitos de driblar, não compactuar com pequenas corrupções, ser correto no trânsito e no trato, apoiar ações comunitárias com presença e não somente com opinião, oferecer tempo, competência e escuta a quem precisa, recusar a mentira como ferramenta política ou social, e praticar uma coragem serena, que não precisa humilhar o outro para defender o que é certo, pois o Grau coloca diante do Irmão a pergunta essencial, que tipo de mundo ajudo a construir com minhas escolhas rotineiras.

No trabalho, o Grau 15 se torna surpreendentemente atual porque reconstruir hoje é reerguer processos com integridade, sustentar qualidade sem cinismo e liderar sem humilhar, e isso se aplica quando o Mestre decide ser alguém que entrega o que promete, documenta com clareza, resolve problemas sem buscar culpados, não manipula informação para parecer melhor, trata colegas com respeito mesmo sob pressão, dá feedback com firmeza e humanidade, recusa fofoca como moeda, protege a equipe de injustiças quando possível, e aprende a crescer sem perder a alma, entendendo que o conhecimento antigo funciona como uma luva ajustada ao presente, não por repetir formas antigas, mas por reconhecer o mesmo coração humano, os mesmos medos, as mesmas tentações e a mesma necessidade de um centro estável que sustente a vida quando as circunstâncias oscilam.

Tudo o que foi dito é somente um exemplo para evidenciar que um Grau não se limita ao ritual nem se resume ao Moral and Dogma, porque ambos são portas, não o caminho inteiro.

Cada Grau traz consigo uma herança antiga e, ao mesmo tempo, acende uma continuidade que se estende adiante, aparecendo na vida do Irmão quando o estudo deixa de ser somente leitura e passa a se tornar gesto, escolha e prática diária.



A PERFEIÇÃO DO REAA

Viver os Graus Superiores no Rito Escocês Antigo e Aceito é aprender a deixar o tempo comum do lado de fora.

Não como quem despreza o mundo, mas como quem compreende que existe um ritmo próprio para certos trabalhos e que, quando a consciência entra em um lugar sagrado, ela precisa aceitar a medida, o limite e a forma como instrumentos de clareza.

O passo é exato e a palavra é responsabilidade, e o silêncio, quando bem guardado, sustenta mais do que qualquer voz, porque ele protege o sentido do gesto e impede que o rito seja reduzido a mero desempenho.

A repetição não cansa, aprofunda, e a forma não enfeita, ensina, pois cada gesto é lapidação, e cada símbolo, quando visto com paciência, retira uma camada do supérfluo, até que reste o que realmente importa.

Nada é apressado, nada é casual, e a disciplina ergue o ambiente como colunas firmes, visíveis na ordem, invisíveis na intenção, porque o que se busca ali não é o brilho de um instante, mas a construção lenta de uma presença.

Há uma densidade própria, uma gravidade serena que organiza luzes, posições e pensamentos, e quando tudo se alinha, a marcha, a palavra e o olhar, o mundo comum parece distante, quase estranho, não por estar errado, mas por estar entregue a uma velocidade que raramente permite perceber o essencial.

Em vez de descrever o que seria ou deveria ser, escrevo o que é para mim (Flávio), vivenciar a perfeição escocesa:

— É dia de Sessão, e ao chegar à Loja encontro Irmãos que iniciaram comigo, alguns vindos do REAA simbólico, outros de diferentes caminhos.

— Minha trajetória passou pelo Simbolismo e pela Perfeição Adonhiramita, depois pelo Rito de York simbólico e pelo Real Arco, e cada estrada traz sua cadência, seu modo de organizar a presença e o estudo, o que me ensinou que a unidade da Maçonaria não elimina as diferenças de linguagem, ela as harmoniza, como se várias melodias pudessem convergir para uma mesma ideia de aperfeiçoamento.

Ainda assim, desde o primeiro contato, percebe-se que aqui o ambiente tem outro tom, não porque a essência se transforme, mas porque a disciplina se torna mais evidente, como se, nesta etapa, a Ordem solicitasse que o homem alinhe primeiro a coluna da alma antes de buscar subir mais um degrau.

Há uma seriedade que não se confunde com dureza, mas que pode soar sisuda para quem chega com o coração habituado ao convívio mais espontâneo de algumas Lojas simbólicas, e tudo parece regulado, pensado, delimitado, de modo que o imprevisto tenha pouco espaço, não por desconfiança do homem, mas por compreensão da mente, que se dispersa com facilidade quando a forma se dissolve.

O rito, então, sustenta o Irmão, conduz o passo, delimita o gesto, e o faz por uma razão antiga, quase pedagógica, como se dissesse, em silêncio, que a liberdade interior nasce quando se aprende a obedecer ao que é justo e necessário, e disciplina, quando é bem compreendida, não diminui, ela organiza.

Sinto uma Maçonaria de estrutura firme, quase executiva na sua precisão, com registros, livros, instruções e Mestres experientes que carregam no olhar a calma de quem atravessou muitas vezes o mesmo caminho e, por isso, aprendeu a enxergar além do entusiasmo do primeiro contato.

— *Estou de terno preto e compreendo que não é somente uma exigência externa, porque a restrição do traje não se limita à etiqueta, ela se torna um sinal de pertencimento a um ambiente onde a aparência não serve para ostentar, mas para nivelar, como se o corpo precisasse se recolher para a intenção aparecer com mais nitidez.*

O traje, a postura, o silêncio, o modo de falar, tudo parece trabalhar na mesma direção, retirar o excesso, podar a vaidade, limitar a dispersão, para que a consciência se apresente com mais clareza, sem ruído, sem necessidade de se impor.

E, apesar de toda essa formalidade, que pode intimidar no começo, há um fato simples e luminoso no coração da experiência, porque ali também é um encontro de almas dispostas à prática do bem, à transmissão do saber, e ao esforço sincero de manter uma Obra funcionando não por conveniência pessoal, mas por fidelidade a algo maior, algo que não se define plenamente em palavras e talvez por isso seja sustentado por gestos.

É impossível não notar a presença dos Irmãos mais antigos, aqueles que já alcançaram patamares elevados e, ainda assim, continuam vindo Sessão após Sessão com pontualidade serena, como quem cumpre um dever que não depende de aplauso.

Eles sustentam a estrutura com uma dedicação que impressiona, e o que mais me toca é perceber que não o fazem por si, porque para eles o percurso já foi vivido, a estrada já foi atravessada, as cerimônias já foram vistas repetidas vezes, e aquilo que para nós é novidade para eles já se tornou familiar, muitas vezes familiar, e mesmo assim eles permanecem, saem de casa, reorganizam agendas, atravessam a cidade, suportam cansaços, e chegam com a mesma disposição de servir.

Eles estão ali constantes, e não com impaciência, não com superioridade, mas com aquela paciência que o homem realmente instruído costuma possuir, porque entende que o primeiro passo de um Irmão novo não é um detalhe, é uma semente, e toda semente exige cuidado.

Nasce então uma admiração silenciosa que não é idolatria, mas reconhecimento, reconhecimento de que existe um tipo raro de grandeza na Maçonaria, aquela que não se mede pelo número de graus, mas pela disposição de permanecer útil quando já se poderia descansar.

Vejo nesses Irmãos um desprendimento que ensina mais do que qualquer discurso, porque eles não estão ali por esperança de paga ou recompensa, e é justamente isso que torna o gesto tão verdadeiro, eles servem a nós, que ainda estamos aprendendo a caminhar na Perfeição, não porque precisem de nós, mas porque lembram de si quando eram como nós e compreendem que a continuidade da Obra depende dessa ponte invisível entre gerações, onde o conhecimento não é exibido, mas transmitido, e a autoridade não é imposta, mas oferecida na forma de exemplo.

À medida que a Sessão avança, percebo que o maior ensinamento não está somente no que se diz, mas no modo como se faz, e a repetição ritualística, longe de ser automatismo, funciona como polimento lento, uma insistência pedagógica que treina a atenção e educa a consciência.

Esse ritmo segue até que o Irmão aprenda a não procurar emoções rápidas, mas sentido duradouro.

Sem perceber, começo a sentir que estar ali já me modifica, não por magia, mas por convivência, porque o homem se torna semelhante àquilo que ele frequenta, e a disciplina compartilhada, a sobriedade no trato, o senso de dever e a contenção do ego produzem um tipo de contágio discreto, como se a alma reconhecesse, com humildade, que ainda há muito a lapidar.

É nesse ponto que a Perfeição se revela com mais sobriedade, não como promessa de superioridade, mas como um compromisso, e talvez por isso ela exija tanto cuidado com a forma, porque a forma, quando é fiel, protege o conteúdo.

A Perfeição, compreendida em sua dimensão simbólica, não descreve um homem pronto, descreve um homem em trabalho, um Irmão que aceita ser corrigido pelo ritmo, pelo silêncio, pela regra e pelo exemplo, e aprende a medir suas palavras, a depurar seus impulsos e a escolher o serviço como linguagem de maturidade.

O rito não distrai, concentra, não exalta, eleva, e essa elevação não é um arrebatamento, é uma retidão construída, pouco a pouco, até que o Irmão perceba que o que se busca não é chegar, é permanecer digno do caminho.

Ao sair da Loja, o mundo volta com seus ruídos e urgências, e eu noto que a diferença não está em um cenário externo, mas em um eixo interno que foi brevemente alinhado.

— Fica em mim a lembrança de que a verdadeira Perfeição não mora no cerimonial, ela se testa na vida comum, no modo como trato minha família, meus compromissos, meu trabalho, meus limites e minhas vaidades, e sobretudo no modo como escolho servir quando ninguém está olhando, porque a Obra, quando é séria, continua fora da Loja, e o que acontece ali dentro somente faz sentido se produzir, aqui fora, um homem mais simples, mais firme, mais consciente e mais útil.

**Quando a medida é aceita,
o homem já não precisa da régua,
porque a linha passa a nascer dentro de sua alma.**



RESISTINDO À TENTAÇÃO

Há momentos em que o homem precisa retornar, como quem volta ao primeiro degrau de uma escada antiga, à fórmula mais simples e mais dura que a Maçonaria simbólica nos oferece, e que, curiosamente, é também uma das mais completas. **Vencer as paixões e submeter-se à vontade.**

Quantas vezes, ao longo da vida, somos obrigados a repetir essas palavras não como um lema decorado, mas como uma oração íntima, quase desesperada, porque a experiência prova que aquilo que parece elementar é, na verdade, o trabalho mais difícil que um homem pode assumir.

E toda vez que nos vemos obrigados a recorrer a essa sentença fundamental, a própria realidade nos recorda que ela não envelhece, não se torna mais fácil com o tempo, e não perde seu peso, pois continua sendo um desafio gigantesco viver segundo esse princípio, não em teoria, mas em escolhas concretas, diárias, silenciosas, feitas longe de aplausos e longe de testemunhas.

Sim, é doce o lugar onde estou, é confortável, organizado, coerente e eu poderia, se quisesse, dedicar-me somente à Perfeição do REAA, porque ali existe uma abundância de livros, um esquema claro, uma sucessão bem definida de graus, uma sequência lógica de história, filosofia e ensinamentos, um caminho que parece desenhado para conduzir o Irmão.



REAA



YORK
RITE

É uma estrada que se organiza passo a passo, do quarto ao trigésimo terceiro grau, como uma estrada segura, pavimentada, iluminada por referências e por tradições consolidadas.

Há algo nesse sistema que acolhe o espírito como um abrigo, como um cobertor no frio, como aquela sensação de sentar em paz diante de uma série favorita, com a mente relaxada e o coração satisfeito, sabendo que tudo seguirá uma ordem previsível, e que conduzirá cada episódio naturalmente ao próximo.

O REAA possui esse caráter de estrutura firme, quase inevitável, como se dissesse ao homem que, se ele for constante, será guiado.

Mas é exatamente aí que mora a tentação, porque o conforto pode ser um disfarce elegante para a estagnação.

E se eu me entregasse somente a essa estrada, eu me tornaria incompleto; eu seria um Mestre pela metade; eu carregaria uma formação admirável, sim, mas unilateral, como alguém que domina um idioma com perfeição, mas jamais ousou aprender o segundo, e por isso não compreende o mundo em sua totalidade.

A outra metade me aguarda, ela sempre me aguardou; ela não é uma alternativa, ela é um chamado, e o mais curioso é que esse chamado não vem com a mesma aparência do REAA.

Ele não tem o mesmo tom, nem a mesma cadência, nem a mesma severidade.

Ele nasceu em outra terra, sob outra cultura, com outro temperamento histórico, e se o REAA tem a gravidade da tradição europeia e a disciplina de um edifício clássico, essa outra corrente tem o espírito de um caminho aberto, de uma estrada larga, de um horizonte que convida mais do que impõe.

Ela nasceu na terra da liberdade e carrega consigo essa alma, essa centelha inquieta que transformou uma nação jovem em potência e símbolo, não porque fosse perfeita, mas porque ousou construir-se sobre a ideia de independência, de coragem e de ruptura com antigas amarras.

E é por isso que ela brilha de um modo diferente.

O que no REAA é ordem e método, aqui é impulso e descoberta.

O que no REAA é solenidade austera, aqui é uma liberdade vibrante, quase elétrica.

E sim, eu falo do **Real Arco**, e essa distinção precisa ser compreendida com clareza, porque muitos confundem e acabam tratando como sinônimos aquilo que, na prática, pertence a mundos administrativos e espirituais distintos.

O *Arco Real*, tal como é conhecido no contexto britânico, é um grau complementar ao Grau de Mestre Maçom simbólico, tradicionalmente associado à estrutura da Grande Loja Unida da Inglaterra, e no Brasil costuma ser administrado no campo simbólico, sob jurisdição de uma Potência regular.

Ele é, por assim dizer, um prolongamento natural da Loja simbólica, uma conclusão ampliada, uma chave que fecha um ciclo no mesmo universo institucional.

Já o **Real Arco**, na concepção americana, é outra realidade; ele pertence ao conjunto dos Altos Graus do Rito de York e não se apresenta como um complemento discreto, mas como uma escada própria, com identidade própria, linguagem própria e administração própria.

E aqui, de fato, a ordem das palavras altera o produto, porque a diferença não é somente semântica, é estrutural, histórica e ritualística.

O Real Arco americano é administrado sob a autoridade do *General Grand Chapter of Royal Arch Masons International*, e no Brasil opera por meio do *Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil*, sediado no Rio de Janeiro, atuando sob carta e reconhecimento oficial dessa jurisdição.

Isso significa que o Irmão não está somente ingressando em uma sequência de graus, mas entrando em uma tradição com raízes distintas, que se desenvolveu em um ambiente onde a Maçonaria simbólica já era majoritariamente uniforme, o chamado York Rite americano, de modo que, nos Estados Unidos, o termo York Rite não descreve um rito simbólico alternativo, como ocorre em alguns países, mas sim o grande corpo de Altos Graus que se ergue sobre uma base simbólica quase única.

É um sistema que se move com outro espírito, como se fosse uma corrente de água mais rápida, mais direta, mais prática, mas ainda assim profundamente simbólica e iniciática.

E é justamente por isso que essa escolha se torna uma luta interior.

Porque permanecer somente na Perfeição do REAA seria fácil.

Seria agradável e como permanecer em um lugar onde tudo já está organizado para mim, mas avançar para o Real Arco exige coragem, exige atravessar uma fronteira, exige aceitar que o conforto não pode ser o critério de uma vida iniciática.

Vencer as paixões e submeter à vontade, aqui, significa vencer a paixão pelo caminho mais cômodo e submeter a vontade ao dever mais amplo, ao chamado mais completo, à formação integral do Mestre.

O Real Arco se apresenta ao Irmão Mestre por um Capítulo, e ele não entra diretamente no que imagina ser o ápice, ele entra pelo princípio mais humilde e mais antigo, o **Grau de Mestre de Marca**.

E isso é de uma sabedoria impressionante, porque o sistema começa ensinando que o homem não se torna grande pelo título que recebe, mas pela marca que deixa.

A Marca, no mundo operativo, era assinatura e identidade, era o sinal pessoal do trabalhador que colocava sua responsabilidade em cada pedra que talhava.

Era o modo de dizer ao mundo, sem palavras, isto passou por minhas mãos, isto carrega meu esforço, isto revela meu caráter.

E agora, no mundo especulativo, o símbolo se refina e se aprofunda, porque a pergunta muda de forma e se torna inevitável.

Qual é a tua marca? O que realmente te distingue?

Que tipo de obra tua vida está construindo?

Que tipo de pedra tua alma está entregando ao edifício invisível da humanidade?

Sim, meu Irmão, você também terá a sua Marca, e ela será registrada no Grande Livro de Marcas, e esse gesto, que pode parecer simples para quem olha de fora, é um daqueles símbolos que possuem força silenciosa, porque ele transforma uma ideia abstrata em compromisso concreto.

A partir dali, você já não é somente mais um nome em uma lista, e você se torna um trabalhador reconhecido, identificado, responsável.

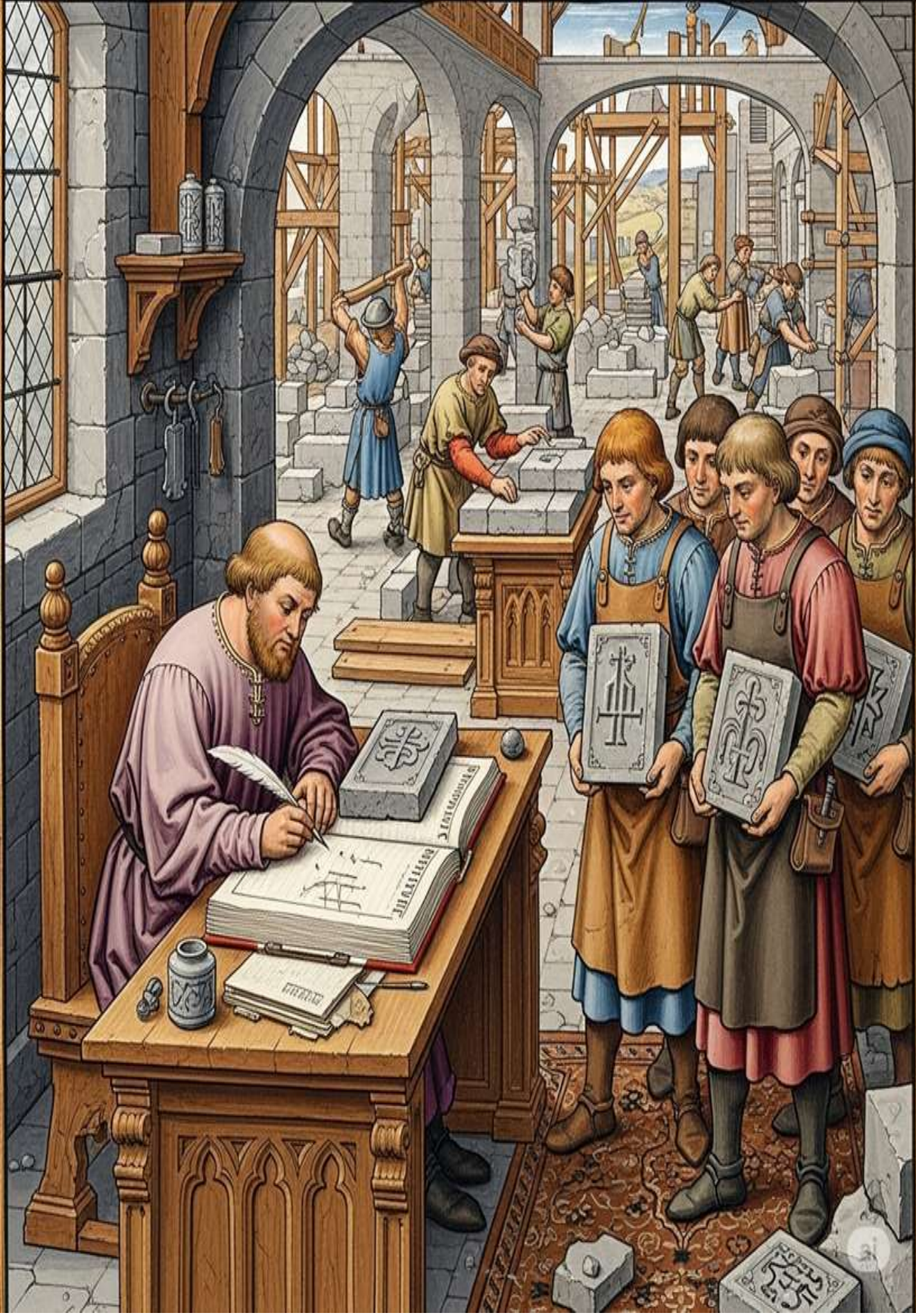
E talvez seja por isso que o Real Arco fascina e exige ao mesmo tempo, porque ele não chama o homem para receber glória, mas para assumir identidade.

Ele não oferece conforto, oferece responsabilidade. Ele não promete facilidade, promete sentido.

E assim, resistindo à tentação do caminho mais fácil, o Mestre descobre que sua iniciação ainda não terminou.

Na verdade, ele descobre algo ainda mais profundo, que a verdadeira iniciação talvez comece exatamente quando o homem percebe que ainda falta uma parte dele a ser encontrada, e que a estrada completa não é aquela que parece mais organizada, mas aquela que o torna inteiro.





MESTRE DE MARCA

Meus Irmãos, quando escrevi o livro: **Mestre de Marca — A Arte de Deixar Marcas**, eu não o fiz com a intenção de produzir mais um livro sobre um Grau, nem com o desejo de ornamentar uma biblioteca maçônica com páginas bem encadernadas e frases bem organizadas.

Eu o escrevi porque, em determinado momento da caminhada, compreendi que o Grau de Mestre de Marca não é somente uma etapa ritualística do Real Arco, mas um divisor de águas silencioso na vida do Mestre Maçom, um daqueles pontos onde o homem deixa de ser alguém que frequenta a Maçonaria e é alguém que se torna, de fato, um obreiro consciente da Obra.

E é por isso que, ao iniciar este novo livro **"A OBRA INACABADA — Os Caminhos do Mestre Maçom além do Terceiro Grau — REAA e Real Arco"**, eu preciso trazer vocês comigo para esse lugar fundamental, porque sem ele, todo o restante se torna incompleto, e o Mestre que não atravessa essa porta arrisca permanecer por anos carregando um Grau sem jamais tocar a essência que ele deveria ter despertado.

Eu aprendi, e isso se confirmou com o tempo, que muitos Mestres chegam a esse momento com um sentimento estranho, um misto de cansaço e vazio.

Eles receberam o Grau de Mestre, atravessaram as alegorias mais conhecidas, participaram de Sessões, aprenderam o que havia para aprender no ambiente simbólico, e ainda assim algo dentro deles permanece inquieto, como se faltasse uma peça essencial. Essa inquietação não é defeito, ela é sinal de vida.

Ela é a prova de que o homem ainda não se acomodou, e de que a consciência ainda não aceitou transformar a Maçonaria em um hábito social.

E foi justamente pensando nesse Mestre, que já cumpriu seu dever na Loja, que já conhece a disciplina, que já aprendeu a servir, mas que ainda sente uma lacuna interior, que escrevi sobre o Mestre de Marca.

Porque esse Grau não preenche a lacuna com promessas, ele a preenche com responsabilidade, pois ele não oferece consolo, ele oferece identidade.

O Mestre de Marca, meus Irmãos, é o primeiro Grau onde a Maçonaria deixa de ser somente uma escola de moralidade abstrata e se torna uma escola de obra concreta.

Ele é o ponto onde o homem entende que não basta ter bons sentimentos, não basta repetir bons princípios, não basta falar sobre virtudes e citar tradições antigas.

A pergunta se torna mais direta e mais incômoda: O que você constrói? O que você entrega? O que você deixa depois de si?

Porque há uma verdade que o mundo inteiro conhece, mesmo sem saber expressá-la, e que tentei fixar nas páginas do meu livro.

O tempo esquece palavras, mas não esquece obras.

O tempo apaga discursos, mas preserva marcas. E quando um homem entende isso, ele começa a olhar para sua própria vida com mais seriedade, ao perceber que cada escolha, por menor que seja, é uma gravação feita na pedra invisível do mundo.

Eu quis mostrar no livro que a Marca não é um detalhe ritualístico, e que sua origem não nasceu de fantasia. Ela vem do mundo operativo, do canteiro real, da poeira, do peso das pedras e do suor dos homens.

Ela nasceu como necessidade prática, porque em uma época em que muitos não sabiam escrever, a Marca era a assinatura do obreiro, a prova de que aquela pedra foi talhada por mãos específicas, e por isso carregava responsabilidade.

O Mestre de Marca era reconhecido não por aquilo que dizia, mas pelo traço que deixava. E esse traço não era uma estética, era um compromisso.

A Marca identificava o trabalho, e o trabalho identificava o homem. Era simples, era duro, e era justo.

Quem produzia bem era valorizado, quem produzia mal era exposto, e quem tentava enganar era lançado para fora da Obra.

Esse princípio é tão antigo quanto necessário, e quando o Grau o transporta para a Maçonaria especulativa, ele faz algo grandioso, porque nos obriga a reconhecer que a vida também é um canteiro, e que todos nós, sem exceção, deixamos marcas, mesmo quando não queremos.

Por isso afirmei, e reafirmo agora, que o Mestre de Marca não é aquele que recebe um símbolo para guardar no bolso; é aquele que recebe um símbolo para carregar na consciência.

A Marca que você escolhe e registra no Livro de Marcas não é um desenho bonito, ela é um reflexo do seu caráter.

Se você escolhe uma Marca, você está dizendo ao mundo, mesmo que em silêncio, eu assumo minha responsabilidade, eu aceito ser identificado por aquilo que produzo, eu aceito ser julgado pelo que faço e é por isso que o Grau não é para homens superficiais, ele é para homens que entenderam que a honra é mais importante do que a conveniência.

No meu livro, eu procurei também explicar que o Livro de Marcas, historicamente, era uma ferramenta de ordem e de justiça e ali se registravam as marcas, e por elas se reconhecia quem tinha direito ao salário.

O pagamento não era dado ao nome, mas ao mérito comprovado. E, quando falo disso, não falo como historiador distante, falo como alguém que enxerga no passado uma parábola viva. Porque, na vida, o salário simbólico também existe. Não falo de dinheiro, falo de consequência.

O homem sempre recebe algo de volta, cedo ou tarde, pelo que constrói. E essa é uma lei que não depende de religião nem de filosofia, pois o mundo, em sua estrutura, responde ao que o homem planta.

O Grau de Mestre de Marca nos ensina não haver recompensa legítima para o impostor, e que mesmo que ele engane alguns homens, ele não engana a Obra, porque a Obra sempre revela quem trabalhou de verdade.

E por isso tratei do Cowan, não somente como figura histórica, mas como símbolo eterno do homem que deseja colher sem plantar, do homem que tenta viver de aparência, do homem que deseja o reconhecimento sem ter construído nada.

O Cowan é o inimigo do mérito. Ele é o parasita da estrutura.

E o mais perigoso é que ele não está somente fora. Ele pode existir em nós, como uma tendência sutil, como aquela voz que diz que basta parecer, basta repetir, basta estar presente, basta fazer o mínimo.

O Grau de Mestre de Marca combate essa tendência com uma simplicidade implacável. Ele diz ao Irmão que a Obra exige qualidade, e que a marca verdadeira é aquela que se sustenta quando o tempo passa.

Eu também quis mostrar que a expressão 'Marca Bem' não é um conselho fraco, e muito menos uma frase bonita para ser repetida. Ela é uma convocação interior. Ela exige atenção, exige presença, exige que o homem coloque o coração sobre aquilo que faz.

Citei Ezequiel porque ali se encontra um dos sentidos mais profundos do Grau, pois marcar bem é observar bem, é guardar bem, é aprender com seriedade. E quando o Irmão aprende isso, ele percebe que o Grau não é uma cerimônia, é um método. É uma disciplina de consciência aplicada ao cotidiano.

O Mestre de Marca verdadeiro é aquele que não age de qualquer modo. Ele pesa palavras. Ele pesa decisões. Ele mede consequências. Ele se torna cuidadoso, porque compreende que o descuido também deixa marca, e muitas vezes deixa uma marca mais destrutiva do que o erro consciente.

A moeda, no Grau, é outro símbolo que procurei explicar com carinho, porque ela não é um objeto decorativo.

Ela é um sinal de pertencimento, um testemunho de que o Irmão foi aceito como obreiro reconhecido, e de que sua Marca não é uma invenção privada, mas um registro legítimo no grande livro da Obra.

E essa moeda carrega uma lição ainda maior, ao representar confiança. Ela representa a possibilidade de auxílio fraternal, não como esmola, mas como compromisso entre homens que sabem que um dia também podem precisar.

O Mestre de Marca aprende que fraternidade não é discurso, fraternidade é suporte real, concreto, oferecido com responsabilidade e com honra, e se há um ponto que considero essencial, e que se tornou quase o coração oculto do meu livro, é o fato de que a Marca não deve ser alterada.

Um homem que muda de Marca está tentando fugir de si, está tentando reescrever sua própria história e tentando apagar rastros, e isso é o oposto do que a Maçonaria espera de um Mestre.

A Maçonaria espera coerência. Espera permanência.

Espera fidelidade ao que se é, e não significa que o homem não pode melhorar, significa que ele não pode se tornar um ser fragmentado, vivendo de máscaras sucessivas.

O grau de Mestre de Marca é uma escola de identidade, é a primeira grande lição de que a vida do Maçom precisa produzir algo real.

E aqui, quando falo em produzir, não falo de riqueza material, falo de construir virtude, construir exemplos, construir famílias, construir ordem interior, construir respeito, construir caráter, construir um legado invisível que se manifesta na forma como o homem trata seus compromissos e honra sua palavra.

O caminho do Mestre Maçom não é uma linha reta que termina na cerimônia do terceiro grau; ele começa quando percebe que não pode viver somente de títulos, e que precisa, finalmente, tornar-se aquilo que diz ser.

O Mestre de Marca é o primeiro Grau que nos obriga a assumir que a vida inteira é uma construção, e que todos nós, de modo inevitável, deixaremos um sinal gravado no tempo.

A pergunta é somente uma. Que Marca será essa?

Ao compreender isso, se revelará que o grau de Mestre de Marca é um chamado, não para receber, mas para construir.





A ESSÊNCIA DO MESTRE

Após compreender o que é a Marca e reconhecer que ela não é um ornamento, mas uma assinatura moral, o Mestre começa a perceber que o Grau de Mestre de Marca não foi criado para satisfazer curiosidades ritualísticas nem para adicionar uma medalha simbólica ao peito do obreiro, ele foi criado para despertar uma consciência mais aguda, quase incômoda, sobre aquilo que realmente sustenta a vida de um homem.

Porque existe uma diferença entre ser aceito em uma Loja e ser aceito na Obra, e essa diferença não depende de iniciação formal, nem de títulos, nem de tempo de filiação, ela depende da substância invisível que existe por trás do comportamento, da postura, das escolhas e das renúncias.

É nesse ponto que o Grau se torna perigoso para o homem superficial, porque ele retira o conforto das desculpas e coloca o Irmão diante de uma lei simples, que atravessa os séculos como uma lâmina silenciosa. A Obra não precisa de homens que falam bem, ela precisa de homens que constroem bem.

O Mestre de Marca começa a entender que sua vida inteira se torna um canteiro, e que o mundo, mesmo sem saber, está observando o modo como ele talha suas pedras.

Ele percebe que não é possível separar a Maçonaria da vida comum, porque a Marca não fica guardada na Loja, ela acompanha o homem quando ele volta para casa, quando ele lida com sua esposa, quando educa seus filhos, quando trabalha, quando é injustiçado, quando recebe poder, quando é provocado, quando é tentado, quando tem a chance de mentir para ganhar vantagem, ou de permanecer firme e perder.

A moral do Mestre de Marca é justamente essa, o caráter não se prova quando tudo está fácil, ele se prova quando a vida exige escolhas difíceis, e é aí que a Marca se revela, porque não existe Marca bonita o bastante para esconder um homem incoerente.

É por isso que digo que esse Grau é um divisor de águas, ao transformar a Maçonaria em algo mais sério do que uma escola de ideias, ele a transforma em uma escola de consequência.

O Mestre de Marca descobre que tudo o que ele faz retorna como eco, não necessariamente como castigo, mas como resultado inevitável, porque o mundo responde àquilo que o homem deposita nele.

E aqui entramos no coração do Grau, a Marca é a prova de que o homem aceitou ser rastreável, aceitou ser identificado, aceitou ser lembrado pelo que produziu, e isso exige uma virtude que poucos compreendem antes de sofrerem, exige coragem.

Não a coragem teatral do combate, mas a coragem silenciosa de manter a palavra mesmo quando ninguém cobraria, de manter o compromisso mesmo quando seria mais fácil desistir, de permanecer leal mesmo quando a traição ofereceria lucro, de ser justo mesmo quando a injustiça pareceria vantajosa.

Essa é a moral do Mestre de Marca, a fidelidade como estrutura interna, não como pose externa.

E então o Irmão começa a perceber uma verdade ainda mais profunda, **o Grau de Mestre de Marca não fala somente de trabalho, ele fala de destino.**

Porque a pedra rejeitada, que mais tarde se torna essencial, não é somente um símbolo de reconhecimento tardio, ela é uma parábola sobre o tempo, sobre a maturação, sobre aquilo que precisa ser preparado em silêncio antes de ocupar seu lugar.

O Mestre de Marca aprende que o mundo frequentemente rejeita o que é verdadeiro, porque o verdadeiro não seduz, o verdadeiro não se adapta, o verdadeiro não se curva para ser aceito.

A pedra justa não é moldada para agradar os olhos, ela é moldada para sustentar peso.

E essa lição, quando entra de verdade no coração do homem, muda completamente sua postura diante da vida, porque ele passa a aceitar que ser rejeitado nem sempre é derrota, muitas vezes é prova, e em certos casos é sinal de que sua pedra ainda não chegou ao lugar certo.

Aqui a essência do Grau se revela com clareza, pois o Mestre de Marca não é um homem que busca aplausos, ele é um homem que aceita a invisibilidade.

Ele entende que o verdadeiro obreiro é aquele que constrói para que outros habitem, planta para que outros colham, sustenta para que outros avancem.

Ele aprende que há uma grandeza silenciosa no anonimato, e que o mundo, por mais barulhento que seja, sempre foi sustentado pelos homens que não aparecem.

O Mestre de Marca, portanto, é o início de uma ética superior, uma ética onde a virtude não precisa ser exibida, porque ela se torna natural, e onde o homem começa a compreender que o valor real de uma vida não está naquilo que se mostra, mas naquilo que se sustenta.

E é aqui que muitos Irmãos tropeçam, porque a tentação do Mestre é sempre a mesma: acreditar que a jornada terminou.

O Mestre recebe o Grau, sente que chegou ao topo, e começa a descansar no título como se ele fosse um ponto final.

O Mestre de Marca destrói essa ilusão, porque ele não oferece descanso, ele oferece responsabilidade. Ele não diz ao homem que agora ele pode parar, ele diz que agora ele será cobrado de maneira mais severa, não por homens, mas pela própria lógica da Obra. Porque quanto mais luz o homem recebe, mais incoerente se torna viver como se estivesse na sombra.

O Mestre de Marca é o Grau que mostra ao Irmão que não existe neutralidade moral, ou ele constrói, ou ele enfraquece a construção, ou ele sustenta, ou ele sabota, mesmo que inconscientemente. E quando o homem entende isso, ele percebe que a Maçonaria não é um lugar para brincar com símbolos, é um caminho para ser reconstruído.

Por isso, a essência do Mestre de Marca é a essência da integridade; e integridade não é moralismo, integridade é unidade interior; é quando o homem pensa, sente e age na mesma direção; é quando ele não precisa usar máscaras diferentes para cada ambiente.

É quando ele não se contradiz por conveniência, é quando ele não se vende para ser aceito. É quando ele se torna previsível.

Previsível na Honra, na lealdade e na justiça.

E isso, meu Irmão, é raríssimo, porque o mundo está cheio de homens inteligentes e cheios de palavras, mas vazio de homens firmes, homens que não mudam conforme a plateia, homens que permanecem de pé quando a maioria se curva.

E quando essa compreensão se instala, o Grau começa a produzir seu efeito mais elevado, ele desperta no Mestre a percepção de que a Marca não é somente um sinal pessoal, ela é uma missão.

O Irmão começa a perguntar: qual é a minha pedra, qual é o meu trabalho no mundo, o que exatamente fui chamado a sustentar.

Porque todo homem tem uma vocação, ainda que não a reconheça, e toda alma carrega um dever específico, ainda que tente fugir dele.

A Marca, nesse sentido, torna-se símbolo do chamado interior, não no sentido místico superficial, mas no sentido profundamente humano e espiritual de perceber que uma vida sem propósito se torna uma vida desperdiçada, e que o homem que não constrói nada além de sua própria sobrevivência termina velho e vazio, mesmo que tenha acumulado bens e reconhecimento.

O Mestre de Marca então entende que o Grau não é sobre pedra, é sobre consciência, não é sobre símbolo, é sobre destino, não é sobre reconhecimento externo, é sobre coerência interna.

E quando ele finalmente entende isso, ele se torna perigoso para o mundo comum, porque ele passa a ser um homem que não pode mais ser comprado com facilidade, nem seduzido por atalhos, nem manipulado por promessas vazias.

Ele se torna um homem que mede as coisas pelo valor, não pelo brilho. E é nesse momento que ele começa a sentir o chamado dos Altos Graus, não como vaidade, não como coleção de títulos, mas como necessidade de continuação, porque ele percebe que a Marca que ele gravou ainda é somente o começo, ela é o primeiro compromisso formal de que ele aceitou construir de verdade.

E aqui nasce a ponte natural para aquilo que venho dizendo há anos, o Real Arco não é um luxo para poucos, ele é uma resposta para quem já está pronto.

E ninguém está pronto para descer às profundezas se antes não aprendeu a sustentar o peso da própria Marca.

O Mestre que não domina a si não pode buscar a Palavra.

O Mestre que não honra sua Marca não pode ser digno de encontrar aquilo que estava oculto.

O Mestre que ainda vive de aparência não pode desvelar o que está por trás dos véus, porque o Real Arco não é uma continuação mecânica do simbolismo, ele é uma continuação moral e espiritual, e essa continuidade começa aqui, na pedra talhada com retidão, no trabalho bem-feito, na fidelidade silenciosa e na coragem de ser verdadeiro.

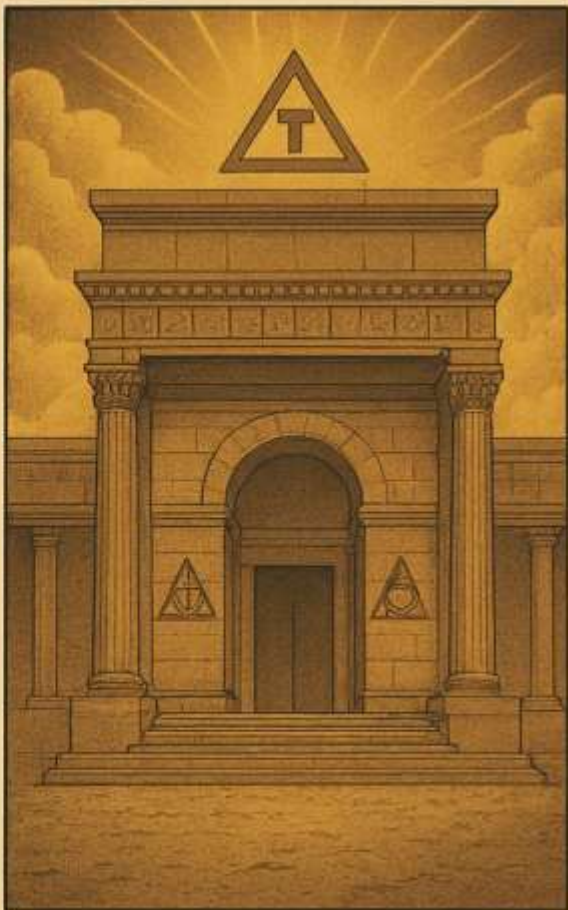
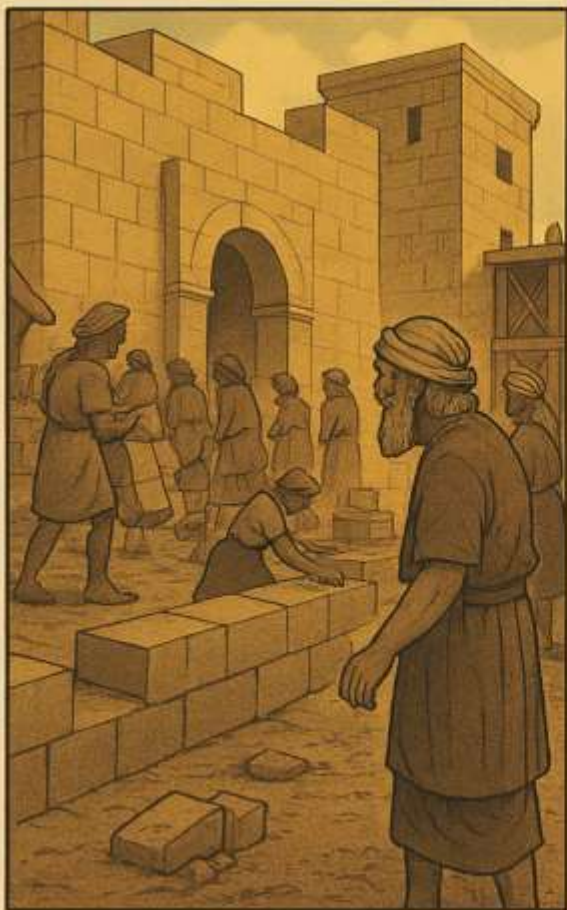
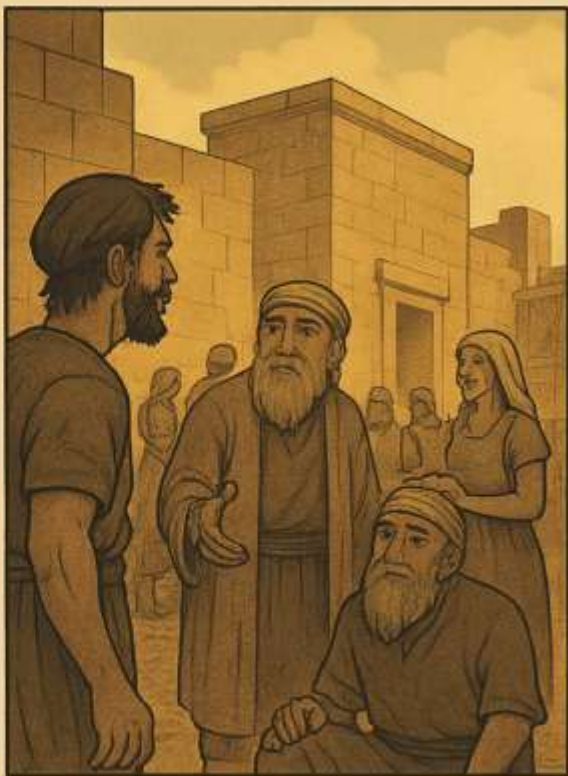
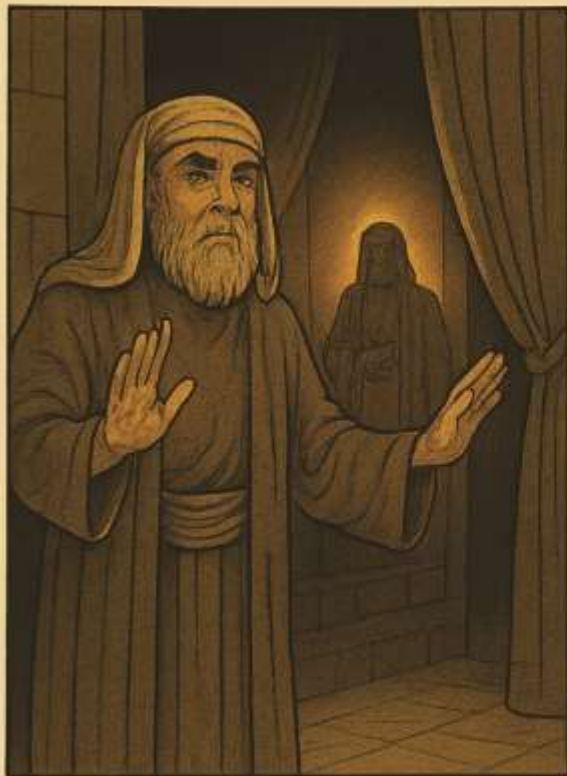
Essa é a moral do Mestre de Marca. E essa é a essência do Grau.

Ele é o ponto onde o Mestre deixa de perguntar o que a Maçonaria pode dar e pergunta o que ele pode oferecer à Obra.

Ele entende que, quando essa pergunta nasce, o caminho deixa de ser social e se torna iniciático.

E então, meu Irmão, sem perceber, você já não está mais caminhando para receber novos Graus, você está caminhando para se tornar um homem mais inteiro, mais firme, mais consciente, e mais digno de gravar seu nome, não em livros, mas na própria estrutura invisível do mundo.





VIVENCIANDO O REAL ARCO

Ao chegar pela primeira vez a uma Sessão do Real Arco, já como Mestre de Marca, a sensação é a de atravessar uma fronteira invisível, como se eu tivesse caminhado durante anos por um caminho sólido e pavimentado.

“Vejo-me diante de uma estrada com vários caminhos e modos de caminhar, onde o espírito da tradição não se perde, mas se expressa de outra maneira.”

Tudo parece diferente, não porque a essência tenha mudado, mas porque o clima interno do sistema é outro, e essa diferença se revela logo na forma, no ambiente e até na linguagem silenciosa do convívio.

A primeira impressão é quase sempre a mesma, um sentimento de leveza, como se o ar carregasse menos peso institucional e mais calor fraternal, menos formalidade e mais espontaneidade, menos rigidez e mais liberdade.

As vestimentas já anunciam essa mudança, porque não se trata da solenidade uniforme, como ocorre em certos ambientes, onde a estrutura e o rigor parecem lembrar constantemente que cada Sessão é um exercício de disciplina e de ordem.

Não há descuido, mas sim coerência com o espírito do Grau, pois aqui nos colocamos simbolicamente como pedreiros antigos, homens de ofício, homens de poeira e pedra, homens de trabalho, e não como executivos de um sistema formal.

Em outras ocasiões, terno preto e gravata vermelha surgem naturalmente, e essa alternância, longe de ser confusa, reflete uma verdade importante: o Real Arco não está preso à estética social do mundo moderno, ele se move conforme a linguagem simbólica que deseja despertar, ora com simplicidade operativa, ora com solenidade cerimonial, sem que isso contradiga sua identidade.

Os Irmãos, desde o primeiro contato, são calorosos de um modo quase imediato, e essa recepção tem algo que não se explica por protocolos.

Há um clima de camaradagem sincera, uma espécie de alegria tranquila que se espalha pelo ambiente, e que não diminui a seriedade do Grau, mas a torna mais humana.

Não há aquela tensão silenciosa que às vezes se sente em alguns corpos filosóficos, onde tudo parece exigir compostura rígida, como se o homem precisasse provar constantemente que está à altura da liturgia.

O Real Arco parece lembrar ao Irmão que a Maçonaria, antes de ser um sistema de regras, é uma fraternidade de homens que se reconhecem no mesmo ideal.

E essa sensação de pertencimento, essa facilidade no convívio, essa liberdade sem vulgaridade, cria um ambiente onde o Irmão respira melhor, como se a alma relaxasse sem perder a vigilância.

Entretanto, essa mesma leveza pode causar estranheza no início, principalmente para aqueles que vêm de outros sistemas filosóficos, acostumados a uma Maçonaria extremamente organizada, administrativa e estruturada, com materiais impressos abundantes, manuais, apostilas, bibliografia acessível, graus bem definidos em sequência clara, e um sistema que parece funcionar como uma máquina precisa, repetindo o mesmo método há décadas, quase sem variação.

No Real Arco, o caminho parece menos linear, menos padronizado, e por vezes o Irmão sente que não existe uma linha tão definida a seguir.

Não há a mesma fartura de material impresso, e o Mestre de Marca, especialmente, pode sentir falta de um corpo de estudos formalizado e amplo, como se o Grau fosse mais vivido do que explicado, mais sentido do que analisado.

Essa diferença exige maturidade, porque o Real Arco não entrega tudo pronto, ele convida o Irmão a buscar, a perguntar, a ouvir, a observar, a aprender na convivência, como se o método de transmissão fosse mais oral, mais fraterno, mais artesanal.

E é justamente por isso que a frase do Irmão João Guilherme da Cruz Ribeiro, autoridade no Real Arco no Brasil, ecoa com tanta verdade, quando ele afirma que: *“o Real Arco é alegria.”*

Essa alegria, porém, não deve ser confundida com superficialidade.

Ela é alegria iniciática, de quem reencontra uma parte perdida da Maçonaria, alegria de quem descobre que o conhecimento também pode ser transmitido com leveza, alegria de quem percebe que disciplina e fraternidade não precisam ser inimigas.

O Real Arco ensina com o sorriso, sem perder a profundidade; ele corrige sem medo e instrui sem pesar, conduzindo sem sufocar.

E isso é raro, porque muitos sistemas iniciáticos, ao tentarem parecer profundos, se tornam frios, quando na verdade profundidade não é dureza, profundidade é clareza.

Há também um aspecto prático que o Irmão logo percebe, e que precisa ser dito com honestidade, porque faz parte da realidade do caminho. **Os custos do Real Arco, em geral, tendem a ser mais salgados.**

Não necessariamente neste primeiro momento, mas principalmente quando o Irmão começa a se aproximar da Cavalaria.

É por isso que muitos, com sabedoria, já começam cedo a fazer uma poupança para os Graus seguintes, porque a jornada, embora belíssima, exige investimento.

Ainda assim, o que se recebe em retorno não é puramente material, apesar da beleza visual às vezes semelhante a uma peça teatral, o que se recebe puramente é conteúdo para o crescimento interior.

E quando o Irmão entende isso, ele para de ver os custos como cobrança e começa a enxergar como compromisso, como participação real em uma estrutura que precisa existir, funcionar e permanecer viva.

E, apesar de tudo isso, ou talvez justamente por tudo isso, é uma aventura estar no Real Arco.

A sensação após uma Sessão é de renovação, como se o Irmão saísse mais leve do que entrou, não porque os problemas desapareceram, mas porque algo dentro dele se reorganizou.

Sei que muitos gostam de chamar isso de egrégora, e quem me conhece sabe que eu normalmente evito essa palavra no contexto do York, porque ela muitas vezes é usada de modo exagerado ou fantasioso, ainda assim, é impossível negar que existe ali um conjunto de forças sutis, uma harmonia coletiva, um campo emocional e espiritual formado por Irmãos unidos na mesma intenção, e esse campo tem efeito real sobre a mente e sobre a alma.

Saímos recarregados, como se a energia interna voltasse ao seu eixo, como se o homem recuperasse algo que o mundo dispersa diariamente.

As Sessões costumam ser mais rápidas, mais diretas e ao mesmo tempo altamente instrutivas.

Existe descontração, sim, mas não há desleixo. Existe leveza, sim, mas não há vulgaridade. Existe liberdade, sim, mas não há caos.

E essa combinação é um dos encantos mais marcantes do Real Arco, porque ela cria um ambiente onde a instrução flui naturalmente.

A camaradagem não fica restrita à Loja, se estende para o convívio cotidiano, para as conversas sinceras, para o sentimento de que ali existe uma irmandade que não se limita ao ritual, mas que se expressa como amizade verdadeira.

E talvez seja por isso que, quando o Mestre começa a vivenciar o Real Arco, ele percebe que está diante de uma Maçonaria de Altos Graus que não pretende competir com os outros sistemas, nem o substituir, mas completar aquilo que faltava.

Os sistemas tradicionais ensinam o irmão a caminhar com disciplina e ordem, o Real Arco ensina o homem a caminhar com o coração.

Quando essas duas correntes se encontram no mesmo Irmão, ele deixa de caminhar fragmentadamente e começa a se tornar um obreiro inteiro, capaz de reconhecer que ambos os sistemas são importantes e que, embora aqui a reflexão se volte com mais atenção ao Real Arco, isso não diminui o valor do outro caminho, pois eles se esclarecem e se completam, lembrando que a Obra se sustenta com ordem, regras e método, e ao mesmo tempo se acende com alegria, com fraternidade viva e com aquela chama discreta que o Real Arco aprende a guardar e a revelar no tempo certo, de modo que nada se perde, tudo se integra, e o Irmão segue adiante com firmeza serena, visão ampliada e ânimo renovado para servir melhor à Maçonaria e além dela, onde a vida solicita construção.



A HISTÓRIA DO REAL ARCO

O **Real Arco**, quando observado com rigor histórico e ao mesmo tempo com a sensibilidade de quem compreende a linguagem simbólica como uma forma elevada de transmissão de conhecimento, não se revela como um apêndice decorativo da Maçonaria, nem como um simples grau adicional destinado a satisfazer curiosidades ritualísticas, mas como um fenômeno que nasceu da necessidade interna de completar aquilo que o Grau de Mestre Maçom deixava propositalmente incompleto.

E é precisamente por isso que sua história, mesmo quando documentada em datas e registros, carrega um aspecto quase inevitável, como se ele tivesse surgido não por vontade de um homem ou de um grupo específico, mas porque a própria estrutura iniciática exigia um desfecho, um arco que fechasse a narrativa e ao mesmo tempo abrisse uma nova porta para o aprofundamento moral, filosófico e espiritual.

O Real Arco é, em essência, o momento em que a Maçonaria deixa de ser somente uma jornada de construção de caráter e é também uma jornada de recuperação, de reencontro, de revelação e de reconstrução, e talvez por isso ele tenha se espalhado tão rapidamente entre os Maçons do século XVIII, mesmo antes de possuir uma administração claramente definida.

A primeira evidência documentada do Real Arco **como um Grau distinto surge na Irlanda, em 1741, registrada nas atas da Loja número 21 de Youghall**, e esse registro tem um valor especial porque nos permite afirmar, com base escrita, que o termo e a prática já existiam como algo reconhecível, diferenciado e suficientemente importante para ser anotado em documentação formal.

Esse dado irlandês, porém, não deve ser interpretado como o nascimento absoluto do Real Arco, mas como o primeiro ponto onde ele se torna visível ao olhar do historiador.

O que nasce como linguagem interna, transmitida em círculos restritos, tende a permanecer por algum tempo fora dos registros públicos, e isso é coerente com o modo como muitos graus e sistemas se desenvolveram no século XVIII, especialmente em uma época em que a Maçonaria ainda consolidava sua estrutura e em que a linha entre prática local e padronização institucional ainda era tênue.

Assim, o registro de Youghall é a primeira janela aberta para um fenômeno que já vinha se formando em algum ponto anterior, no próprio desdobramento do Grau de Mestre Maçom.



Lodge
No. 21
of
YOUGHAL 1741
Co. Cork
Ireland

Ao procurar o Capítulo mais antigo associado ao Real Arco, destaca-se o Stirling Rock Chapter, em Stirling, na Escócia, e essa informação é fundamental porque aponta para a presença de uma tradição escocesa muito antiga, sugerindo que o Real Arco não foi somente uma criação irlandesa exportada, mas um desenvolvimento que encontrou solo fértil em diferentes regiões das ilhas britânicas, cada uma contribuindo com suas particularidades culturais e maçônicas.

O Real Arco, portanto, não parece ter tido um único berço, mas sim múltiplas expressões iniciais, como se fosse um rio subterrâneo que, em determinado momento, emergisse em diferentes pontos do terreno. Essa multiplicidade explica por que, em alguns lugares, ele foi considerado um complemento natural do Terceiro Grau, enquanto em outros passou a ser tratado como uma estrutura iniciática mais ampla, exigindo uma organização própria.

O Ahiman Rezon de Laurence Dermott, figura central entre os chamados Antigos, afirma que o Grau era trabalhado em Londres ao menos desde 1744, e essa afirmação é corroborada por uma obra publicada em Dublin no mesmo ano, intitulada *A Serious and Impartial Inquiry into the Cause of the Present Decay of Freemasonry in the Kingdom of Ireland*, de Fifield Dassigny, que menciona o Grau como já conhecido em Londres e em York naquele tempo.

A convergência dessas fontes é importante porque indica que o Real Arco não era um segredo isolado de uma Loja periférica, mas uma prática que circulava entre centros maçônicos relevantes, e isso reforça a hipótese de que ele já existia como tradição oral e ritualística antes de aparecer com clareza documental.

E é justamente nesse ponto que se encontra uma das afirmações mais repetidas e mais discutidas na história do Real Arco, a ideia de que ele representa a conclusão do Grau de Mestre Maçom. Essa frase, quando interpretada com seriedade, não deve ser entendida como propaganda de corpo anexado, mas como descrição de uma realidade simbólica, pois o Grau de Mestre Maçom, em sua estrutura dramática, é uma narrativa de perda, e toda narrativa de perda exige, por natureza, uma narrativa de recuperação. Se a Maçonaria desejava formar homens completos, não bastava ensinar o drama da ausência, era necessário ensinar o caminho do reencontro.

Assim, se o Real Arco nasceu como desdobramento natural do Terceiro Grau, isso explicaria por que, durante algum tempo, ele permaneceu invisível aos registros formais, pois aquilo vivido como extensão íntima de um Grau principal tende a ser tratado como parte do próprio Grau, e não como nada separado.

Na Inglaterra, a prova escrita mais antiga da presença do Real Arco sob jurisdição dos Modernos encontra-se em um livro de atas de Bristol datado de 1758, mas há indícios de que a prática seja anterior, especialmente ao observar o cenário americano, onde já existe registro de que o Grau foi trabalhado na Virgínia em 1753 sob carta constitutiva de uma Loja simbólica de Fredericksburg.

Esse detalhe é extraordinário porque coloca os Estados Unidos não como mero receptor tardio de tradições europeias, mas como território onde o Real Arco já era conhecido e praticado muito cedo, antes mesmo de haver uma organização capitular plenamente consolidada em solo inglês.

Isso nos obriga a compreender que a Maçonaria colonial possuía uma vitalidade própria, e que muitas vezes o fluxo de tradições não seguia uma linha simples de Europa para América, mas se desenvolvia em paralelo, influenciada por deslocamentos militares, por imigrações e por redes maçônicas que atravessavam o Atlântico com mais facilidade do que se imagina.

É essencial lembrar que a Maçonaria do século XVIII era profundamente marcada pelo deslocamento de tropas britânicas e pela presença de Lojas militares.

Essas Lojas, que acompanhavam regimentos, carregavam consigo não somente a prática simbólica comum, mas também graus adicionais, tradições e variações ritualísticas.

Assim, o Real Arco, que entre os Antigos era considerado um grau de grande importância, passou a viajar com esses homens, trabalhando em diferentes territórios conforme os regimentos se deslocavam.

Isso explica por que se encontram referências do Grau em lugares como Pensilvânia em 1767 e Massachusetts em 1769, demonstrando que o Real Arco estava se espalhando rapidamente no ambiente colonial.

O Real Arco, nos Estados Unidos, não foi implantado como um projeto administrativo centralizado, mas como uma prática viva que se espalhou pela convivência e pelo deslocamento, como uma chama que se transmite de tocha em tocha.

Na Inglaterra, o Real Arco ainda é considerado oficialmente como a conclusão do Terceiro Grau, permanecendo sob controle da Grande Loja Unida da Inglaterra por meio do Supremo Grande Capítulo, organização que funciona quase como um comitê da própria Grande Loja, onde os Grandes Oficiais, nas reuniões capitulares, utilizam basicamente um colar diferente, sem romper a unidade administrativa central.

Esse modelo inglês preserva o Real Arco como continuidade orgânica, como se dissesse que o caminho do Mestre Maçom só se completa quando ele atravessa o Arco e recebe a chave final de interpretação do drama iniciado no Terceiro Grau. Porém, essa estrutura inglesa não foi reproduzida da mesma maneira em outros países.

Em muitos lugares, o Real Arco desenvolveu-se como um corpo mais autônomo, com administração própria, rituais específicos e organização separada, e essa diversidade gerou diferenças estruturais que existem ainda hoje entre jurisdições capitulares ao redor do mundo.

E é nesse ponto que o caso americano se torna singular, porque nos Estados Unidos o Real Arco se consolidou como parte central de um sistema que hoje chamamos de **York Rite**, um conjunto de graus que, embora possua raízes antigas, adquiriu identidade própria no solo americano.

O Real Arco americano não se apresenta como um simples complemento britânico, mas como uma escada iniciática completa, onde cada grau funciona como preparação psicológica e simbólica para o seguinte e assim, o Real Arco americano não se resume ao grau final, mas inclui toda a sequência que conduz o Mestre Maçom ao reencontro, começando pelo Mestre de Marca, passando por Past Master e Mui Excelente Mestre, até culminar no Maçom do Real Arco.

Essa estrutura revela uma mentalidade pedagógica diferente, pois o sistema americano não oferece a revelação final sem antes preparar o homem por etapas, como se dissesse que ninguém pode compreender o mistério final sem antes compreender o valor do trabalho, da responsabilidade, da liderança e da conclusão de uma obra.

A história do Real Arco nos Estados Unidos começa a delinear-se de modo mais claro a partir da segunda metade do século XVIII.

O registro de Fredericksburg, Virgínia, em 22 de dezembro de 1753, é frequentemente citado como o primeiro documento conhecido da concessão do Grau no continente americano.

O Real Arco estava presente no ambiente colonial em um momento em que a própria Maçonaria simbólica ainda estava se expandindo e se organizando.

Naquele período, o Real Arco era conferido sob a autoridade de um mandado de um Venerável Mestre, dentro de uma Loja regular, o que demonstra que a estrutura capitular ainda não estava diferenciada.

O Grau era vivido como extensão natural do Terceiro Grau, uma continuação interna que completava o drama do Mestre.



Fredericksburg, Virginia
December 22, 1753

Esse fato reforça a tese de que o Real Arco nasceu de um impulso orgânico, não como invenção formal, mas como desenvolvimento natural de uma necessidade simbólica.

Com o crescimento do número de Capítulos e com a multiplicação de Irmãos interessados nesse aprofundamento, tornou-se evidente a necessidade de regras específicas para governar esses trabalhos.

Esse processo de institucionalização é típico do desenvolvimento maçônico, pois primeiro surge a prática, depois surge a necessidade de organizar a prática.

Primeiro surge o ritual, depois surge a administração.

E assim, no final do século XVIII e início do século XIX, começam a surgir Capítulos mais claramente identificados como tais, e convenções são convocadas para discutir governança, padronização e reconhecimento.

Um dos marcos fundamentais para a história capitular americana foi a convenção realizada em Boston em 1797, seguida por encontros em Hartford em 1798, que prepararam o terreno para a criação do **General Grand Chapter, Royal Arch Masons**, estabelecido definitivamente em 9 de janeiro de 1806.

Esse corpo não surgiu como ruptura, mas como amadurecimento institucional.

Ele foi criado porque os Capítulos já existiam, já trabalhavam, já cresciam, e a ausência de um governo centralizado gerava divergências e falta de uniformidade.

A criação de um corpo nacional permitiu a harmonização de práticas e a criação de uma autoridade reconhecida para regular os trabalhos.

Esse movimento, profundamente americano, reflete o espírito de organização e autonomia que caracterizou a jovem nação após a independência.

É interessante observar que o Real Arco americano se desenvolveu em um contexto no qual a rivalidade inglesa entre Antigos e Modernos não teve a mesma força que teve na Inglaterra.

Após a independência das colônias em 1776, a Maçonaria nos Estados Unidos passou a viver um processo de consolidação próprio, e embora as influências britânicas fossem inegáveis, a necessidade prática de organização local e nacional acabou prevalecendo.

Isso explica por que, em muitos lugares, os graus que hoje associamos a outros corpos, como graus crípticos ou graus de cavalaria, eram inicialmente trabalhados em conjunto com o Real Arco, dentro de um ambiente ainda fluido, onde as fronteiras administrativas não estavam definidas.

Essa fluidez é um aspecto fascinante da história americana e demonstra que, até o final do século XVIII, muitas Lojas norte-americanas realizavam cerimônias que hoje associamos aos Cavaleiros Templários e até a outras ordens, o que mostra que o sistema maçônico ainda estava em processo de compartimentação.

O Real Arco fazia parte desse universo amplo, e somente com o tempo os corpos foram se separando em Capítulos, Conselhos e Comandarias.

Em Massachusetts, há referência ao St. Andrew's Royal Arch Chapter, datado oficialmente de 1769, mas com indícios de atividade anterior, possivelmente desde 1762.

Esse Capítulo é frequentemente citado como o mais antigo Capítulo formalmente constituído no Hemisfério Ocidental, revelando a antiguidade da prática capitular no ambiente colonial.

Antes que a Maçonaria se dividisse em corpos, ela era uma só alma, o Real Arco, foi o seu primeiro suspiro!

Na Pensilvânia, o Royal Arch Chapter nº 3, anteriormente conhecido como Jerusalem Royal Arch Chapter nº 3, possui atas completas que remontam a 03 de dezembro de 1767, e acredita-se que tenha sido constituído ainda antes, possivelmente por volta de 1758, embora essa data não seja totalmente comprovada.

Esse Capítulo é reivindicado como o mais antigo ainda em funcionamento, e sua existência demonstra que a tradição capitular já era forte e organizada em algumas regiões muito antes da criação de um corpo nacional.

A Pensilvânia, aliás, foi o primeiro Estado americano a formar um Grande Capítulo do Real Arco, em 1795, um dado que reforça a ideia de que a necessidade de governo local precedeu a criação de uma autoridade nacional.

Isso é coerente com a mentalidade americana de organização por estados, onde cada jurisdição buscava autonomia e coerência interna antes de aderir a estruturas mais amplas.

Assim, a formação do General Grand Chapter em 1806 não anulou as tradições estaduais, mas buscou criar um eixo de reconhecimento e padronização que harmonizasse o conjunto.

Um aspecto particularmente interessante do **Real Arco americano** é que ele se desenvolveu como parte de uma escada iniciática que inclui graus intermediários com grande peso moral e simbólico.

O Mestre de Marca, no contexto inglês, é um grau lateral ao de Mestre, no contexto americano tornou-se etapa fundamental.

Isso revela uma filosofia pedagógica que valoriza o trabalho, a responsabilidade e a identidade como preparação para a revelação final.

O Grau seguinte do sistema do Real Arco é chamado de *Past Master*, muitas vezes chamado de *Virtual Past Master*.

Ele foi criado porque, no passado, somente os irmãos que comandaram lojas simbólicas podiam avançar ao grau seguinte, limitando assim o número de participantes. Com isso, a criação do *Virtual Past Master* deu a esses irmãos a oportunidade de continuar a formação, sem no entanto lhes outorgar direitos ou autoridade de um Past Master de uma Loja simbólica.

O Grau de **Past Master** recebeu uma roupagem de conteúdos e se tornou fundamental como grau preparatório para a venerabilidade de uma loja simbólica.

Os conteúdos do grau de *Past Master do Capítulo do Real Arco* preparam o Irmão para compreender o peso da liderança e o sentido de governar uma Loja Simbólica.

O **Mui Excelente Mestre**, por sua vez, apresenta a ideia da conclusão da obra do templo e prepara a mente para a noção de que a verdadeira construção não é somente física, mas espiritual.

E finalmente o **Maçom do Real Arco** aparece como culminação, onde o simbolismo da perda e da recuperação se completa.

Essa sequência, vista em conjunto, mostra que o Real Arco americano não é somente um grau final, mas um sistema inteiro de preparação moral e filosófica.

Em 1806, realizou-se uma convenção de Maçons do Real Arco em Norfolk, Virgínia, com representantes de Norfolk e Richmond, e com apoio manifestado por Staunton e Dumfries.

Em 1808, em Norfolk, a Constituição foi ratificada por três Capítulos, sendo organizado o Mui Excelente Supremo Grande Capítulo do Real Arco da Virgínia.

Robert Brough foi eleito como primeiro Grande Sumo Sacerdote.



O Grande Capítulo prosseguiu em sessões para aperfeiçoar sua organização, expediu cartas constitutivas e estabeleceu numeração para Capítulos.

Em 1820, o instrutor James Cushman visitou a convocação anual, demonstrou os graus conforme praticados no General Grand Chapter, e, como resultado, o Grande Capítulo adotou um novo ritual e nomeou Cushman como primeiro Grande Instrutor.

Esse processo demonstra como o Real Arco americano se consolidou por meio de uma interação contínua entre tradição local e influência nacional.

Os Graus Crípticos foram introduzidos na Virgínia por Jeremy L. Cross em 1817, e Conselhos foram constituídos em Richmond e Dumfries.

Em 1820, Cushman constituiu vários Conselhos adicionais, e esses nove Conselhos formaram o Grande Conselho de Mestres Reais e escolhidos da Virgínia em dezembro de 1820.

Em 1841, o Grande Conselho renunciou ao controle desses graus em favor do Grande Capítulo do Real Arco, que os integrou à sequência capitular.

Esse tipo de reorganização mostra que a história do Real Arco não é uma linha reta, mas uma construção viva, adaptativa, onde decisões administrativas refletem compreensões simbólicas e necessidades práticas.

Outro elemento fascinante é a forma como o Real Arco americano preserva, em seu simbolismo, a herança do Santo Arco Real britânico, mas reorganiza seu conteúdo no grau final.

Nos Estados Unidos e no Canadá, grande parte dos ensinamentos do Santo Arco Real, tal como praticado na Inglaterra e no País de Gales, encontra-se contida no grau de Maçom do Real Arco, sendo o último grau da sequência capitular americana.

Isso significa que aquilo que na Inglaterra pode ser vivido como conclusão direta do Mestre Maçom, nos Estados Unidos é vivido como culminação de um processo mais longo, onde o Irmão é preparado por vários graus antes de chegar ao ponto final.

Essa diferença estrutural explica por que muitas vezes a palavra Real Arco, no contexto americano, não se refere somente ao grau final, mas ao conjunto inteiro de graus capitulares.

O Real Arco americano foi moldado não somente por necessidades ritualísticas, mas também por fatores culturais.

A América do século XVIII e XIX era um território de expansão, de construção, de ruptura com antigas hierarquias, de valorização da liberdade e de criação de instituições próprias.

Esse espírito influenciou a Maçonaria e influenciou diretamente a forma como o Real Arco se organizou.

O Real Arco americano carrega essa energia de independência, pois ele não se contenta em ser apêndice de uma Grande Loja Simbólica, ele busca autonomia, estrutura própria e uma sequência iniciática que reflita o caminho completo de construção e recuperação.

Essa característica é profundamente americana e explica por que o Real Arco se tornou uma parte tão central dos altos graus do chamado “York Rite”.

O Real Arco americano se desenvolveu em paralelo às demais estruturas que, nos Estados Unidos, compõem aquilo que ali se denomina York Rite, expressão que abrange o Real Arco, o Conselho Críptico e as Ordens de Cavalaria, formando um conjunto progressivo de corpos que se apoiam sobre uma mesma base simbólica.

É necessário compreender que, naquele contexto histórico, os Graus Simbólicos eram identificados simplesmente como Craft, pois não havia pluralidade de ritos simbólicos em funcionamento quando esses corpos se consolidaram, razão pela qual o termo York Rite não se aplicava às Lojas Simbólicas, mas aos graus que se desenvolviam para além delas.

No Brasil, contudo, a expressão Rito de York passou a ser utilizada para designar também os Graus Simbólicos, criando uma distinção terminológica relevante, já que aquilo que aqui se chama Rito de York, nos Estados Unidos é compreendido como Craft quando se refere às Lojas Simbólicas, reservando-se York Rite para o conjunto formado pelo Real Arco, pelo Conselho Críptico e pelas Ordens de Cavalaria.

Essa diferença não é meramente semântica, mas histórica e estrutural, e sua compreensão permite evitar equívocos, ao mesmo tempo em que ilumina a continuidade orgânica entre a base simbólica e os corpos que a expandem.

O período inicial, marcado por fluidez ritual, permitiu que graus hoje separados fossem praticados em conjunto, e somente com o tempo a Maçonaria americana organizou essas práticas em corpos distintos.

Esse processo de compartimentação não eliminou a unidade simbólica do caminho, mas criou diferentes portas de entrada e diferentes sistemas administrativos para preservar regularidade e coerência.

Assim, o Real Arco americano tornou-se a porta dos graus capitulares, enquanto os graus crípticos se tornaram domínio de Conselhos, e as Ordens de Cavalaria passaram a ser trabalhadas em Comanderias Templárias.

Essa divisão, porém, não rompe o sentido de continuidade, pois o York Rite americano permanece sendo visto como um caminho integrado, onde cada corpo complementa o outro.

Ao contemplar o conjunto, percebe-se que o Real Arco americano não pode ser entendido somente como história administrativa, ele é um movimento espiritual e simbólico que nasceu da necessidade humana de completar uma narrativa de perda.

O Grau de Mestre Maçom ensina o homem a enfrentar a ausência, o vazio e o silêncio, e o Real Arco surge como resposta, como reconstrução, como reencontro.



Esse entendimento aparece em várias tradições e explica por que o Real Arco se espalhou com rapidez, sendo trabalhado tanto em Londres quanto em York e Dublin, e atravessando o Atlântico para ser praticado em Virgínia, Massachusetts, Pensilvânia e outras regiões.

Se o Real Arco se tornou tão importante na América, isso não foi somente por sua beleza ritualística, mas porque ele oferecia ao homem colonial e depois ao homem americano uma linguagem que combinava perfeitamente com sua experiência histórica.

O tema da reconstrução do templo, da busca por fundamentos perdidos, da restauração de uma obra interrompida, dialoga profundamente com a experiência de uma nação em construção e os Estados Unidos eram, de certo modo, uma obra inacabada buscando fundamento e identidade.

O Real Arco, com sua narrativa de escavação, redescoberta e reconstrução, oferecia uma metáfora poderosa para uma sociedade literalmente construindo cidades, instituições e uma nova ordem política, e esse encaixe cultural talvez seja um dos motivos pelos quais o Real Arco floresceu com tanta força em solo americano.

Assim, quando se fala da origem do Real Arco nos Estados Unidos, não se deve limitar o olhar à data de 1753 em Fredericksburg, embora esse seja um marco fundamental.

Deve-se olhar para todo o processo de difusão, para a influência das Lojas militares, para o crescimento de Capítulos na Pensilvânia e Massachusetts, para a formação de Grandes Capítulos estaduais, para a criação do General Grand Chapter em 1806, e para as particularidades regionais como as da Virgínia.

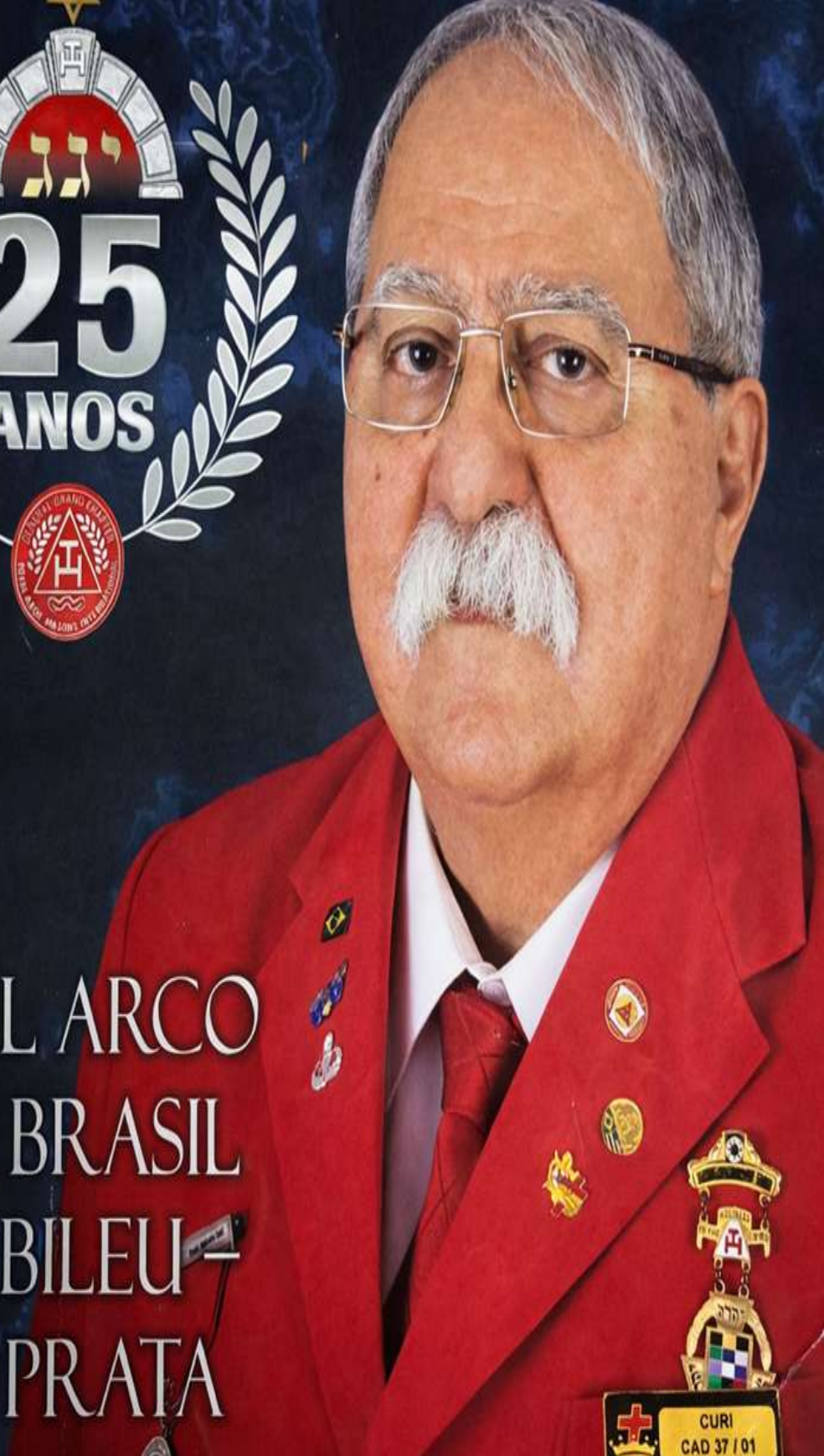
O Real Arco americano não é uma simples cópia de um modelo britânico, mas uma adaptação viva que preservou o núcleo simbólico e reorganizou sua forma conforme as necessidades de um território em expansão.

O Real Arco é uma das expressões mais claras de que a Maçonaria não se limita a ensinar virtude por meio de palavras, mas ensina por meio de narrativas que refletem a própria estrutura da vida humana, porque a vida também é feita de perdas e reencontros, de obras interrompidas e reconstruídas, de palavras esquecidas e verdades recuperadas.

O Real Arco atravessou séculos, porque ele fala diretamente à alma do homem que constrói, que cai, que busca, que erra, que se levanta e que, finalmente, compreende que a Obra verdadeira não é somente externa, mas interna, e que a maior reconstrução não acontece em pedra e cal, mas no interior do próprio ser.



REAL ARCO
NO BRASIL
– JUBILEU –
DE PRATA







יהרה

Capítulo
Santo Graal Nº22
de Maçons do Real Arco
FIDALIC



FUNDADO EM 9 DE DEZEMBRO DE 2004



ALMA DO SUPLENTE DA CATEDRA
DE MAÇONS DO REAL ARCO
DE BRASÃO





O REAL ARCO NO BRASIL

(Baseado no texto do Irmão João Guilherme da Cruz Ribeiro,
“Quando a Pedra chegou ao Brasil”)

A fundação do Real Arco no Brasil não se explica como ato administrativo isolado, nem como extensão automática de um sistema estrangeiro, porque o que se desenha, ao acompanhar o percurso, é um processo de maturação que solicita tempo, método e continuidade, como acontece com tudo o que pretende permanecer.

O Real Arco, por sua própria natureza, não se firma por entusiasmo momentâneo, ele se firma quando encontra homens dispostos a sustentar uma linguagem, uma disciplina e um ritmo de Obra, mesmo antes que a estrutura ao redor esteja plenamente organizada.

No início, havia no país uma confusão frequente em torno do termo Rito de York, muitas vezes associado à Emulação inglesa, o que dificultava perceber que, no modelo americano, o Real Arco é um corpo distinto, com Graus próprios, vocabulário próprio e uma tradição administrativa específica, e essa névoa conceitual era mais do que um mal-entendido, pois aquilo que não é compreendido em sua identidade é raramente defendido com firmeza, e toda tradição que chega a um novo solo precisa, primeiro, ser reconhecida como o que realmente é.

O primeiro núcleo organizado se estabeleceu em 1993, com a Carta de Dispensa para a criação do Capítulo José Guimarães Gonçalves, no Rio de Janeiro.

A instalação foi conduzida por Oficiais ligados ao Capítulo Jerusalém, do Paraná, e o nome prestava homenagem ao Past Grão-Mestre José Guimarães Gonçalves, figura que, naquele período, representava para muitos a referência do que se entendia como Rito de York.

Nessa ocasião, quarenta e um Irmãos receberam por comunicação os quatro Graus capitulares, em cerimônia simples, com poucos recursos materiais, mas de grande peso histórico, porque ali o Real Arco deixou de ser uma ideia difusa e passou a existir como prática reconhecível, sob a autoridade do General Grand Chapter of Royal Arch Masons International.

À frente desse início esteve o Irmão José Nunes dos Santos, cuja influência institucional ajudou a transformar possibilidade em realidade, criando condições para que o trabalho se mantivesse, se organizasse e encontrasse continuidade.

O que veio depois não foi expansão imediata, mas consolidação, e essa etapa costuma ser a mais exigente, porque ela expõe o contraste entre a grandeza simbólica do sistema e a dureza do mundo concreto.

Houve momentos de isolamento por falta de referências externas e pelas limitações de comunicação da época, e isso obrigou os primeiros Companheiros a recompor caminhos, traduzir textos, revisar rituais e compreender funções cerimoniais com base em instruções fragmentárias e em fontes diversas, muitas vezes obtidas por esforço pessoal.

Também foi um tempo em que a estrutura material precisou ser criada com as próprias mãos, dos véus aos utensílios cerimoniais, e em que a administração do Capítulo exigiu disciplina, prudência e perseverança.

Esse período foi atravessado por crises institucionais e perdas humanas relevantes, incluindo falecimentos de Companheiros fundamentais e conflitos que afetaram a estabilidade dos trabalhos, e ainda assim o Real Arco permaneceu.

A continuidade se sustentou porque alguns poucos conservaram o eixo quando muitos se afastaram, preservando o núcleo que permitiria, mais adiante, a expansão em bases mais seguras.

Nesse movimento, a aproximação com os Irmãos do Sul do país teve papel importante, ampliando o alcance do Real Arco e preparando o terreno para que novos Capítulos surgissem e para a presença capitular deixar de ser episódio e se tornasse caminho.

A passagem decisiva ocorreu no início do século XXI, quando, após a fundação de Capítulos suficientes e a articulação junto ao General Grand Chapter, foi constituído o Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, em 1º de janeiro de 2001.

Esse marco representou a transição entre a fase pioneira e a fase estrutural, transformando uma presença ainda fragmentada em jurisdição organizada, capaz de conferir regularidade plena, ordenar a expansão e estabelecer relações formais com outras potências e corpos maçônicos.

A Carta Constitutiva desse período não deve ser vista somente como documento, mas como sinal de maturidade, porque encerra uma etapa de formação e inaugura outra, na qual o Real Arco deixa de depender de esforços isolados e existe como realidade permanente na Maçonaria Brasileira.

Por isso, a história do Real Arco no Brasil se revela, sobretudo, como um processo de introdução legítima e cultivo paciente. Ele não se firmou por facilidade, mas por constância, e não se expandiu por conveniência, mas por consciência. E talvez resida aí uma lição silenciosa, coerente com a própria essência capitular, a de que aquilo que é verdadeiramente precioso costuma ser encontrado quando se cava fundo, quando se persiste, e quando se aceita que a Luz não se oferece como prêmio imediato, mas como responsabilidade assumida com dignidade, continuidade e fidelidade à Obra.





OS GRAUS CAPITULARES

Meus Irmãos, depois que o Mestre atravessa o Grau de Mestre de Marca, costuma nascer nele a impressão serena de que já tocou o coração do Capítulo, porque ali aprende, sem alarde e sem ornamento, que a Marca não é um desenho posto sobre a pedra, mas um compromisso posto sobre a vida, e quem compreende isso sente que já alcançou o essencial, como se tivesse encontrado um nome correto para aquilo que até então era somente intuição, porém a experiência do Real Arco, quando amadurece, mostra que esse primeiro entendimento, embora verdadeiro, ainda é chão e não cume, é o lugar firme onde os pés se assentam antes da subida real começar.

O Real Arco não se oferece como vitrine de títulos, mas como caminho no qual o homem é gradualmente despojado das ilusões que carrega com elegância, até restar somente aquilo que suporta o peso de ser chamado de essência.

Digo isso com a medida de quem viveu o Capítulo e tentou organizar essa vivência em livros, primeiro em **Mestre de Marca, A Arte de Deixar Marcas**, depois em **Past Master, História e Tradição**, mais tarde em **Mui Excelente Mestre, Quando a Última Pedra Une a Terra e o Céu**, em **Maçom do Real Arco, Sob os Arcos da Antiga Aliança em Jerusalém**, e por fim em **Os Véus da Sabedoria**, no qual procurei costurar uma leitura filosófica e simbólica do Real Arco.

Uma retirada lenta de véus, como se cada Grau fosse menos um degrau administrativo e mais uma operação silenciosa sobre a consciência, algo que não se anuncia, mas se percebe, como se percebe a mudança do ar quando a noite avança.

É justamente nesse ponto que os três passos seguintes se revelam, distintos na forma, unidos no movimento, e eu prefiro olhá-los juntos, não para confundir suas vozes, mas para ouvir melhor a harmonia que existe entre elas, porque Past Master, Mui Excelente Mestre e Maçom do Real Arco não se comportam como cerimônias isoladas, e sim como três momentos de um mesmo processo, três batidas de uma mesma forja, em que não é somente o cenário que se modifica, mas a densidade do homem que entra e a densidade do homem que sai.

O **Mestre de Marca ensina** o homem a assinar sua obra com responsabilidade, o **Past Master ensina** o homem a suportar o peso da cadeira sem se apaixonar pelo brilho dela, o **Mui Excelente Mestre ensina** o homem a contemplar o término e o vazio sem cair em amargura, e o **Maçom do Real Arco ensina** o homem a perceber que o término não é fechamento, mas uma espécie de começo oculto, mais antigo do que nossas pressas e mais profundo do que nossos discursos, como se o fim fosse somente a borda visível de uma realidade que não se entrega por inteiro.

O primeiro desses passos, o Past Master, costuma ser o mais mal compreendido, e não raro é tratado como formalidade necessária, um rito breve para cumprir o caminho, e essa leitura, mesmo quando bem intencionada, empobrece o que ele guarda de mais precioso, porque o Past Master não fala ao homem que busca aplauso, ele fala ao homem que já começou a suspeitar que liderança cobra preço, e que o preço se paga por dentro, em silêncio, e por isso, quando escrevi sobre ele, solicitei silêncio no prefácio, não como recurso de estilo, mas como necessidade simbólica, ao haver coisas que se tornam falsas quando ditas em voz alta com vaidade, e o Past Master, quando é vivido com seriedade, apresenta a cadeira não como troféu, mas como responsabilidade, lembrando que o poder é transitório e a vaidade pode ser uma forma discreta de cegueira, e aqui entra uma aprendizagem que o Capítulo ensina sem brutalidade, a cadeira não faz o homem, ela o revela, ela não inventa um líder, ela expõe se havia ali, antes de tudo, maturidade para servir, e quando não havia, ela também expõe, e essa exposição, quando recebida com dignidade, pode ser remédio.

Há ainda um aspecto histórico que merece ser dito com honestidade, porque a sinceridade histórica, quando bem colocada, não diminui o símbolo, ao contrário, torna-o mais confiável, e é fato que o Past Master, como hoje o encontramos em muitos sistemas capitulares, não pertenceu ao núcleo mais antigo do Real Arco, já que em sua origem a progressão exigia que somente quem tivesse presidido uma Loja pudesse avançar.

Nasceu, com o tempo, uma solução prática e ritualística, o conhecido passar pela cadeira, que permite a Mestres Maçons prosseguir sem terem exercido a presidência regular, e nesse processo nomes como Thomas Dunckerley surgem com relevância, amparados por prerrogativas e dinâmicas constitucionais de seu tempo, abrindo caminho para uma forma de admissão que se consolidou, porém essa origem administrativa, embora esclareça o caminho por fora, não explica por si a permanência por dentro, porque se o Grau fosse somente expediente, o tempo o teria desgastado até torná-lo dispensável, e o que o manteve vivo foi um ponto essencial do caráter humano, a tentação do poder e o dever de dominá-la, e é aí que o Capítulo revela sua pedagogia mais fina, pois ele não entrega ao homem uma escada de glórias, entrega uma escada de renúncias, e renúncia, aqui, não é empobrecimento, é depuração.

Por isso, quando trato dos véus e de suas aberturas, reconheço no Past Master uma espécie de segundo movimento, no qual a consciência é conduzida a renunciar ao poder como fetiche, e a compreender a cadeira como exercício de humildade e responsabilidade, porque nenhuma autoridade que valha a pena se sustenta somente em sinais externos, e nenhum governo permanece se não nascer de dentro, e ao fim o Grau devolve ao homem uma medida antiga, a de que o maior governo é aquele que se exerce sobre si, e a partir dessa medida o olhar do Mestre se transforma.

Ele passa a enxergar o Venerável Mestre de sua Loja com respeito mais maduro, não por devoção pessoal, mas por entendimento da carga, e entende que governar homens não é comandar, é servir, e que servir, na linguagem da Maçonaria, é uma forma de trabalho interior que não solicita anúncio, solicita coerência, e quando essa coerência começa a ser buscada, ainda que imperfeitamente, o caminho do Real Arco deixa de parecer uma sequência e passa a se tornar uma travessia.

E é nesse ponto que faço questão de trazer para este livro a lembrança constante do Irmão **João Guilherme da Cruz Ribeiro**, porque em sua obra *O Nosso Lado da Escada*, ele toca exatamente nesse espírito do Capítulo, essa percepção de que os Graus capitulares não são ornamentos, mas degraus internos, degraus que mexem com o caráter e com a estrutura moral do homem, e que por isso não podem ser vividos com pressa ou com superficialidade.

E eu faço questão de citá-lo não somente por respeito, mas porque sua voz, no Real Arco brasileiro, se tornou uma referência clara para quem deseja enxergar o sistema como caminho e não como burocracia.

Depois do Past Master vem o Mui Excelente Mestre, e aqui o clima muda, porque o Past Master é introspectivo e pesado, enquanto o Mui Excelente Mestre é luminoso e ao mesmo tempo melancólico.

O Nosso Lado da Escada

João Guilherme



João Guilherme

O Nosso Lado da Escada

1

Eu o descrevi no meu livro como um marco de passagem entre o labor visível e a edificação invisível, porque depois do Past Master a consciência já não se ocupa somente do peso do Trono de Salomão, e começa a encarar algo ainda mais delicado, a forma como o homem reage quando a Obra se encerra e o ruído do esforço se cala, e nesse sentido o Mui Excelente Mestre sucede ao Past Master como o arco sucede às colunas, não por superioridade, mas por mudança de atmosfera, pois o que antes era disciplina e governo interior diante da responsabilidade agora se torna contemplação, e não contemplação como fuga, mas como lucidez diante do término, como se o iniciado fosse conduzido para um campo mais refinado onde a pedra não é somente talhada, mas se torna imagem da própria consciência, e onde aquilo que se ergue por fora passa a revelar o que ainda falta sustentar por dentro.

O Grau narra a conclusão do Templo de Salomão, a colocação da Pedra Chave e o depósito dos tesouros no lugar mais resguardado, e é importante dizer isso com rigor, porque o enredo histórico simbólico está ali e não precisa ser ornamentado, mas ao mesmo tempo, quando observado com olhos iniciáticos, esse relato se converte numa parábola sóbria sobre o fim das obras humanas, sobre o instante em que a meta alcançada deixa de ser horizonte e vira passado, e sobre aquilo que permanece quando o entusiasmo da construção se esgota.

Concluir uma Obra não significa vencer no sentido comum do mundo, já que toda Obra concluída carrega um vazio inevitável, e esse vazio não é fracasso, é revelação, é o momento em que o homem percebe que viveu por anos alimentado pela promessa do próximo degrau e, ao chegar, descobre que o fim não entrega a plenitude imaginada, ele entrega silêncio, entrega uma espécie de espaço interno que assusta quem depende do movimento para não se ouvir, e é por isso que tantos Mestres confundem essa sensação com desânimo, quando na verdade ela pode ser uma das lições mais profundas do Capítulo, a lição de permanecer inteiro sem precisar transformar o próximo passo em fuga, compreendendo que a Obra não é somente aquilo que se constrói fora, mas aquilo que se sustenta dentro quando já não há andaimes.

Foi por isso que, em Os Véus da Sabedoria, eu recorri àquela observação atribuída a Pike, de que os rituais são como um véu e ocultam tanto quanto revelam, porque o Mui Excelente Mestre tem essa natureza, ele parece simples, quase direto, e sua brevidade pode enganar o Companheiro se ele esperar que profundidade sempre venha acompanhada de longa duração, quando muitas vezes a profundidade chega concentrada, como um golpe preciso, e a simplicidade, aqui, é o próprio véu, pois por trás dela se encontra a pergunta que poucos querem sustentar, o que faço com minha vida interior quando não há mais nada para terminar, quando não há mais corrida, quando o triunfo se cala e a alma fica diante de si, sem distrações dignas.

Se o Past Master é a lição da renúncia ao poder como fascínio, e o Mui Excelente Mestre é a lição da contemplação do término como verdade, então o Maçom do Real Arco se oferece como a lição da revelação, mas não uma revelação teatral, e sim interior, porque o Real Arco ensina que o homem acredita buscar recuperar algo perdido, e descobre, com espanto discreto, que o que estava perdido não era um objeto, era uma Presença esquecida, e quando escrevi sobre a Sarça Ardente procurei dizer exatamente isso, que a busca mais séria não é por uma coisa extraviada, mas por uma Presença deixada para trás no próprio homem, não por maldade, mas por distração, por excesso de mundo, por acúmulo de ruídos, de forma que o Real Arco, em sua essência, não é um Grau de curiosidade, é um Grau de retorno, retorno ao Nome, retorno à origem, retorno ao chamado que arde sem se consumir, retorno a uma claridade que ilumina sem destruir, e se eu traduzisse isso em linguagem mais simples, eu diria que ali o Mestre deixa de ser alguém que aprendeu símbolos e é alguém que começou a ouvir o silêncio por trás dos símbolos, e esse deslocamento muda tudo, porque muda o lugar de onde ele vive, trabalha e governa si.

Quando reuni essas ideias em Os Véus da Sabedoria, procurei deixar claro que o Real Arco não deve ser visto como coleção de Graus, mas como câmaras de escuta, e que cada véu retirado corresponde a uma casca que se desfaz, a uma morte de um velho eu, não no sentido dramático, mas no sentido pedagógico, como método da alma.

O Capítulo não deve ser buscado como vitrine, e sim como depuração, e aqui volto ao Irmão João Guilherme da Cruz Ribeiro, porque ele expressou com rara precisão essa diferença de espírito, essa alegria que não é bagunça, mas leveza iniciática, como se o Real Arco lembrasse ao Mestre que a Maçonaria, além de disciplina e pedra pesada, também é reencontro, esperança e renovação, e quando ele diz que: **o Real Arco é alegria**, isso não é superficial, porque não se trata da alegria de quem esqueceu o mundo, e sim da alegria de quem encontrou sentido apesar do mundo, como quem volta de uma travessia e percebe que a vida, mesmo exigente, pode ser habitada com clareza.

Assim, meus Irmãos, quando reúno Past Master, Mui Excelente Mestre e Maçom do Real Arco em um bloco de reflexão, eu não pretendo apressar o caminho nem reduzir a dignidade de cada etapa, eu pretendo somente mostrar que esses três passos são como três golpes de cinzel na mesma pedra, o primeiro golpe quebra a vaidade do poder, o segundo golpe quebra a ilusão de que o término trará plenitude, o terceiro golpe quebra a cegueira do homem que procura fora o que só pode ser encontrado dentro, e é por isso que afirmo com serenidade que, depois do Mestre de Marca, o Capítulo começa de verdade, porque o Mestre de Marca ensina o homem a assinar sua Obra.

O Real Arco é uma travessia verdadeira, vivida sem pressa e com consciência.

Preciso de Madeiras
e do Melhor Arquiteto



Envie também
Talhadores de Pedra

Envio Cedros do Líbano
O Arquiteto Hiram Abiff
e Talhadores de Gebal



Vamos Construir
o Templo do Senhor



Hiram Abiff
e as Colunas?



Serão de Bronze
Jakin e Boaz





A MAÇONARIA CRÍPTICA

Quando comecei a escrever o livro **“Os Graus Crípticos - O Arco Secreto e A Câmara do Silêncio”**, percebi haver uma lacuna silenciosa no coração do Rito de York no Brasil, não uma lacuna ritualística, porque os graus estão aí, belos, completos, bem conferidos e bem administrados, mas uma lacuna de compreensão interior, aquela ausência de linguagem que impede o Irmão de enxergar o que está realmente acontecendo quando ele desce as escadas do Conselho e entra no mundo subterrâneo da Cripta.

Por isso, este capítulo do meu novo livro precisa existir, porque ele não será somente um texto explicativo, mas um convite para viver a Maçonaria Críptica como ela merece ser vivida, com profundidade, com reverência, com seriedade e ao mesmo tempo com aquela alegria interior que não se confunde com informalidade, mas com liberdade de espírito.

E aqui preciso dizer desde o início que tudo o que vou tratar agora está fundamentado diretamente no meu livro **Os Graus Crípticos, O Arco Secreto e a Câmara do Silêncio**, especialmente no seu prefácio, introdução e nas seções históricas que tratam da origem dos graus e da estrutura do sistema.

Seria impossível começar de outra forma, porque o prefácio escrito pelo **Irmão Kenngo Ismail** é mais do que um elogio, é uma chave de leitura.

Uma abertura de trabalhos, ao descrever com precisão o espírito desse corpo, ao afirmar que a Maçonaria Críptica é quase um rito próprio dentro de outro rito, com alegorias únicas, simbologia profunda, e com esse paradoxo que nos marca para sempre, o de que se sobe descendo e se encontra luz na escuridão.

E é justamente aqui que a Críptica começa a se diferenciar de tudo aquilo que o Mestre Maçom aprendeu até então, porque o mundo maçônico, mesmo quando se torna elevado, costuma manter a lógica do progresso ascendente, sempre para cima, sempre avançando, sempre buscando mais luz em lugares mais altos.

No Conselho Críptico, porém, o movimento é outro.

O iniciado não é conduzido para uma montanha, ele é conduzido para uma descida.

Não se trata de um teatro subterrâneo, nem de uma estética medieval, nem de um gosto romântico por cavernas e criptas. Trata-se de uma pedagogia espiritual.

A Críptica ensina que há verdades que não podem ser aprendidas em ambientes barulhentos, e que certos tesouros somente sobrevivem quando são guardados longe dos olhos e longe da vaidade.

Escrevi isso com plena consciência de que, no mundo atual, onde tudo precisa ser mostrado, publicado, fotografado e exibido, o conceito de segredo parece antiquado, mas no fundo é o segredo que preserva o que é sagrado, e isso não é superstição, é experiência humana.

Por isso, antes de falar de cada grau, eu preciso apresentar ao leitor o que é a Maçonaria Críptica toda, porque ela não pode ser vista como um conjunto de três cerimônias soltas, recebidas por obrigação administrativa entre um Capítulo e uma Comanderia.

Ela é uma ponte narrativa e espiritual.

Sem a **Maçonaria Críptica**, o Real Arco ainda seria belo, mas sua história ficaria incompleta, como um livro onde o autor narra o desaparecimento de um tesouro e depois descreve sua descoberta sem explicar como ele foi preservado ao longo do tempo.

A Palavra não se perdeu absolutamente, ela foi velada, escondida, protegida e depositada, aguardando o tempo indicado para ressurgir. **Esse é o coração do sistema Cíptico!**



A própria palavra Críptica vem do grego *kryptós*, que significa oculto.

A **Maçonaria Críptica** é a essência do que está velado, do que está abaixo da superfície, do que não se revela por discursos fáceis, e isso explica por que ela sempre parece misteriosa mesmo quando seus símbolos são descritos em livros e manuais.

O mistério aqui não está na falta de informação, mas na profundidade da experiência.

Há graus que se entendem lendo, e há graus que se entendem vivendo. A Críptica pertence ao segundo grupo.

É aqui também que entra uma das principais chaves filosóficas desses graus, o princípio de que o homem carrega em si um espaço invisível, feito de lembranças, dores, promessas e segredos, e que esse espaço precisa ser protegido.

A Cripta não é somente uma alegoria do Templo de Salomão, ela é um espelho do interior humano.

E quando o ritual nos conduz para baixo, ele está dizendo que o verdadeiro depósito do sagrado não é um cofre de pedra, mas a consciência.

Essa visão aparece logo na introdução do meu livro, quando afirmo que toda iniciação é uma descida, não para afastar-se da luz, mas para retornar à sua origem, porque no subterrâneo repousa a semente que germinará no tempo certo.

Agora, para compreender isso em profundidade, é necessário tocar na origem histórica desses graus, porque não se trata de uma fantasia moderna.

A Maçonaria Críptica nasce de um processo longo, onde a tradição europeia deixou sementes e a América as transformou em corpo organizado.

Explico no meu livro que, antes de aparecerem nos Estados Unidos no início do século XIX, os elementos crípticos já estavam latentes no imaginário maçônico europeu, pois na Inglaterra já insinuava câmaras ocultas e depósitos subterrâneos, e os altos graus franceses, que mais tarde se consolidariam no REAA, já falavam explicitamente de criptas e segredos sob o Templo.

A Críptica não foi inventada do nada, ela foi gestada como uma necessidade narrativa e simbólica.

Mas foi na América que ela ganhou forma institucional.

Os graus crípticos são um produto típico do espírito americano, não porque sejam superficiais, mas porque são livres.

A Maçonaria americana tem essa característica de organizar o que na Europa ficou disperso, e de dar corpo administrativo ao que antes era somente lenda e ritual.

O primeiro registro seguro do Grau de Mestre Real nos Estados Unidos aparece em 1810, quando Thomas Lowndes fundou o Columbian Grand Council n.º 1.

Paralelamente, em Baltimore, circulava o Grau de Mestre Escolhido desde o final do século XVIII.

E então surge Jeremy Cross, que foi uma espécie de missionário ritualístico, e por isso mesmo a Maçonaria Críptica americana apresenta variações, porque ela foi ensinada por um homem em movimento.

Esse movimento culmina na formação do primeiro Grande Conselho em Connecticut em 1819, e mais tarde, em 1880, nasce o **General Grand Council of Cryptic Masons International**, que permanece até hoje como a autoridade internacional do sistema.

Esse ponto é importante porque mostra que a Críptica é um corpo sólido, reconhecido, estruturado e com legitimidade histórica.

Quando passo então para a realidade brasileira, eu faço questão de narrar como a Críptica chega ao nosso país, porque essa história não é distante, ela ainda está viva, ainda é recente, ainda tem rosto, nome e memória.

O Real Arco abriu o caminho no final da década de 1980, e que, em 2000, em Lisboa, uma cerimônia conjunta envolvendo o Grande Conselho de Portugal e o Grand Council of New Jersey conferiu os graus para irmãos brasileiros, dando origem ao Conselho Luz do Atlântico Sul n.º 1.

Esse é o ato fundador, e depois vieram os desdobramentos, culminando em 2004 na instalação do **Grande Conselho do Brasil**, e em 2006 recebeu a carta constitutiva emitida pelo General Grand Council americano; essa sequência não é somente burocrática, ela é simbólica, porque mostra que a Cripta foi cavada com esforço, diplomacia e perseverança, e que a tradição não nasce pronta, ela é construída.

E é impossível falar dessa história sem mencionar nomes que eu mesmo faço questão de registrar, porque a **Maçonaria Críptica Brasileira** tem seus pioneiros e suas colunas silenciosas.

Entre eles, eu cito com carinho e respeito o Irmão **João Guilherme da Cruz Ribeiro**, que aparece na narrativa como parte da comitiva fundadora.

O nome dele não pode ser tratado como detalhe, porque ele representa uma geração que abriu caminho, atravessou fronteiras, sentou-se em assembleias internacionais e trouxe para o Brasil aquilo que hoje muitos recebem como algo natural.

Agora, tendo compreendido o corpo todo, é hora de falar dos três graus, e aqui preciso ser cuidadoso, porque o leitor deve entender que os graus Crípticos são como três movimentos de uma mesma sinfonia.

O Mestre Real prepara a mente.

O Mestre Escolhido ensina a guardar.

O Super Excelente Mestre ensina a resistir.

E juntos, eles formam uma pedagogia do silêncio e da fidelidade.

O **Mestre Real** ensina que a morte não é fim, mas passagem, o **Mestre Escolhido** recorda que a fidelidade é maior que o medo, e o **Super Excelente Mestre** mostra que a esperança deve resistir mesmo quando os muros caem.

O primeiro grau, o **Mestre Real**, é um dos graus mais belos de toda a Maçonaria porque ele coloca o iniciado diante de um cenário liminar, o Templo está pronto, mas ainda não dedicado.



Isso é mais profundo do que parece, porque o Templo, concluído, mas vazio da Presença, é uma imagem perfeita do homem moderno, que constrói muito, realiza muito, organiza muito, mas frequentemente não consagra nada.

Ele tem vida social, carreira, conquistas e posição, mas não tem interioridade.

O **Mestre Real** coloca o iniciado diante do Santo dos Santos como símbolo de perfeição geométrica e equilíbrio, e lembra que a verdadeira obra não é o edifício, mas a dedicação.

É por isso que escrevo que não basta erguer obras exteriores, se o coração não for dedicado como lugar vivo, toda construção permanece incompleta.

O **Mestre Real** é um grau que nos ensina a diferença entre construir e consagrar.

Esse grau também toca no tema da morte de maneira profunda, porque ele prepara o espírito para entender que a morte não é um mero episódio dramático, mas uma chave filosófica.

O **Mestre Real** mostra as preocupações reais com o futuro e a conclusão do templo que todo arquiteto enfrenta e que Hiram Abiff também enfrentou ao iniciar a construção do Templo.

Isso é uma lição de maturidade espiritual, pois o homem sábio não vive como se fosse eterno, mas trabalha como se fosse responsável pelo tempo recebido.

A segunda parte do Mestre Real mostra o triângulo quebrado e a Palavra perdida.

Não existe obra perfeita quando há uma ausência fundamental.

E isso se aplica diretamente à vida, pois quantas vezes tentamos construir um destino inteiro com uma parte faltando, tentando compensar com esforço aquilo que somente a harmonia poderia oferecer.

O triângulo quebrado é o retrato da fragilidade humana.

O Grau de **Mestre Escolhido**, é talvez o mais importante em termos iniciáticos, porque ele é o grau onde o “*tesouro*” é depositado.

Ele não é o grau da revelação, ele é o grau da prudência.

Aqui se apresenta a Cripta Secreta sob o Templo, com seus nove arcos, e o iniciado percebe que a sabedoria não se protege com discursos, mas com silêncio.

Esse silêncio não é covardia, é estratégia espiritual.

O Mestre Escolhido ensina que existem coisas que não devem ser entregues ao mundo antes do tempo, porque a pressa destrói o que deveria amadurecer.

A Cripta é mais do que um espaço físico, ela é a própria alma do iniciado, onde a Palavra deve ser guardada até que venha o tempo da revelação.

Vivemos num tempo em que tudo é imediato, onde o homem acha que tudo deve ser compartilhado, revelado, comentado e exibido.

O Mestre Escolhido vai na direção contrária e diz que a maturidade começa quando aprendemos a guardar o essencial, não por egoísmo, mas por respeito, por haver segredos que não são para esconder dos outros, mas para serem protegidos de nós mesmos, porque nossa própria vaidade pode corromper aquilo que ainda não está pronto.

A Críptica ensina que nem toda luz deve ser exposta. Algumas luzes precisam ser preservadas na câmara interior para que não se apaguem.

O terceiro grau, o **Super Excelente Mestre**, é um dos graus mais dramáticos e impressionantes, e eu digo isso com toda convicção.

Ele se passa séculos depois, no tempo da destruição do Templo e do exílio. É

Um grau que fala de ruína, mas não como derrota final, e sim como consequência moral.

O texto bíblico que serve de base mostra o rei Zedequias ignorando Jeremias, e a tragédia acontece.

Jerusalém cai, Nabucodonosor destrói o Templo, e o povo é levado.

Essa narrativa não é somente história, ela é uma advertência.

O Super Excelente Mestre sugere que não basta conduzir uma obra até que ela exista no mundo, porque a obra, quando separada da fidelidade, pode se tornar somente uma forma vazia, e é por isso que se exige uma lealdade constante não somente ao que se constrói, mas também às pessoas que sustentam a construção com seu tempo, sua confiança e seu silêncio, e sobretudo às **promessas feitas a Deus e diante de Deus**, pois nelas a palavra deixa de ser impulso e passa a ser vínculo, e é nesse vínculo, mantido quando a conveniência muda e quando o entusiasmo se apaga, que a obra revela se nasceu do dever ou somente do desejo.





Não basta ter um lugar sagrado, é preciso merecê-lo.

E mais do que isso, ele ensina que mesmo quando tudo desmorona, aquilo guardado na Cripta pode sobreviver.

A destruição externa não é necessariamente a destruição interna.

Esse grau me toca profundamente porque ele conversa com o nosso tempo.

Quantos homens hoje constroem suas vidas como templos externos e, de repente, perdem tudo.

Perdem o emprego, perdem o casamento, perdem a saúde, perdem a reputação, perdem a segurança. E então se perguntam quem são.

O Super Excelente Mestre responde que o homem é aquilo que ele guardou no subterrâneo da própria alma.

Se ele guardou virtude, caráter, fidelidade e verdade, ele sobrevive. Se ele guardou somente aparência, ele cai com as paredes.

É um grau que ensina resiliência espiritual, e isso é uma linguagem extremamente atual.

Quando olho para esses três graus juntos, eu vejo uma trilogia que forma um mapa completo da vida interior.

Primeiro, o homem aprende que a vida é breve e a obra precisa ser consagrada.

Depois, ele aprende que o segredo precisa ser guardado e depositado.

Por fim, ele aprende que tudo pode cair, mas aquilo que foi bem depositado permanece.

E aqui está a beleza suprema do sistema, a Críptica ensina esperança sem ingenuidade.

Ela ensina que a luz não é garantida, ela é conquistada e preservada.

E se ela desaparece, não significa que pereceu, significa que foi escondida até que o tempo de revelação retorne.

É por isso que, quando escrevi no meu livro que a América se tornou guardião dos segredos velados do Templo de Salomão, eu não estava fazendo patriotismo ritualístico, eu estava descrevendo um fato histórico e simbólico ao mesmo tempo.

Foi na América do Norte que os graus se consolidaram. que os Conselhos ganharam forma e a Maçonaria Críptica se tornou um corpo indispensável dos Graus Superiores do Rito de York.

O Conselho Críptico não é um degrau burocrático entre Capítulo e Comanderia, ele é uma descida necessária.

E toda descida, quando verdadeira, não nos reduz, mas nos aprofunda.

Há Irmãos que entram no conselho esperando mais um grau, mais um diploma, mais um avental , e saem de lá com algo que não se compra, não se exhibe e não se descreve totalmente, saem com a sensação de terem tocado o silêncio do mundo, e de terem ouvido dentro dele uma Palavra que não se pronuncia com os lábios, mas com a consciência.

A Maçonaria Críptica é a arte de preservar o que é eterno quando o mundo exterior se torna instável;

Essa é a grande lição que o nosso tempo mais precisa aprender:
Guardar e Preservar o que é sagrado para que no futuro nossos Irmãos vivam em igual intensidade o que hoje vivemos!

FÉ E FOGO



A CAVALARIA

Quando escrevi o livro: *“As Ordens de Cavalaria, A Luz da Fé e o Fogo da Espada”*, eu tinha plena consciência de que estava lidando com um dos territórios mais delicados de toda a tradição maçônica, porque a Cavalaria, no Rito de York, não é somente um conjunto de cerimônias que encerram uma sequência de graus, mas um campo inteiro de símbolos, memórias históricas e aspirações espirituais que, se não forem compreendidas com maturidade, facilmente se tornam caricatura, ou então se reduzem a uma nostalgia superficial de cruzadas e espadas.

A Cavalaria, no entanto, não é nostalgia, ela é disciplina interior; ela não é uma fantasia medieval reencenada por homens modernos, mas uma tentativa ritualística de preservar, em linguagem simbólica, uma das ideias mais altas que a civilização ocidental produziu, a ideia de que a fé não deve permanecer como pensamento abstrato, mas deve tornar-se obra, dever e serviço, sustentado por coragem moral e por fidelidade.

E é por isso que eu sempre afirmo que o Irmão que chega à Comanderia não chega para aprender somente mais algumas palavras ou receber mais um conjunto de ornamentos, mas chega para ser colocado diante de uma pergunta final, e essa pergunta é mais séria do que todas as anteriores.

Agora não se trata mais de construir o lugar sagrado, nem de reencontrar a Palavra, nem de guardar o depósito na Cripta, mas de **viver a vida inteira como se ela fosse um juramento.**

A Cavalaria é a Maçonaria do compromisso total, e por isso mesmo ela carrega um peso simbólico que muitos Irmãos somente compreendem depois, quando já receberam as Ordens e percebem que aquilo que parecia um encerramento é, na verdade, um início mais exigente.

Historicamente, a Cavalaria nasce no cruzamento entre o colapso do mundo romano e o surgimento de uma nova ordem social europeia, onde a força bruta dos guerreiros precisou ser domesticada por códigos, por juramentos e por um ideal de honra.

A figura do cavaleiro medieval não surge como personagem romântica, mas como necessidade política e social, porque a Europa fragmentada precisava de homens capazes de defender estradas, castelos, feudos e rotas de peregrinação.

No entanto, o cavaleiro que se torna símbolo não é somente aquele que luta, mas aquele que aceita ser disciplinado.

E é nesse ponto que nasce o ideal cavaleiresco, pois a espada, sem freio moral, é somente violência, mas a espada submetida a um código se transforma em instrumento de proteção.

Esse é o embrião do espírito templário, e também o embrião do espírito cavaleiresco que a Maçonaria preservou, não como instituição histórica, mas como linguagem iniciática.

Quando as Cruzadas se iniciaram e o mundo cristão voltou seus olhos para Jerusalém, nasceu um fenômeno extraordinário, ordens militares que combinavam o monasticismo com a guerra, algo que parece paradoxal aos olhos modernos, mas que naquele tempo fazia sentido, porque a peregrinação era risco, o caminho era morte, e a fé precisava de guardiões.

Nesse contexto surgem os Cavaleiros Hospitalários, mais tarde conhecidos como Cavaleiros de São João e, posteriormente, Cavaleiros de Malta, e surgem também os Pobres Cavaleiros do Templo de Salomão, os Templários. A ordem foi fundada em 1119 por Hugues de Payens e seus companheiros, reconhecidos oficialmente em 1129 no Concílio de Troyes.

O ideal templário não era somente combater, mas proteger. E proteger não somente com armas, mas com disciplina espiritual.

O Templário era um homem que fazia votos, renunciava ao mundo comum e aceitava ser moldado por regras severas, porque entendia que a força sem obediência não é virtude, mas ameaça.

A Ordem Templária nasce simples e necessária, nasce do caminho e do risco, quando proteger o peregrino significava proteger a própria possibilidade de atravessar o mundo com fé e com vida, e por isso sua primeira vocação é direta, guardar a estrada, conter a violência, garantir que a travessia chegue ao lugar sagrado sem ser interrompida pela rapina e pelo medo.

Com o tempo, a eficiência atrai apoio, e o apoio atrai doações, terras, privilégios, e aquilo que era somente serviço vai se tornando instituição, com regras, disciplina, logística e contas, e nessa passagem a Ordem aprende a administrar bens porque os bens lhe são confiados, e aprende a guardar valores porque a confiança, quando se torna hábito, solicita estruturas seguras.

Então surge o outro rosto do crescimento, a riqueza que desperta cobiça, o poder que desperta suspeita, e a fama de guardar segredos e tesouros, mesmo quando exagerada, começa a circular como mito útil para quem deseja justificar o ataque, e as acusações aparecem do jeito que quase sempre aparecem na história, menos por verdade e mais por interesse, menos por justiça e mais por vaidade e inveja.

Porque aquilo que é justo e íntegro expõe, por contraste, a fragilidade do que é corrompido, e dessa exposição nasce uma hostilidade que não busca somente superar, mas silenciar aquilo que revela.

O Templário histórico não era um aventureiro, nem um herói solitário, mas um homem de ordem, e ordem aqui não significa rigidez vazia, mas coerência de vida.

O que a tradição templária inspira, e o que a Maçonaria tenta preservar em seus rituais, é a ideia de que a fé deve governar o caráter e o caráter deve governar a ação.

A espada, portanto, é símbolo da vontade dirigida, da coragem disciplinada e da firmeza moral.

E quando a Ordem do Templo é destruída no início do século XIV, com a perseguição conduzida por Filipe IV da França e o fim decretado pelo papado em 1312, e quando Jacques de Molay morre em 1314, queimado em Paris, a história se transforma em mito.

O que se encerra como instituição nasce como símbolo.

O Templário, a partir daí, representa não somente uma ordem militar extinta, mas uma imagem eterna do homem fiel que não se curva ao poder injusto.

E é justamente esse ponto que a Maçonaria recupera, pois, para a mente iniciática, a morte de Jacques de Molay não é somente um fato histórico, mas uma alegoria do sacrifício final em nome de uma verdade interior.



Nesse momento, entra uma dimensão que muitos Irmãos ignoram, a Cavalaria não se sustenta somente em cruzadas e batalhas, mas em uma sucessão de lendas que atravessaram séculos e deram origem a tradições cavaleirescas paralelas, algumas delas mais históricas, outras mais simbólicas, mas todas carregadas de força iniciática.

A Escócia, por exemplo, tornou-se um solo fértil para a ideia de sobrevivência templária, e mesmo que o historiador moderno trate isso com cautela, o simbolista compreende que o que importa não é somente o fato bruto, mas a permanência do arquétipo.

O arquétipo do Cavaleiro fiel, que preserva um segredo, resiste ao colapso do mundo e se mantém em silêncio, é um arquétipo que se encaixa perfeitamente na pedagogia maçônica.

É nesse contexto que as Ordens de Cavalaria do York devem ser lidas, como uma ponte entre história e símbolo, entre o que ocorreu no tempo e o que ocorre no homem.

A Comanderia é, ao mesmo tempo, uma herança cristã e uma escola de caráter.

Ela não tenta substituir a religião, mas utiliza o imaginário cristão como linguagem de virtudes universais.

O Maçom que entra na Comandaria não entra para discutir dogmas, mas para ser confrontado com valores. Fé, esperança e caridade deixam de ser palavras e tornam-se exigências.

A primeira dessas ordens, a **Ordem da Cruz Vermelha**, é talvez a mais surpreendente, porque ela não começa na Idade Média e nem no drama templário, mas retorna ao Antigo Testamento e coloca o iniciado diante de **Zorobabel**, diante do retorno do exílio e da reconstrução do Segundo Templo.

O símbolo aqui é poderoso, porque antes de qualquer espada e antes de qualquer cruzada existe uma reconstrução, e reconstruir é sempre mais difícil do que destruir.

A **Cruz Vermelha**, portanto, é uma Ordem de retorno, de restauração e de coragem moral. Ela ensina que o verdadeiro cavaleiro não é aquele que combate por vaidade, mas aquele que se dispõe a restaurar o que foi quebrado.

O grande núcleo simbólico dessa Ordem está na célebre disputa sobre qual é a força mais poderosa do mundo: o vinho, os reis, as mulheres e a Verdade.

Essa passagem, que poderia ser lida como uma simples narrativa antiga, na verdade é um espelho psicológico perfeito, pois ela revela as quatro forças que governam a maioria dos homens.

O prazer que embriaga, o poder que domina, a sedução que cativa e, acima de tudo, a Verdade que permanece.

A conclusão de Zorobabel é uma das declarações mais iniciáticas de toda a Cavalaria do York, porque ela coloca o Irmão diante de um princípio absoluto no sentido moral, não no sentido dogmático.

A Cruz Vermelha, portanto, é o primeiro juramento interior.

Em seguida, quando avançamos para a **Ordem de Malta**, entramos em outro território.

Aqui o Irmão deixa de olhar para a reconstrução de Jerusalém e olha para a tradição hospitalária, para a compaixão organizada, para o serviço como expressão suprema de força.

Malta não é a Ordem da conquista, mas da assistência.

É a Ordem que recorda que o cavaleiro não deve existir para ser temido, mas para ser necessário.

O Hospitalário é o cavaleiro que cura, que protege os doentes, que acolhe peregrinos, que sustenta o fraco e, se necessário, combate para defender o indefeso.

O símbolo da cruz de oito pontas, tão presente na tradição maltesa, é uma síntese belíssima de virtudes, ao apontar para a ideia de que o cavaleiro deve ser completo.

Não basta ser corajoso se for arrogante. Não basta ser forte se for cruel. Não basta ser disciplinado se for insensível. Malta ensina o equilíbrio.

É por isso que muitos Irmãos, quando recebem essa Ordem, sentem algo raro, a sensação de que a Maçonaria, naquele momento, não está solicitando mais conhecimento, mas solicitando mudança de postura.

E então chegamos ao ponto culminante, a **Ordem do Templo**, o grau que muitos chamam simplesmente de KT, e que no York representa a consagração cavaleiresca propriamente dita.

Aqui o ritual abandona qualquer ambiguidade e coloca o iniciado diante de um compromisso explícito, pois a Ordem do Templo não se sustenta em símbolos vagos, mas em **votos**.

A tradição templária, mesmo que não seja reproduzida historicamente em todos os seus detalhes, é retomada como linguagem moral, e o Irmão é conduzido a compreender que ser Cavaleiro Templário é aceitar viver com disciplina, fé e integridade.

O Beauceant, a famosa bandeira templária, assume aqui uma força que ultrapassa a história.

Ele representa a dualidade do mundo, luz e sombra, bem e mal, e também representa a exigência de não recuar.

Não recuar diante do medo, da covardia moral, da tentação de negociar valores por conveniência.

A Ordem do Templo ensina que o verdadeiro combate é interior, e que o cavaleiro mais perigoso não é aquele que mata inimigos, mas aquele que derrota o próprio ego.

Em **Ilustre Herança**, o Irmão João Guilherme da Cruz Ribeiro oferece uma leitura que não tenta competir com a história, e sim dialogar com ela, como quem entende que, para além das datas e das polêmicas, existe uma continuidade de espírito que atravessa séculos e chega até nós solicitando interpretação, e é nesse terreno que ele introduz os Sábios Cavaleiros de Cristo, não como Grau antigo recuperado de alguma fonte esquecida, mas como um Grau novo.



Ilustre Herança

O país que nasceu Templário

João Guilherme



O Grau foi criado por ele para explicar e organizar, em linguagem simbólica, a herança templária brasileira que muitos Irmãos sentem na pele e no imaginário, mas nem sempre conseguem enunciar com clareza, e essa honestidade de origem torna a proposta mais lúcida, porque deixa evidente que se trata de uma chave de leitura, não de um argumento de autoridade.

Ao desenvolver esse Grau, João Guilherme aponta para uma ideia essencial, a de que a Cavalaria, quando bem compreendida, não se destina a fabricar guerreiros no sentido comum do mundo, e sim a educar homens para uma forma superior de coragem, uma coragem que nasce da fé vivida, da disciplina interior, da renúncia silenciosa e da retidão moral, e por isso ele escolhe a palavra sábios, porque a sabedoria, ali, não é enfeite intelectual, é resultado de uma vida submetida a princípios, é a capacidade de manter o rumo quando a vaidade oferece atalhos e quando o ambiente convida a negociar a consciência.

O Livro **Ilustre Herança** funciona como um mapa interpretativo da nossa herança templária no Brasil, lembrando que ela deve ser vivida como responsabilidade, com a espada lida como retidão e a capa como serviço, para a Cavalaria deixar de ser cenário e se torne ética cotidiana, dentro e fora da Ordem, onde o Irmão percebe que o combate mais decisivo quase sempre acontece no governo de si.

O Cavaleiro de Cristo, nesse sentido, não é um homem que vive preso ao passado medieval, mas um homem que compreendeu que a vida moderna ainda precisa de cavaleiros, não com espadas físicas, mas com espadas éticas. A espada que corta a mentira. A espada que separa o justo do conveniente. A espada que protege a dignidade.

O Capítulo ensina a Construir.

O Conselho ensina a Guardar.

A Comanderia ensina a Servir.

E João Guilherme, com sua linguagem clara, reforça que essa escada não é um conjunto de títulos, mas uma transformação gradual do homem.

Essa é a Ilustre Herança, não a herança de roupas e insígnias, mas a herança de caráter.

A Cavalaria, portanto, não é um adorno do Rito de York, mas seu julgamento final.

Quando o maçom chega ao KT, ele já não pode mais fingir que está buscando conhecimento, e ele precisa aceitar que está sendo chamado a viver aquilo que aprendeu, e se não houver disposição, ele até pode vestir o manto, mas não terá recebido a Ordem em sua essência.



E é por isso que, quando escrevi meu livro sobre as Ordens de Cavalaria, eu quis deixar claro que o verdadeiro Cavaleiro não é aquele que se emociona com a história templária, mas aquele que se compromete com uma vida mais reta.

A história inspira, mas não salva.

O símbolo ensina, mas não substitui o esforço.

O ritual abre portas, mas quem atravessa é o homem.

A Cruz Vermelha ensina a Verdade. Malta ensina o serviço. O Templo ensina a fidelidade até o fim.

Os Sábios Cavaleiros de Cristo reúnem em uma vida comum as lições essenciais da Cavalaria, sustentando uma chama interior que nasce da consciência e não do aplauso, e assim a tradição deixa de ser somente estudo para se tornar guarda viva de valores, fazendo da Comanderia uma escola de destino onde a fé se prova não pelo que se diz, mas pelo que se sustenta.

Meu irmão, veja a imagem a seguir:

A imagem retrata uma travessia pelo deserto que se interrompe diante de um poço simples, onde a sede é saciada e o viajante repousa como quem decide permanecer no alívio do essencial, tomando aquela água por fim do caminho.

Além da grande duna que separa o visível do oculto, aparece um oásis exuberante com lago sereno, palmeiras, frutos, flores e convivência, sugerindo uma plenitude que só se revela a quem aceita subir e atravessar o limite.

Nessa leitura, o poço evoca a chegada ao Grau de Mestre, suficiente para sustentar o Irmão, enquanto a duna figura o esforço de avançar e o oásis simboliza a ampliação oferecida pelos Altos Graus, não como conforto fácil, mas como horizonte mais fecundo e responsável, convidando a refletir se a água encontrada encerra a jornada ou se dá forças para prosseguir.



OS RISCOS DO MESTRE

Existe um instante silencioso, que raramente é discutido com honestidade, e que costuma marcar a vida do Mestre Maçom mais do que qualquer cerimônia posterior.

O primeiro risco do Mestre é a estagnação. Ela se instala como um conforto, como uma falsa estabilidade, e o Irmão sente que já chegou ao ponto necessário e vive de repetição.

Frequenta Sessões, ocupa cargos, cumpre rotinas, mas já não se deixa tocar.

Ele se transforma num homem funcional na Loja, mas começa interiormente a perder o impulso de construção.

E o mais perigoso é que a estagnação não se anuncia como fraqueza, ela se disfarça como maturidade, como prudência, como experiência.

O Mestre estagnado aprende a falar com segurança sobre símbolos que já não o ferem, e quando os símbolos deixam de ferir, deixam também de transformar.

O segundo risco é a vaidade, e essa é mais sutil do que muitos pensam, porque nem sempre se manifesta em ostentação.

Em muitos casos, ela surge como desejo de reconhecimento, como necessidade de ser lembrado, como expectativa de ocupar posições de destaque. A vaidade pode ser silenciosa e ainda assim dominar.

O Mestre começa a medir sua importância pelo número de cargos que ocupou, pelo número de graus que recebeu, pelo número de títulos que acumula e pela quantidade de vezes em que é consultado ou citado. E, quando isso acontece, ele começa a trocar a Obra pelo palco, sem perceber que o palco é uma forma elegante de vazio.

O que deveria ser construção interior se converte em construção de reputação, e o homem passa a trabalhar mais pela própria imagem do que pelo próprio caráter.

O terceiro risco é a política interna. Toda instituição humana, por mais elevada que seja sua linguagem, está sujeita a interesses, disputas, alianças e ressentimentos, e o Mestre que não compreende isso tende a reagir de dois modos igualmente perigosos. Alguns se tornam ingênuos e se deixam manipular, acreditando que tudo se resolve pela virtude, sem perceber que há ambição disfarçada de zelo.

Outros se tornam cínicos e enxergam em tudo uma conspiração, como se a Maçonaria fosse somente um jogo de poder.

Ambos se perdem. O primeiro se torna peça. O segundo se torna veneno. E é nesse ponto que o Mestre começa a confundir a Maçonaria com seus bastidores, esquecendo que a Obra é maior do que os homens que a administram.

O quarto risco é a amargura. Ela nasce quando o Mestre percebe que muitos Irmãos não correspondem ao ideal que ele imaginou, que a Loja nem sempre é harmonia, que há conflitos, que há injustiças, que há mediocridade, que há egoísmo, e que nem todos estão ali pela mesma razão. Esse choque, se não for bem elaborado, se transforma em ressentimento.

O Mestre começa a perder a esperança e fala com ironia, com dureza, com desprezo disfarçado de lucidez. Ele se torna um crítico constante, e o problema não é criticar, o problema é quando a crítica se torna identidade.

Nesse estágio, o Irmão já não constrói mais nada, ele somente aponta falhas, e acredita que apontar falhas o torna superior. A amargura dá ao homem uma sensação de inteligência, mas o deixa estéril.

O quinto risco é a acomodação, e esse talvez seja o mais comum. O Mestre percebe que a vida é pesada, que o mundo exige trabalho, que existem responsabilidades familiares e financeiras, e então começa a negociar consigo.

Ele diz que já fez o suficiente, que agora merece descanso, que já serviu o quanto podia. E de fato o homem precisa de equilíbrio, mas o perigo está quando esse equilíbrio vira desistência interior.

A acomodação não é simplesmente diminuir o ritmo, é desistir de crescer. É aceitar que a própria consciência não será mais lapidada. É transformar o caminho iniciático numa memória bonita, em vez de mantê-lo como disciplina viva.

O sexto risco é a perda de sentido. E essa perda é profundamente perigosa porque ela não se apresenta como um problema externo, mas como um vazio interno que ninguém vê.

O Mestre começa a perguntar, silenciosamente, para que tudo isso serve.

Ele percebe que já conhece as cerimônias, já viveu os cargos, já aprendeu os discursos, e então sente que está repetindo gestos sem encontrar mais alimento interior.

Alguns tentam resolver isso buscando mais graus, como se a quantidade pudesse compensar a ausência de profundidade, mas o que acontece é que o homem pode subir de degrau em degrau sem subir dentro de si, e então ele se torna uma espécie de arquivo ambulante, cheio de informações e vazio de presença.

E é justamente aqui que se manifesta o ponto mais delicado da jornada. Quando o Mestre sente o vazio, ele pode reagir de três maneiras. Ele pode fugir e abandonar. Ele pode se endurecer e virar um administrador frio. Ou ele pode compreender que o vazio é um convite. Porque a ausência não é uma punição, ela é uma prova.

O Mestre, ao receber ausência, é colocado diante de uma pergunta simples e brutal. Ele veio para ser reconhecido ou veio para construir? Ele veio para colecionar símbolos ou veio para ser transformado por eles. Ele veio para encontrar uma coroação ou veio para aprender a permanecer de pé sem precisar de aplauso.

É por isso que os caminhos filosóficos, quando compreendidos com seriedade, não existem para alimentar vaidade, mas para resgatar sentido.

Eles são portas abertas para o Mestre que percebe que sua jornada não terminou, mas também não pode continuar da mesma maneira.

Eles são chamados para uma disciplina mais profunda, onde o Irmão é obrigado a abandonar a superficialidade e aceitar que a verdadeira iniciação começa quando o homem deixa de buscar respostas rápidas e começa a aceitar perguntas que o acompanham por toda a vida.



E talvez seja esse o grande ensinamento oculto do Mestre após o Terceiro Grau.

O perigo não é cair. O perigo é parar.

Aquele que para, mesmo permanecendo na Loja, já começou a se afastar da Obra.

E a Obra, como toda construção viva, não aceita estagnação.

Ela exige que o homem avance, não em títulos, mas em verdade, não em cargos, mas em caráter, não em reconhecimento, mas em coerência, pois somente assim o Mestre continua digno de carregar o que lhe foi confiado e de sustentar, com firmeza silenciosa, aquilo que muitos proclamam, mas poucos realmente vivem.



O SEU LUGAR NO MUNDO?

Você sabe qual é o seu lugar no mundo, e se não estiver no lugar certo, ao perceber isso, teria coragem de mudar?

Esse pensamento surgiu meio tardio, sim, como um insight provocado por uma situação específica, hoje, 14/02/2026, às 11h30, enquanto eu assistia às Olimpíadas de inverno de Milão-Cortina 2026.

Lucas Pinheiro Braathen nasceu em Oslo em 19 de abril de 2000, filho de pai norueguês e mãe brasileira, e cresceu entre Brasil e Noruega, carregando desde cedo um duplo pertencimento que moldou sua sensibilidade e sua identidade, enquanto foi nas montanhas nevadas norueguesas que o esqui se tornou seu caminho, sem que o vínculo com o Brasil se perdesse.

Já adulto, destacou-se internacionalmente competindo pela Noruega, acumulando vitórias e pódios na Copa do Mundo, até que, em 2023, conflitos com a federação o levaram a uma pausa que funcionou como revisão e reafirmação interior, e em 2024 ele retornou ao circuito escolhendo representar o Brasil, num gesto que uniu raízes, experiência e propósito, abrindo uma nova etapa para o esporte brasileiro nos Jogos de inverno e culminando no ouro em Milão-Cortina, como síntese de disciplina, persistência e visão que ultrapassa limites meramente geográficos.

E então surge a pergunta inevitável: quantos de nós constroem uma vida inteira em um lugar onde não são reconhecidos, onde não são valorizados, onde passam anos convencendo a si mesmos de que aquilo é suficiente, mesmo sentindo, em algum ponto silencioso do coração, que poderiam ser mais, que poderiam crescer mais, que poderiam viver com mais sentido.

Muitos seguem assim até o fim, não por falta de capacidade, mas por medo, por comodidade, por apego, ou por uma espécie de resignação que lentamente se transforma em morte interior, aquela morte que não encerra o corpo, mas esvazia o espírito.

Esquecemos que temos somente uma vida, e que lutar pelo que acreditamos não significa abandonar tudo por impulso ou trocar uma história por uma paixão momentânea, mas sim fazer uma escolha madura, construída por reflexão profunda, por luta interna e por coragem de encarar as consequências.

A decisão de Lucas não foi simples, e dificilmente foi confortável.

É impossível não imaginar a pressão que sofreu, as noites mal dormidas, as incertezas, o peso da dúvida, o julgamento público, a sensação de abandono, e até a hostilidade que deve ter enfrentado, e ainda enfrentará, por ser visto como alguém que traiu o país onde nasceu.

Mas a verdade é que ele não recebeu ali o espaço que merecia, não lhe deram a oportunidade, não lhe ofereceram o lugar que seu talento exigia, e ele sabia disso.

Ele compreendeu que sua vocação era maior do que as paredes invisíveis que o cercavam, e assim como os navegadores antigos que se lançaram ao mar rumo a terras desconhecidas, sem garantias, sem promessas, mas movidos por uma convicção íntima que empurrava a alma para adiante, ele decidiu avançar.

E é aqui que essa história toca diretamente cada um de nós, porque todos temos um lugar no mundo, mas nem sempre estamos nele.

Claro que não se trata de conflitos passageiros, nem de se tornar um Irmão inquieto que passa por três ou quatro Lojas, saindo a cada discordância ou contrariedade, confundindo liberdade com instabilidade e maturidade com fuga.

Trata-se de algo mais profundo, de decisões conscientes, de escolhas difíceis, de abandonar uma estrutura que já foi lar, um rito que já foi referência, um grupo de Irmãos que já foi caminho, não por capricho, mas por perceber que ali, apesar de tudo, existe um limite que aprisiona o crescimento interior.

Sim, estou falando de uma Loja Simbólica. Sim, estou falando de um grupo de Irmãos.

Estou falando de um caminho filosófico e até de uma potência, já que temos três regulares e reconhecidas no Brasil, e até isso pode ser mudado. Não é fácil, e ninguém deveria romantizar esse tipo de decisão, porque toda mudança verdadeira cobra um preço, e toda expansão real exige renúncia.

Eu mesmo me identifico com isso, ao haver muitos anos, apesar de não ter conflitos graves com minha Loja Simbólica ou com a Perfeição, decidi seguir para o Rito de York, e foi exatamente esse passo que expandiu minha caminhada na Maçonaria e me conduziu até onde estou hoje.

Por isso digo, meus Irmãos, não se trata de abandonar nossas Lojas, nossos caminhos filosóficos ou nossas potências por qualquer motivo, mas sim de reconhecer, com honestidade, quando algo verdadeiramente toca nossa alma e nos diz, claramente, que há um chamado maior, e que permanecer onde estamos significa aceitar uma limitação que já não condiz com aquilo que nos tornamos.

Se esse chamado for real, profundo e inevitável, então talvez seja preciso seguir o exemplo do medalhista olímpico Lucas Pinheiro Braathen, que decidiu caminhar com verdade e coragem na direção do seu próprio destino.





RESUMO

Após atravessar tudo o que foi dito, torna-se mais claro que o Terceiro Grau não encerra o caminho do Mestre Maçom, ele conclui sobretudo a parte mais visível, aquela em que o símbolo ainda se apresenta como forma, narrativa e reconhecimento, enquanto a parte mais exigente começa quando o brilho externo se dissolve e o homem se vê diante do que não se resolve com fórmulas. Albert Pike lembrava, em linguagem severa e lúcida, que a Maçonaria não foi feita para entreter, mas para transformar, e quando o Mestre aceita essa exigência, ele percebe que a continuidade do caminho não depende de uma cerimônia mais bela, e sim de um tipo de silêncio interior que não se deixa preencher por frases prontas.

É nesse ponto que muitos compreendem, sem drama e sem desculpas, que receberam um Grau, mas ainda não acolheram um destino. A Maçonaria mostrou a porta, mas não atravessa por ninguém, e o que se decide ali é simples e profundo, ou o homem permanece obreiro, ou se acomoda como frequentador, repetindo formas sem permitir que elas se tornem vida. Como dizia Wilmshurst, a Arte não se limita a ensinar ideias, ela trabalha o homem, e esse trabalho solicita coragem para sair do conforto do conhecido.

Este fechamento, por isso, não foi escrito para convencer o Mestre a buscar mais Graus como quem busca vitrine, mas para reconhecer o instante em que a caminhada deixa de ser somente ritualística e se torna moral. A partir desse ponto, o que está em jogo não é a progressão externa, mas a coerência interior, esse fio invisível que sustenta o caráter quando não há aplauso, quando não há plateia, quando só resta a consciência diante da Obra.

Mestre, a estagnação quase sempre chega como conforto. Ela se apresenta como a sensação de que já se sabe o suficiente, de que já se fez o bastante, de que basta estar por perto, e então o espírito vai perdendo densidade como uma obra que continua de pé, mas para de crescer por dentro. Ralph Waldo Emerson, embora não seja uma voz interna da Maçonaria, enxergou com precisão o mesmo fenômeno ao dizer que a vida é mudança, e que permanecer igual é diminuir, e esse diagnóstico se aplica com dureza ao Mestre que troca trabalho por hábito.

Os Altos Graus, quando buscados com seriedade, não existem como prestígio, mas como disciplina. Eles exigem que o Irmão aprenda a guardar, vigiar e permanecer firme, pois quem não domina o próprio silêncio dificilmente sustenta qualquer luz sem deformá-la. Albert Pike insistia que o símbolo não é adorno, é linguagem, e linguagem só se torna revelação quando encontra um homem disposto a ser educado por ela, com paciência e retidão.

No Rito Escocês Antigo e Aceito, essa disciplina assume a forma de uma longa escola filosófica, onde o símbolo não atua como informação, mas como força.

O Mestre aprende a equilibrar dever e liberdade, fé e razão, firmeza e misericórdia, até compreender que a verdade não cabe em um sistema fechado, e que autoridade, quando se aproxima do cume, não se apresenta como privilégio, mas como peso moral. É por isso que tantos Irmãos descobrem, perto do alto, que a palavra mais importante não é glória, é responsabilidade, e que o auge não é novidade, é confirmação.

No Real Arco, por outro caminho, o Mestre encontra uma pedagogia igualmente exigente, construída por etapas, como se a própria linguagem simbólica dissesse que ninguém atravessa um portal interior sem antes aprender o valor do trabalho, da liderança e da conclusão de uma obra.

Nesse caminho, a progressão não é uma corrida, é formação, e a estrutura não é detalhe administrativo, é gramática iniciática, pois o Real Arco não se limita ao reencontro final, ele educa o homem para que esse reencontro seja possível e verdadeiro.

A diferença entre o Arco Real Inglês e o Real Arco Americano, nesse sentido, não se reduz ao modo de organização, ela revela também uma diferença de mentalidade.

No modelo inglês, ele surge como conclusão orgânica do Terceiro Grau, como se a última chave estivesse próxima, enquanto no modelo americano ele se torna parte central de um sistema completo, preparando o Mestre passo a passo, como se dissesse que não se chega ao Centro Sagrado sem antes aprender a concluir a Obra.

E quando o Irmão compreende isso, ele percebe que não existe contradição entre caminhos quando existe seriedade, porque o essencial não é a forma, é a intenção.

O Rito Escocês Antigo e Aceito e o Real Arco não precisam ser rivais, eles podem ser respostas diferentes para a mesma inquietação, a inquietação do Mestre que pressente que a vida interior não termina com um título.

Ambos oferecem ao Maçom aquilo que o Grau de Mestre já insinuava, mas que muitos preferiram não escutar, que a verdadeira iniciação começa quando o homem deixa de buscar conforto e busca sentido. Joseph Fort Newton escreveu que a Maçonaria é uma religião de ação, e essa frase, compreendida com maturidade, pesa mais do que qualquer ornamento.

Por isso, o erro não está em avançar, mas em avançar por vaidade.

O acerto aparece quando o avanço se torna aprofundamento de si, e o mérito real se reconhece na capacidade de servir com prudência, equilíbrio e fidelidade à Obra, como um pilar invisível que não exige aplauso para sustentar.

Como ensinava Preston, o verdadeiro valor do Maçom não se mede pelo que ele ostenta, mas pelo que ele edifica, e edificar, no fim, é uma forma de permanecer fiel ao que se prometeu.

E se este livro precisa encerrar para cima, ele deve encerrar com um chamado simples e decisivo.

O maior risco não é não subir, é parar por dentro, é transformar a caminhada em círculo, é confundir presença com trabalho e hábito com consciência.

Por isso, Mestre, saia do conforto da repetição e entre no território onde o símbolo é obra viva, procure os Altos Graus como quem busca disciplina e não vitrine, como quem deseja ser lapidado e não exibido, e trabalhe com constância, porque a continuidade se prova mais no serviço do que no discurso.

Siga até onde sua consciência permitir, seja no Real Arco, seja no Rito Escocês Antigo e Aceito, seja na convergência respeitosa entre ambos.

E ao chegar aos limiares mais altos, seja como Cavaleiro Templário, seja como 33, permita-se compreender a lição que se torna mais nítida quando o orgulho já cansou, que o auge não é possuir palavras, é formar Irmãos.

Os verdadeiros portais dos Graus se revelam com mais clareza quando o homem se dispõe a servir de coração, porque pode acontecer que uma palavra escutada mil vezes não abra porta alguma na mente, no coração e na alma, até que, no instante em que o Mestre estiver servindo com sinceridade e atenção, uma palavra, ou um silêncio, ou um gesto simples se converta, naquele momento, em chave iniciática.

E então ele compreenderá que o caminho não foi dado para colecionar degraus, mas para tornar-se luz útil, firme e discreta, capaz de sustentar a Sala de Loja, fortalecer a Obra e despertar outros Irmãos para o mesmo movimento de continuidade viva, pois quando um Mestre decide servir e formar, ele descobre que a maior elevação não é estar acima, é estar inteiro, e é nessa inteireza que a Maçonaria finalmente começa de novo, agora por dentro.





OS SEGREDOS DE SALOMÃO

A riqueza que não se gasta!

A juventude que não envelhece!

Meu irmão, não se trata de colunas de ouro nem de rubis guardados em salas ocultas, porque a riqueza que realmente vale a pena não é a que se acumula fora, mas a que se deposita na mente e na alma do Irmão, como repertório, lucidez, disciplina e amplitude de visão, algo que ninguém confisca e que se torna, com o tempo, uma espécie de capital interior que melhora escolhas, fortalece a liderança e devolve ao Mestre uma presença mais firme tanto na Loja quanto no mundo.

E também não se trata de anos a menos no corpo, porque isso pertence ao cuidado pessoal, ao sono, ao movimento, à alimentação, ao manejo do estresse e à prudência cotidiana, mas de uma juventude mais rara e mais decisiva, que nasce quando a mente volta a ser provocada por um conhecimento distinto.

A juventude desperta quando o símbolo volta a abrir portas, quando a consciência reencontra um caminho que exige estudo, discernimento e coragem, e o Mestre percebe que recomeçar, com maturidade, é uma forma elevada de permanecer vivo.

Ao evocarem os chamados Segredos de Salomão no horizonte da Perfeição Escocesa e do Real Arco, não se está diante de artifícios destinados ao enriquecimento material nem de promessas ligadas à restauração do corpo no tempo, mas de uma linguagem mais sutil, herdada de tradições antigas que sempre velaram o essencial sob formas simbólicas, cuja função é orientar a compreensão daquele que avança na Obra e aprende a discernir entre aparência e essência.

Essa tradição, que remonta à própria figura de Salomão como arquétipo de sabedoria e governo interior, sugere que todo segredo digno desse nome não se entrega como informação, mas se revela como maturidade adquirida, como um estado de consciência que se conquista no exercício contínuo do pensar, do agir e do servir, e é nesse sentido que tais segredos não pertencem ao campo do extraordinário exterior, mas ao domínio silencioso da transformação interior.

Trata-se, portanto, de uma chave de leitura, na qual a riqueza deixa de ser medida por acúmulo e passa a ser compreendida como densidade interior, como a capacidade de sustentar princípios mesmo diante da adversidade, e como a disposição de servir com inteligência e equilíbrio, enquanto a juventude se manifesta não na negação do tempo, mas na preservação da lucidez, na flexibilidade do espírito e na permanente abertura ao aprendizado, características que distinguem aquele que permanece vivo na Obra daquele que se cristaliza em certezas.

Tal compreensão encontra eco nas próprias tradições do Real Arco e da Perfeição Escocesa, que sugerem, por meio de seus graus e narrativas, que a verdadeira continuidade não está em repetir formas, mas em aprofundar significados, e que o Mestre que decide prosseguir não o faz por ambição de títulos ou distinções, mas por reconhecer que a Obra é maior que qualquer etapa já alcançada.

E talvez resida exatamente aí a herança mais autêntica que o Mestre leva consigo, não como posse, mas como responsabilidade, ao escolher continuar, recusando o repouso ilusório de quem acredita ter chegado, e aceitando, com sobriedade e consciência, que todo verdadeiro segredo é, em essência, um convite permanente a recomeçar em um nível mais profundo de compreensão.



EXISTE FIM?

Existe uma pergunta que acompanha o homem desde que ele começou a construir algo maior do que si.

É uma pergunta sobre o nosso destino: *Existe fim?*

Quando olhamos de fora, o fim parece claro, quase matemático.

No Rito Escocês Antigo e Aceito, o 33º Grau se apresenta como o cume, o ponto mais alto do sistema, o último degrau oficial de uma escada desenhada para conduzir o Maçom da pedra bruta até uma visão ampla de justiça, ordem, dever e soberania moral.

No Real Arco, ao percorrer o caminho completo do Rito de York americano, também existe um limite formal.

O Irmão chega à Comandaria, atravessa as Ordens de Cavalaria, recebe o Grau de Cavaleiro Templário e, para muitos, ali se encerra a jornada, como se o cavalo tivesse alcançado o portão final da cidade antiga e o peregrino já não tivesse mais estrada adiante.

Mesmo quando se adentram ordens paralelas, destinadas aos que presidiram e sustentaram o trabalho, ainda se preserva essa impressão de fechamento.

A Ordem dos Sumos Sacerdotes Ungidos, reservada aos que governaram um Capítulo, e a Ordem da Trolha de Prata, destinada aos que governaram um Conselho Críptico, surgem como coroações discretas de um serviço prestado, e parecem dizer ao Irmão que agora a história está completa, que o ciclo foi encerrado e que o restante é repetição.

Há uma beleza nisso, porque o homem precisa de marcos, e o espírito humano gosta da ideia de conclusão, como se toda caminhada devesse terminar em um altar silencioso, onde se pode pousar a espada e descansar.

Mas a Maçonaria, quando é vivida de verdade, não se comporta como uma coleção de degraus.

Ela se comporta como um continente, e um continente não tem fim, tem fronteiras que mudam conforme o explorador caminha.

O fim existe somente para o mapa administrativo. O fim existe somente para os livros de atas. O fim existe somente para a burocracia das instituições.

Para o homem interior, o fim é uma ilusão, porque cada grau, quando bem recebido, não encerra uma etapa, ele inaugura uma ferida de lucidez, uma abertura no espírito que faz nascer uma nova fome, não uma fome de títulos, mas uma fome de compreensão.

O iniciado que termina e se sente completo, porém é provável que ele não tenha concluído sua caminhada, ele somente chegou ao ponto em que parou de escutar e começou a raciocinar e colocar no papel o que grita de dentro de sua alma.

**É aqui que a pergunta muda de forma:
O que é, de fato, um fim?**

Porque há uma diferença essencial entre terminar um sistema e concluir uma iniciação. Terminar um sistema é cumprir uma sequência. Concluir uma iniciação é ser transformado por ela.

Um homem pode atravessar trinta e três graus e continuar o mesmo homem, somente mais instruído, e pode atravessar quatro graus capitulares e sair deles diferente para sempre, com um silêncio novo nos olhos e uma disciplina que não existia antes.

A iniciação não se mede pela quantidade de degraus, mas pela profundidade do golpe que o símbolo deixa na alma.

O que muitos não percebem é que o verdadeiro fim, quando ele existe, não é um número e sim quando o homem deixa de buscar a si.

Por isso, quando alguém diz que o 33º Grau é o fim, ele está certo e não está.

Ele está certo porque o sistema escocês foi desenhado para terminar ali. Mas ele não está certo porque o símbolo não termina.

O símbolo nunca termina. O símbolo, quando é autêntico, continua trabalhando depois que o avental é guardado, depois que a joia é colocada na gaveta, depois que a cerimônia termina e a Sala de Loja se apaga.

A verdadeira iniciação não termina quando o Irmão sai pela porta.

Ela começa quando ele volta para casa e descobre que o mundo já não parece o mesmo.

O mesmo ocorre no Real Arco. O homem pode concluir os graus capitulares e sentir que alcançou algo raro, e de fato alcançou, porque o Real Arco não é um simples apêndice.

Ele é uma linguagem própria, um eixo de revelação, uma ponte entre a tradição salomônica e a consciência do iniciado.

Mas mesmo ali, mesmo depois da Pedra Angular, mesmo depois da Palavra reencontrada, permanece uma sensação estranha, como se o Real Arco dissesse ao Companheiro algo que ninguém ousa dizer em voz alta, que o que foi encontrado não é um objeto, mas uma responsabilidade, e que aquilo que se descobre sob os arcos não é uma recompensa, mas uma tarefa.

Quando o caminho segue para a Comandaria e se chega às Ordens de Cavalaria, o símbolo muda de vestimenta, mas não muda de exigência. A espada, a cruz, o juramento e a disciplina não são adereços históricos, são um espelho moral. A Cavalaria, quando compreendida com maturidade, não é um teatro romântico.

Ela é uma escola de retidão. Ela exige do homem uma coerência mais dura do que a que ele costuma praticar.

E quando o Irmão termina formal desse percurso, ele se vê diante de uma pergunta que ninguém escreve nos manuais, mas que sempre paira sobre o coração de quem entendeu: **fui iniciado para receber ou para servir.**

É nesse ponto que muitos se perdem. Porque há uma armadilha nos altos graus. Ela não está nos ritos, nem nos corpos, nem nas ordens. Ela está no homem. É a armadilha de acreditar que o acúmulo de cerimônias equivale ao acúmulo de Luz. Não equivale.

Há homens com muitos graus que permanecem pequenos, e há homens com poucos graus que carregam uma grandeza silenciosa, porque compreenderam o essencial, que o símbolo é uma ferramenta de trabalho, não um troféu.

Ainda assim, seria mentira dizer que o caminho termina ali.

Porque o universo maçônico é maior do que aquilo que a maioria imagina. Ele é vasto, antigo e, por vezes, contraditório.

Existem caminhos iniciáticos que nasceram de necessidades diferentes, alguns por razões políticas, outros por busca espiritual, outros para preservar tradições, e por isso variam em tom e método, permitindo ao Irmão atravessar novas fronteiras de estudo sem que o horizonte se esgote.

Além das vias mais conhecidas, há trilhas discretas voltadas à pesquisa e à memória, que lembram que a tradição não é somente forma ritual, mas história viva.

O símbolo possui raízes antigas que solicitam maturidade para serem compreendidas, ensinando lealdade, vigilância interior, reconstrução e força moral.

Ainda existe um território mais sutil, na vizinhança com outras tradições de estudo e disciplina, onde o símbolo se torna tarefa e a depuração se torna medida, e diante de tanta variedade o risco não está em buscar mais, mas em buscar por fuga ou vaidade.

O fim mais perigoso não é concluir etapas, e sim perder o sentido, quando o símbolo já não toca e o ritual já não provoca silêncio, porque nenhuma estrutura substitui uma consciência desperta, e o caminho real, no fundo, sempre acontece no homem.

**E quando tudo se cala,
não é o homem que carrega a Luz,
é a Luz que passa a carregar o homem.**







Convivência, Ágapes

Rede de Relacionamentos

Há ainda um aspecto que poucos consideram antes de ingressar na Perfeição Escocesa ou no Real Arco, mas que rapidamente se torna um dos principais valores da caminhada, sendo a qualidade da convivência.

É importante compreender que isso não é o propósito central desses corpos, pois a finalidade maior continua sendo formação, aprofundamento simbólico e serviço, mas é justamente por essa seriedade que o ambiente se torna mais humano, mais estável e mais fraterno, como se o estudo e a disciplina naturalmente aproximassem homens que buscam algo verdadeiro.

Como as Sessões ocorrem, em regra, uma vez por mês, os ágapes não são rotineiros ou apressados, eles se tornam encontros especiais, preparados com cuidado, boa comida, boa bebida e tempo para conversar com tranquilidade.

É comum que Irmãos tragam algo para partilhar, um prato especial, um torresmo feito com dedicação, um doce tradicional, uma garrafa de conhaque ou vinho escolhido para a ocasião, e esse gesto simples cria laços que vão além da formalidade ritualística.

A própria frequência mensal transforma cada reunião em reencontro, e esse reencontro fortalece o vínculo e dá ao trabalho um sabor de família e continuidade.

Nesses corpos, o Irmão entende que não está entre colegas de Grau, mas entre amigos que se tornam reais, porque a convivência deixa de ser dispersa e tem centro, tempo e atenção.

Como ali se reúnem Irmãos das três Potências, vindos de diferentes Lojas Simbólicas, com trajetórias variadas e experiências que se somam, a rede se amplia com rapidez e consistência, algo que visitas isoladas muitas vezes levariam anos para construir.

O efeito prático aparece sem esforço, o Mestre passa a estar ligado, no plano humano e também no plano profissional, a um círculo mais amplo e qualificado, onde amizades se aprofundam, parcerias surgem com naturalidade e oportunidades se abrem como consequência de vínculos verdadeiros.

Assim, ao ingressar na Perfeição e no Real Arco, ele recebe não somente formação simbólica, mas também presença institucional ampliada e uma tessitura de relações que fortalece a Loja e repercute com sobriedade na vida no mundo, como bônus natural de um caminho que, antes de tudo, foi feito para lapidar o homem e ampliar sua capacidade de servir.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

(REAA E REAL ARCO)

1. Quanto tempo por mês preciso para participar do REAA e do Real Arco?

Resposta: Você participa uma vez por mês em cada corpo, sem exigir mais do que isso, e em muitos meses sequer há Sessão do seu Grau, tornando o caminho muito viável para quem trabalha e tem família.

2. E se eu não puder ir todo mês?

Resposta: Você pode faltar sem problema, sem críticas e sem cobranças, porque se entende que cada Irmão tem sua vida e que a caminhada filosófica é pessoal, feita no ritmo de cada um, porém é recomendável ter pelo menos 70% de frequência em 1 ano.

3. Corro o risco de me sentir pressionado?

Resposta: Não, porque o ambiente sério respeita a liberdade do Irmão e valoriza a constância possível, não a presença forçada, já que a formação é construída com tempo e maturidade.

4. Qual é a média normal de avanço nos graus?

Resposta: A média comum é cerca de dois graus por ano, tanto no REAA quanto no Real Arco, e isso já é considerado um ritmo saudável e realista.

5. Sou obrigado a avançar rápido?

Resposta: Não, você pode permanecer no mesmo Grau por um ou dois anos, se for de sua vontade, porque o mais importante é viver o conteúdo com profundidade, não acumular etapas.

6. Posso participar somente duas ou três vezes por ano, sabendo que meu avanço nos graus será mais lento e ainda assim fazer parte?

Resposta: Sim, pela participação ser compatível com a realidade de cada Irmão, e mesmo com presença mais espaçada, você continua aprendendo, convivendo e amadurecendo.

7. Então, por que vale a pena entrar se o ritmo é livre?

Resposta: Porque a força do caminho está na qualidade das Sessões e no impacto formativo, e não na quantidade de reuniões, e o Irmão vai assimilando com tempo, estudo e convivência.

8. O que a Loja Simbólica ganha quando um Mestre entra na Perfeição e no Real Arco?

Resposta: Ganha um Mestre mais bem formado, mais seguro para orientar Aprendizes e Companheiros, mais preparado para cargos e com mais rede de relações, aumentando a visibilidade e força institucional da Loja.

9. Entrar nesses caminhos faz o Mestre se afastar da Loja?

Resposta: Não, o efeito natural é o Mestre voltar mais útil, mais firme e mais eficiente no serviço da Loja, porque ele ganha repertório e maturidade.

10. O que muda na minha vida prática como Irmão?

Resposta: Você amplia seu círculo de convivência, aprende novos métodos de trabalho e liderança, e tem mais conteúdo para servir, instruir e representar sua Loja com mais consistência.

11. O que devo esperar do REAA na prática?

Resposta: Um percurso de formação moral e filosófica, com aprofundamento simbólico, que melhora sua postura, disciplina e capacidade de liderança, formando um Mestre mais completo.

12. O que devo esperar do Real Arco na prática?

Resposta: Uma continuidade iniciática que aprofunda o sentido do caminho do Mestre, com forte dimensão simbólica e restauradora, trazendo clareza interior e maturidade para sua caminhada.

13. Posso fazer REAA e Real Arco ao mesmo tempo?

Resposta: Sim, e é comum por a frequência ser compatível com a vida real e o ritmo é flexível, permitindo equilibrar Loja, família e trabalho.

14. Existe uma ordem ideal entre REAA e Real Arco?

Resposta: Existe uma ordem de afinidade pessoal e de organização local, e o melhor é começar pelo caminho que sua realidade permite e que mais conversa com sua busca, sabendo que ambos se completam.

15. Existe custo para ingressar e avançar nos graus do REAA e do Real Arco?

Resposta: Sim, existe, e esse custo normalmente aparece em forma de taxas de graus e aquisição de aventais, mas é algo leve e previsível, além de você poder fazê-lo no seu ritmo e bolso.

16. A mensalidade dos corpos filosóficos é alta?

Resposta: Não, é bem mais baixa do que uma Loja Simbólica, e no padrão que frequento e conheço, ela costuma ficar abaixo de cem reais por mês, considerando a realidade de fevereiro de 2026.

17. E se eu quiser avançar com tranquilidade financeira?

Resposta: Você pode avançar no ritmo que sua vida permite, porque se tiver tempo e disposição financeira dá para fazer dois graus por ano, mas se preferir pode fazer um grau a cada dois anos e a jornada fica suave, com custo diluído e sem peso, mantendo o aprendizado e a presença do mesmo jeito.

Relato pessoal (Flávio Dellazzana): *“Quando eu ingressei na Maçonaria Críptica, eu fiquei parado no Grau de Mestre Real do Real Arco por três anos, não por falta de vontade, mas porque eu quis esperar minha vida financeira estabilizar, e quando eu me senti confortável eu avancei naturalmente para o próximo Grau, o de Mestre Escolhido, com serenidade e sem pressa”*

18. Preciso assumir cargos nos corpos superiores?

Resposta: Não, você pode participar como membro, aprender e servir no seu tempo, e quando quiser assumir funções, fará isso com maturidade e preparo.

19. Preciso ser um Mestre muito experiente para entrar no REAA e no Real Arco?

Resposta: Não, basta ser Mestre regular e querer evoluir, porque esses caminhos existem para formar você progressivamente.

20. Esse caminho é para quem busca título?

Resposta: Ele é para quem busca formação e serviço, porque o ganho real é voltar para a Loja mais pronto para liderar, orientar e construir, e isso é o que dá sentido ao ingresso.

21. Qual é a razão mais objetiva para um Mestre entrar?

Resposta: Porque é um caminho de alto retorno com baixa exigência de tempo, feito com liberdade e respeito ao ritmo do Irmão, e devolve à Loja um Mestre mais forte, mais instruído e mais capaz de conduzir a Obra com qualidade.

22. Por que tantos Mestres sentem um vazio depois do Terceiro Grau?

Resposta: Porque o Terceiro Grau encerra com uma ausência que desperta fome de continuidade, e o Mestre percebe que sua jornada não terminou, ela somente mudou de nível.

23. O Real Arco realmente responde a essa sensação de que o Grau de mestre não está completo?

Resposta: Sim, porque ele foi feito para ser a continuidade natural do drama do Mestre, entregando uma experiência de fechamento e reencontro que dá sentido ao que ficou aberto.

24. O que o Mestre encontra no Real Arco que ele não encontra na Loja Simbólica?

Resposta: Uma linguagem própria, mais concentrada e mais elevada, onde a jornada do Mestre ganha coerência e profundidade, sem ser repetição do que já foi vivido.

25. O Real Arco é um caminho de estudo ou de experiência?

Resposta: É ambos, mas o impacto principal é vivido, porque o Mestre sente o símbolo organizar dentro de si aquilo que antes era somente pergunta.

26. Por que se diz que o Real Arco não é “mais um Grau”?

Resposta: Porque ele não acrescenta somente conteúdo, ele transforma a leitura do Terceiro Grau e faz o Mestre perceber que existia uma continuação esperando ser tocada.

27. O que muda na mente do Mestre depois que ele vive o Real Arco?

Resposta: Ele passa a compreender a Maçonaria com mais unidade, como quem encontra uma chave e, com ela, enxerga sentido onde antes havia somente ausência.

28. O que o REAA oferece que o Mestre sente na vida prática?

Resposta: Uma formação que melhora postura, disciplina, visão e liderança, tornando o Mestre mais seguro, mais firme e mais preparado para servir com consistência.

29. Qual é o “ganho invisível” do REAA que todo Mestre percebe com o tempo?

Resposta: Maturidade, porque o Irmão passa a decidir melhor, falar melhor, conduzir melhor e influenciar com mais equilíbrio, sem precisar de imposição.

30. O que o REAA tem de tão forte que muda o padrão de um Mestre?

Resposta: Ele cria escola, porque o Irmão entra em um ambiente que exige reflexão e elevação moral, e isso refina sua presença e seu modo de trabalhar.

31. Por que alguns Mestres acham que o REAA é política, e por que isso perde quando entram?

Resposta: Porque de fora se vê estrutura, mas por dentro se vive formação, e o Irmão percebe que a base é conteúdo, disciplina e consciência, e não jogo vazio.

32. Por que alguns Mestres acham que o Real Arco é um caminho paralelo, e por que essa impressão some na primeira vivência?

Resposta: Porque a primeira experiência já evidencia continuidade direta com o Terceiro Grau, como se a jornada do Mestre tivesse finalmente encontrado sua sequência natural.

33. O que faz com que tantos Mestres, ao atravessarem os Graus Superiores, confessem que gostariam de ter chegado antes a esse caminho?

Resposta: Porque ali compreendem que vieram para amadurecer um sentido, e quando esse sentido se revela com clareza, a Obra retoma sua respiração, volta a ser viva, e o que antes parecia distante se torna íntimo, como se o percurso inteiro finalmente encontrasse sua medida dentro de si.

Graus da Perfeição

REAA: Rito Escocês Antigo e Aceito.
Graus do 4 ao 33
Supremo Conselho do Grau 33º Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil (Grandes Lojas).
Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito (GOB)
Supremos da COMAB — Entre eles: Supremo Conselho de Santa Catarina do Rito Escocês Antigo (GOSC).

Rito Adonhiramita
SGCAB: Sublime Grande Capítulo Adonhiramita do Brasil, sede em Florianópolis — SC — Graus 4 ao 13
SCAB: Supremo Conselho Adonhiramita do Brasil — Antigo Excelso Conselho da Maçonaria Adonhiramita do Brasil, sede em Brasília — Graus 4 ao 33

Rito Moderno
Graus 4 ao 9

Rito Escocês Retificado
Mestre Escocês de Santo André
Escudeiro Noviço
Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa. Em certas jurisdições aparecem menções a dois graus superiores e reservados do Rito Escocês Retificado, associados a uma chamada Classe Secreta e identificados como Profès e Grand Profès, porém essa tradição não se apresenta uniformemente e quase nunca figura publicamente.

Emulação e outros Rituais Ingleses
Grau Complementar ao de Mestre: <i>Arco Real (Simbólico)</i>
Mestre Maçom da Marca / Nautas da Arca Real / Cavaleiro Templário Cavaleiro de Malta Graus Maçônicos Aliados: Grau de São Lourenço, o Mártir / Grau dos Cavaleiros de Constantinopla / Grau dos Grandes Cobridores de Salomão / Cruz Vermelha da Babilônia / Sagrada Ordem do Grande Sumo Sacerdote / Societas Rosicruciana in Anglia Royal Order of Scotland / Ancient and Accepted Rite / Royal Order of Eri / Order of Athelstan / Order of the Silver Trowel / Order of the Holy Royal Arch / Order of Knight Masons / Order of the Scarlet Cord / Order of the Secret Monitor / Order of Holy Wisdom / Order of the Red Cross of Constantine / Order of Royal and Select Masters / Order of St Thomas of Acon / Order of Knights Beneficent of the Holy City Order of Holy Royal Arch Knight Templar Priests

York Americano

Capítulo do Real Arco: Mestre de Marca, Past Master, Mui Excelente Mestre, Maçom do Real Arco e para quem presidiu o Capítulo, Ordem dos Sumos Sacerdotes Ungidos

Conselho Críptico: Mestre Real, Mestre Escolhido, Super Excelente Mestre e para quem presidiu o Conselho Críptico, Ordem da Trolha de Prata.

Comandaria Templária: Ordem da Cruz Vermelha, Ordem de Malta, Cavaleiro Templário e para quem presidiu a Comandaria Templária, Ordem dos Sábios Cavaleiros de Cristo*.

***Ordem** instituída no Brasil que procura unir a herança dos Cavaleiros Templários, o simbolismo das navegações portuguesas e o marco histórico da descoberta do país, apresentando-se como tradição oferecida aos Cavaleiros Templários.

Registra-se não haver Grau específico destinado a Comandantes Templários, embora tenha havido considerações sobre o seu desenvolvimento futuro.







BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, James. The Constitutions of the Free-Masons. Londres: W. Hunter, 1723.

ARNAUD, Claude. La Franc-Maçonnerie. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. The Temple and the Lodge. Londres: Jonathan Cape, 1989.

BARE, Jean. Histoire de la Franc-Maçonnerie. Paris: Presses de la Renaissance, 2002.

BÉRESNIAK, Daniel. Les Symboles de la Franc-Maçonnerie. Paris: Gründ, 1997.

BÉRESNIAK, Daniel. Les Rites Maçonniques. Paris: Gründ, 1998.

BÉROUD, Thierry. Franc-Maçonnerie, Histoire et Mythes. Paris: Dervy, 2014.

BOGDAN, Henrik; HAMMER, Olav (org.). Western Esotericism and Rituals of Initiation. State University of New York Press, 2016.

BOGDAN, Henrik; SNOEK, Jan A. M. (org.). Handbook of Freemasonry. Leiden: Brill, 2014.

BOGDAN, Henrik. In Search of the True Temple. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 2007.

BONNET, Jean-Claude. La Franc-Maçonnerie et les Lumières. Paris: Gallimard, 2011.

BULLEN, John. The Myth of the Grand Lodge. Londres: Lewis Masonic, 2010.

CASTELLANI, José. História do Grande Oriente do Brasil. São Paulo: Madras, 2006.

CASTELLANI, José. Maçonaria e Igreja. São Paulo: Madras, 2004.

COIL, Henry Wilson. Coil's Masonic Encyclopedia. Richmond: Macoy Publishing, 1996.

COOPER, Robert L. D. The Rosslyn Hoax. Londres: Lewis Masonic, 2006.

COOPER, Robert L. D. Cracking the Freemasons Code. Londres: Rider, 2010.

DAHL, Anders. Freemasonry and Fraternalism in Eighteenth-Century Europe. Londres: Routledge, 2019.

DELLA ROVERE, Francesco. Storia della Massoneria. Roma: Laterza, 2009.

DELLAZZANA, Flávio. A Ordem de Cavalaria. A Luz da Fé e o Fogo da Espada. 1. ed. s.l.: Clube de Autores, 2025.

DELLAZZANA, Flávio. História da Maçonaria e Origem do Rito de York. 1. ed. s.l.: Clube de Autores, 2024.

DELLAZZANA, Flávio. Maçom do Real Arco. Sob os Arcos da Antiga Aliança em Jerusalém. 1. ed. s.l.: Clube de Autores, 2025.

DELLAZZANA, Flávio. Mestre de Marca. A Arte de Deixar Marcas. 1. ed. s.l.: Clube de Autores, 2025.

DERMOTT, Laurence. Ahiman Rezon. Londres: T. Kingsbury, 1813.

DÉTRÉZ, Jean. Franc-Maçonnerie, Mythes et Réalités. Paris: Tallandier, 2012.

DIDIER, Charles. Les Hauts Grades Maçonniques. Paris: Dervy, 2001.

DUMONT, Louis. Homo Hierarchicus. Paris: Gallimard, 1966.

ECO, Umberto. O Pêndulo de Foucault. São Paulo: Record, 1989.

FAULKS, Martin. Um Palácio Mosaico. A Maçonaria e a Arte da Memória. Brasília: No Esquadro, 2025.

FERRER BENIMELI, José Antonio. La Masonería. Madrid: Alianza, 2002.

FERRER BENIMELI, José Antonio. Masonería, Iglesia e Ilustración. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1995.

FINDING, John E.; THACKRAY, John (org.). Events that Changed America in the Eighteenth Century. Westport: Greenwood, 1998.

FREEMASONS' HALL. Library and Museum of Freemasonry Catalogue. Londres: United Grand Lodge of England, 2018.

GENERAL GRAND CHAPTER OF ROYAL ARCH MASONS INTERNATIONAL. Constitution and Regulations. s.l.: General Grand Chapter, s.d.

GOULD, Robert Freke. The History of Freemasonry. 4 v. Londres: Thomas C. Jack, 1882–1887.

HAMILTON, Alastair. The Appeal of Freemasonry. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

HAMILL, John; GILBERT, Robert (org.). Freemasonry. A Celebration of the Craft. Londres: HarperCollins, 1992.

HARLAND-JACOBS, Jessica L. Builders of Empire. Freemasons and British Imperialism, 1717–1927. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.

HOBBSAWM, Eric. A Era das Revoluções. 1789–1848. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HODAPP, Christopher. Freemasons for Dummies. Hoboken: Wiley, 2005.

HUGHAN, William James. *The Origin of the English Rite of Freemasonry*. Londres: Kenning, 1884.

ISMAIL, Kenno. *Breviário Maçônico do Século XXI*. Brasília: No Esquadro, 2025.

ISMAIL, Kenno. *Desmistificando a Maçonaria*. s.l.: Universo dos Livros, 2012.

ISMAIL, Kenno. *O Líder Maçom. Como a Maçonaria tem formado líderes nos últimos séculos e colaborado para a felicidade da humanidade*. s.l.: A Trolha, 2014.

ISMAIL, Kenno. *Debatendo Tabus Maçônicos*. Brasília: No Esquadro, 2016.

ISMAIL, Kenno. *O Livro do Venerável Mestre*. Brasília: No Esquadro, 2018.

JACOB, Margaret C. *The Radical Enlightenment. Pantheists, Freemasons and Republicans*. Londres: Allen & Unwin, 1981.

JACOB, Margaret C. *Living the Enlightenment. Freemasonry and Politics in Eighteenth-Century Europe*. Nova York: Oxford University Press, 1991.

JONES, Bernard E. *The Freemasons' Guide and Compendium*. Londres: Harrap, 1950.

KISSANE, Noel. *Freemasonry and the Birth of Modernity*. Dublin: Four Courts Press, 2013.

KNOX, Ronald. *Enthusiasm. A Chapter in the History of Religion*. Oxford: Clarendon Press, 1950.

LANGLOIS, Claude. *Histoire de la Franc-Maçonnerie*. Paris: Que sais-je, 2016.

LE FORESTIER, René. Les Illuminés de Bavière et la Franc-Maçonnerie allemande. Paris: Aubier, 1969.

LEFÈVRE, Pierre. Les Hauts Grades. Paris: Dervy, 2005.

MACKENZIE, William. The Royal Arch. Its Origin and Development. Londres: Lewis Masonic, 2003.

MACKEY, Albert G. An Encyclopedia of Freemasonry. Chicago: Masonic History Company, 1914.

MACKEY, Albert G. The Symbolism of Freemasonry. Nova York: Clark, Austin & Smith, 1882.

MARTIN, David. The Lodge and the Cathedral. Londres: Penguin, 2009.

MARTINS, José N. Maçonaria no Brasil. História, Política e Sociedade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

MOLL, Friedrich. Geschichte der Freimaurerei. Leipzig: Brockhaus, 1913.

ÖNNERFORS, Andreas; SNOEK, Jan A. M. (org.). Freemasonry and Fraternalism in Europe. Sheffield: Equinox, 2010.

PIKE, Albert. Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry. Charleston: Supreme Council, 1871.

POLLARD, A. F. The Reformation. Londres: Longmans, 1911.

POPE-HENNESSY, John. The Italian High Renaissance and the Baroque. Londres: Phaidon, 1970.

PRESCOTT, Andrew; SNOEK, Jan A. M. (org.). Franc-Maçonnerie. Histoire, rites et symboles. Paris: CNRS Éditions, 2015.

RÉVAUGER, Cécile. La Franc-Maçonnerie. Paris: La Découverte, 2018.

RIDLEY, Jasper. The Freemasons. A History of the World's Most Powerful Secret Society. Londres: Arcade, 1999.

RIBEIRO, João Guilherme da Cruz. O Nosso Lado da Escada. Um Guia bem-humorado de história e ritualística do Graus Capitulares no Rito de York. s.l.: Cop Editora, 2012.

RIVIÈRE, François. Les Templiers et la Franc-Maçonnerie. Paris: Dervy, 2008.

SNOEK, Jan A. M. Initiating Freemasons in the Eighteenth Century. Leiden: Brill, 2012.

SNOEK, Jan A. M. The Evolution of Masonic Ritual. A Typology. Londres: Lewis Masonic, 2010.

STEVENSON, David. The Origins of Freemasonry. Scotland's Century, 1590-1710. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

STEVENSON, David. The First Freemasons. Scotland's Early Lodges and Their Members. Aberdeen: Aberdeen University Press, 1989.

SUPREME COUNCIL, 33°. Constitutions of the Supreme Council, 33°, A.A.S.R. Washington: Supreme Council, s.d.

United grand lodge of England. Book of Constitutions. Londres: United Grand Lodge of England, 2020.

WAITE, Arthur Edward. A New Encyclopedia of Freemasonry. 2 v. Londres: Rider, 1921.

WILKINSON, Philip. Maçonaria. Lisboa: Texto & Grafia, 2007.

WILLERMOZ, Jean-Baptiste. Rituals and Instructions of the Rectified Scottish Rite. Lyon: Éditions Tradition, 2004.

WILSON, David. Freemasonry. Symbols, Secrets, Significance. Londres: DK, 2014.



*A Obra deixa de ser leitura e se
torna respiração;*

*Existem portas feitas para ampliar a
Luz até que ela tome a vida inteira;*

*Nasce o desejo de
avançar por fidelidade;*

*Há caminhos em que o
coração reconhece, sem esforço,
que foi para ali que
Sempre esteve sendo preparado.*